

UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AMBIENTE E SAÚDE

AMÀBILE KIRCHNER

**FUTSAL FEMININO E PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO:
(IN)EXISTÊNCIA DE INFLUÊNCIAS NA SAÚDE MENTAL?**

LAGES

2022

AMÁBILE KIRCHNER

**FUTSAL FEMININO E PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO:
(IN)EXISTÊNCIA DE INFLUÊNCIAS NA SAÚDE MENTAL?**

Defesa de Dissertação de Mestrado, vinculada ao Curso de Mestrado em Ambiente e Saúde da Universidade do Planalto Catarinense, apresentado à Banca Examinadora de Defesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mareli Eliane Graupe

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Cleonice Gonçalves da Rosa

LAGES - SC

2022

Ficha Catalográfica

K58f Kirchner, Amabile.
Futsal feminino e performatividade de gênero: (in)existência de influências na saúde mental/Amabile Kirchner – Lages, SC, 2022.
116 p.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Planalto Catarinense.
Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Saúde da Universidade do Planalto Catarinense.
Orientadora: Mareli Eliane Graupe
Coorientadora: Cleonice Gonçalves da Rosa

1. Futsal. 2. Performatividade de gênero. 3. Saúde mental. I. Graupe, Mareli Eliane. II. Rosa, Cleonice Gonçalves da. III. Título.

CDD 796.3348

Catálogo na Fonte: Biblioteca Central

AMÀBILE KIRCHNER

**FUTSAL FEMININO E PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO:
(IN)EXISTÊNCIA DE INFLUÊNCIAS NA SAÚDE MENTAL?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ambiente e Saúde da Universidade do Planalto Catarinense, para obtenção do título de Mestre em Ambiente e Saúde

Aprovada em 08 de setembro de 2022

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Mareli Eliane Graupe
(Orientadora e Presidente da Banca Examinadora)

Prof.^a Dr.^a Cleonice Gonçalves da Rosa
(Coorientadora)

Profa. Dr.^a Neiva Furlin
(Examinadora Titular Externa - PPGEd-UNOESC)

Participação não presencial – Resolução 432/2020

Profa. Dr.^a Lucia Ceccato de Lima
(Examinadora Titular Interna - PPGAS/UNIPLAC)

DECLARAÇÃO DE ORIGINALIDADE

Declaro que os dados apresentados nesta versão da Dissertação para o Exame de Defesa de Dissertação são decorrentes de pesquisa própria e de revisão bibliográfica referenciada segundo normas científicas.

Lages, 08 de setembro de 2022

Amabile Kirchner

“Honrar a nós mesmas, amar nossos corpos, é uma fase avançada na construção de uma autoestima saudável”.

bell hooks

AGRADECIMENTOS

Não seria justo começar os agradecimentos sem citar minha amada mãe Edna Cimoni Waltrick Silva Kirchner que sempre esteve ao meu lado, sendo a minha inspiração de vida, meu porto seguro por estar sempre esteve me apoiando e incentivando em todas as minhas escolhas.

Agradeço ao meu amor Ricardo Alberto Antunes por ter me ouvido nos momentos mais difíceis e por ter me estimulado a continuar estudando.

Agradeço a minha grande amiga e colega de mestrado Camila de Liz Nunes por entender meus momentos afastada por causa dos andamentos da dissertação.

Agradeço as mestras Priscila Schneider e Kenny Secchi por serem minha inspiração como psicóloga e pesquisadora. Bem como aos colegas do Centro Acadêmico de Psicologia - UNIPLAC que acompanharam meus sonhos.

Agradeço aos meus amigos e colegas de trabalho da KNN Idiomas Lages por serem tão maravilhosos comigo todos os dias. Em especial, agradeço ao *teacher* Mateus Biazotto, a *teacher* Cassiane Souza e minha *teacher-cousin* Cecilia Vieira por demonstrarem interesse na pesquisa e fazer comentários lindos e pertinentes sobre a pesquisa.

Agradeço a Dr.^a Cleonice Gonçalves da Rosa por mesmo ter chegado no final do processo, ter sido tão presente e cuidadosa com a minha dissertação. Agradeço as examinadoras da minha banca: Lucia Ceccato de Lima e Neiva Furlin, pelas sugestões e considerações sobre meu texto. E por fim, a Dr.^a Mareli Eliane Graupe, a quem sempre me lembrarei nas minhas futuras pesquisas.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado está vinculada à Linha 1 “Ambiente, Sociedade e Saúde”, do Curso de Mestrado em Ambiente e Saúde da Universidade do Planalto Catarinense e aborda as temáticas de futsal feminino e performatividades de gênero. A sociedade no decorrer da história constrói representações sociais sobre o que é “ser mulher” e quais os comportamentos, as profissões que são consideradas apropriadas para as mulheres e para os homens. Com isso, é comum que aconteçam questionamentos advindos de preconceito de gênero quando uma menina ou uma mulher sinaliza seu interesse, e/ou seu ingresso no futsal, e em outros esportes culturalmente considerados como “masculinizantes”. Estes preconceitos de gênero resultam em situações sociais que influenciam à saúde mental das jogadoras. Esta dissertação teve como objetivo geral analisar se as construções sociais sobre performatividade de gênero influenciam na saúde mental das esportistas de rendimento. Tratou-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, em que a coleta de dados ocorreu por meio de “entrevistas semiestruturadas”, realizadas com cinco jogadoras, nos meses de abril e maio do ano de 2022. As narrativas foram categorizadas e interpretadas por meio da “Análise Temática”, e principais autoras utilizadas foram Judith Butler (gênero), Silvana Goellner (mulheres nos esportes) e Carol Ryff (saúde mental). Os resultados mais relevantes foram: a importância da família no estímulo ao esporte, o preconceito e discriminação de gênero ser mais presente nos primeiros anos do que na carreira profissional; discriminação de gênero em função da orientação sexual vivenciadas no âmbito das relações de trabalho, o racismo como o principal preconceito vivenciado pelas jogadoras. Em síntese, a saúde mental das jogadoras era mais impactada pela performatividade de gênero quando eram amadoras, por estarem aprendendo a estarem inseridas em situações em que eram reproduzidas práticas discursivas sobre masculinidade e feminilidade, o que foi sendo modificado ao longo da expansão do esporte feminino, bem como o crescimento pessoal e profissional das entrevistadas, as quais consequentemente passaram a identificar menos preconceitos e discriminações fundadas nas normativas culturais de gênero.

Palavras-chave: Futsal Feminino. Performatividade de Gênero. Saúde Mental.

ABSTRACT

This master thesis defence is linked to the first line of thought of Universidade do Planalto Catarinense's Master's degree in environment and health. This thesis had female futsal and gender performativity as its themes. Social roles estigmatize what is to be a woman and which behaviors are considered adequate for women and men throughout society's history. As such, it is usual the occurrence of statements coming from a place of gender prejudice, when a girl or woman demonstrates her interest in - or joining of - a futsal team, and also in other sports estigmatized as "masculinizing". This gender prejudice becomes a social situation that affects the female player's mental health. This thesis had as a general objective to analyse if gender performativity constructions affect the mental health of high performance female athletes. the Methodology was defined as a research of qualitative approach, for it uses as a data collection tool a 'semi-structured interview', the one which was done between the months of April and May, 2022. The narratives were categorized and interpreted through a "Thematic Analysis", and the main authors used were Judith Butler (gender), Silvana Goellner (women in sports) and Carol Ryff (mental health). The most relevant results found were: the importance of family's incentive for the practicing of sports, gender prejudice and discrimination being more present in the early years of their professional careers, racism as the main form of prejudice suffered by the players. In summary, the mental health of female players was more impacted by gender performativity when they were amateurs, but it was strengthened during the construction of their personal career as they conquered mastery of the environment in which they were inserted, even facing situations of prejudice and discrimination based on cultural norms of gender.

Keywords: Women Futsal; Gender performativity; Mental Health.

IMPACTO E CARÁTER INOVADOR DA PRODUÇÃO INTELECTUAL

O presente estudo apresenta relevância social, considerando que as narrativas das entrevistadas mostram como as representações sociais influenciaram desde quando elas eram jogadoras amadoras de futsal feminino, e continuam influenciando nos dias de hoje. As jogadoras do time profissional são de diferentes estados brasileiros e evidenciam sobre a necessidade da perseverança para que os seus sonhos sejam concretizados, o que as torna uma referência para meninas jogadoras no ensejo de praticar o esporte, e até em almejar, encontrar possibilidades de transformar o *hobby* em profissão, mesmo que acontecem percalços decorrentes de desigualdades, preconceitos e discriminações de gênero no âmbito futsal feminino. Este estudo possui um impacto inovador pelo fato de identificar que a saúde mental das jogadoras de futsal feminino era mais impactada pelas performatividades de gênero e pela reprodução das práticas discursivas sobre masculinidade e feminilidade, quando elas atuavam como jogadoras amadoras. Neste contexto esportivo observa-se que a busca por melhores chances no esporte, pela melhoria na forma física, técnica e tática das atletas gera impactos nos aspectos psicológicos, o que muitas vezes interferem no desenvolvimento da atleta. Outro dado relevante é a associação entre a saúde mental das jogadoras, as performatividades de gênero e o reconhecimento do potencial das jogadoras de futsal que conquistaram, nos últimos cinco anos, títulos importantes na área do futsal feminino, pois estas conquistas impactaram no autorreconhecimento e no reconhecimento de que “mulheres sabem jogar futsal”, e conseqüentemente, acarretaram na conquista de respeito e valorização do futsal feminino como uma profissão. Apresenta relevância científica ao contribuir com a produção de estudos com foco na intersecção dos estudos de gênero no futsal com a saúde mental.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação gráfica da proposta interdisciplinar associada ao estudo.....23

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Dimensões do Bem-estar Psicológico.....	54
Quadro 02 - Síntese do Perfil das participantes.....	62

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	19
2 JUSTIFICATIVA	22
3 PROBLEMA DA PESQUISA	25
4 OBJETIVOS.....	25
4.1 OBJETIVO GERAL.....	25
4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	25
5 REFERENCIAL TEÓRICO.....	26
5.1 FEMINISMOS E GÊNERO	26
5.1.2 SEGUNDA ONDA DO FEMINISMO	31
5.1.3 TERCEIRA ONDA DO FEMINISMO	35
5.1.4 QUARTA ONDA DO FEMINISMO.....	38
5.1.4.1 ALGUMAS LUTAS E CONQUISTAS RECENTES DA QUARTA ONDA	43
5.2 PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO	45
5.3 FUTSAL FEMININO	49
5.3.1 IMPLICAÇÕES DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO NO FUTSAL	50
5.4 A SAÚDE MENTAL NA CARREIRA DAS JOGADORAS	53
6 METODOLOGIA.....	56
6.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	56
6.2 LOCAL DO ESTUDO.....	56
6.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA	57
6.4 QUESTÕES ÉTICAS.....	58
6.5 PROCEDIMENTO DE COLETA E REGISTRO DE DADOS	59
6.5.1. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	59
6.6 ANÁLISE DE DADOS.....	60
7 RESULTADOS E DISCUSSÃO DE DADOS	62
7.1 PERFIL DAS PARTICIPANTES	62
7.2 A INFLUÊNCIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO BEM-ESTAR PSICOSSOCIAL DAS ATLETAS	63
7.2.1 HÉCATE	63
7.2.1.2 IRIS	64
7.2.1.3 HEBE	65
7.2.1.4 ÁRTEMIS.....	65
7.2.1.5 ATENA.....	67

7.3 PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO E ASPECTOS SOCIOCULTURAIS EM CONTRASTE COM O FUTSAL FEMININO	68
7.3.1 AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS DAS ATLETAS NO FUTEBOL E NO FUTSAL	68
7.3.2 INDICATIVOS RELACIONADOS A PRECONCEITOS E DISCRIMINAÇÃO EM VIVÊNCIAS ESPORTIVAS	70
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	74
ANEXOS	86
ANEXO 1 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA (CEP)	86
APÊNDICES	87
APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	87
APÊNDICE 2 – MODELO DIÁRIO DE CAMPO	89
APÊNDICE 3 – ROTEIRO DA ENTREVISTA	90
APÊNDICE 4 – ARTIGO REFERENTE AOS RESULTADOS DA DISSERTAÇÃO	901
APÊNDICE 5– COMPROVANTE DE SUBMISSÃO DE ARTIGO.....	108

1 INTRODUÇÃO

O esporte está ligado à vida humana desde os primeiros anos de vida dos sujeitos, costumeiramente vinculado ao lazer. Seja quando uma bola é entregue para a criança se distrair, quando acontece uma corrida pela casa, um pulo em distância de um sofá para outro, uma cambalhota na cama digna da ginástica olímpica, uma dança com um tecido como se fosse a ginástica rítmica, uma bola de papel para jogar no amiguinho, nadar no rio ou no mar, entre outras atividades.

Porém, segundo Kátia Rubio (2002), as práticas esportivas surgiram a partir das estratégias de caça na pré-história e foram aperfeiçoadas como tributo aos deuses olímpicos, de modo a estimular que os cidadãos gregos atingissem a purificação do espírito por meio dos exercícios físicos, pois assim equiparavam-se aos ideais de perfeição corporal atribuídos aos heróis e aos deuses.

Fazer parte das Olimpíadas e outros eventos esportivos, na Grécia Antiga era um modo de ascensão social, pois essas competições eram intrínsecas a fenômenos sociais, e principalmente as diferenças políticas entre cidades-estados e classes sociais (RUBIO; 2002). Exclusivamente na *polis* espartana era permitido que mulheres participassem dos treinos esportivos junto aos homens que iriam competir, em atividades que envolviam lutas corporais, como elencado por Paula Viviane Chiés (2006).

Essa autora e Marco Antonio Bettine Almeida *et al.* (2012), lembram que as atividades físicas eram atreladas à educação doméstica de mulheres, pois com o fortalecimento do corpo poderiam executar atividades que exigem força – enquanto seus maridos poderiam estar em guerras –, e teriam um corpo viril, resistente, robusto, preparadas para que concebessem e se tornassem mães de guerreiros sadios e vigorosos;

Cahuane Corrêa e Marcelo Moraes Silva (2018), mencionam que no mesmo período, em outros territórios gregos, mulheres eram proibidas de assistir e de participar dos jogos, pois era entendido que se tentassem treinar, se desviariam do padrão corporal requerido socialmente. Salientam que o corpo feminino era visto como frágil, valorizava-se a aparência jovem, esguio e de cintura fina, acompanhado de vestes ornadas com cabelos longos e sedosos.

As diferenças entre o que mulheres podiam ou não fazer nas *polis* são exemplos de que gênero não se resume às características anatômicas, mas que apresenta contexto baseado na construção cultural e histórica.

Em 1896, os Jogos Olímpicos foram recriados, financiados e adaptados à Era Moderna por aristocratas como Pierre de Coubertin, e como afirmado por Wagner Xavier

de Camargo e Carmen Silvia Rial (2009) e Rubio (2020) o evento foi adquirindo então *status* de maior competição esportiva entre os países.

Sergio Giglio Setani *et al.* (2018); Goellner (2005); Ankan Banerjee e Siya Manna (2020) citam que, assim como nas Olimpíadas gregas, houve o impedimento da participação de mulheres nos jogos, baseado no entendimento cultural de que o corpo feminino seria fraco, frágil e inferior as capacidades que poderiam ser conquistadas pelos competidores masculinos.

Os estudos citados acrescentam que a partir de 1900, na segunda edição do evento (Jogos Olímpicos), foi permitida a participação de mulheres, porém ainda a contragosto dos idealizadores do evento. Esse é um exemplo de uma falsa equidade, assim como a palavra “atleta” é uma palavra agênero, mas que carrega forte vinculação com a dominação masculina no esporte brasileiro, conforme mencionado por Kátia Rubio e Rafael Campos Veloso (2019).

Mesmo após quatro décadas dessa conquista mundial alcançada pelas mulheres, a exclusão delas no esporte era vigente na sociedade brasileira, como pode ser visto por meio da Lei 3.199/1941 e pela Deliberação nº 7/1965. Nas quais, instaurava-se que mulheres eram proibidas de praticar esportes que o Conselho Nacional de Desporto (CND) julgasse como incompatíveis a capacidade física do corpo feminino, tais como lutas, atletismo e o futebol de salão (BRASIL, 1941; CND, 1965).

Sobre isso, Goellner (2006) acrescenta que a prática dos esportes proibidos atraiu mulheres que eram indiferentes às convenções morais e sociais impostas, e assim elas assumiram uma posição de oposição aos discursos hegemônicos e as representações sociais vigentes na época.

Neilton Ferreira Júnior (2021, p. 63), complementa ao afirmar que “a prática esportiva é um campo de disputa política no qual se configuram e se reproduzem as mais diferentes relações de poder e hierarquias sociais em que o corpo feminino, inferiorizado e racializado, torna-se o alvo central”.

Em 1979, o decreto foi revogado permitindo que mulheres pudessem praticar esportes que eram anteriormente vistos como violentos ao corpo feminino como as modalidades de futebol, artes marciais, polo aquático e handebol (GOELLNER, 2005).

Resquícios culturais desses períodos históricos ainda podem ser visualizados desde a Iniciação Esportiva, quando crianças são separadas por gênero em aulas de Educação Física “sem perceber” e/ou quando as aulas são feitas sem treinos mistos. Com isso, a discussão sobre quais esportes que mulheres poderiam ou não praticar passaram a

permeiar o senso comum coletivo brasileiro por meio de representações sociais¹. Teresinha Chaves de Souza da Silva, Lucia Ceccato de Lima e Madalena Pereira da Silva (2022), afirmaram que o entendimento sobre a prática da Educação física escolar não deveria ser restrito às atividades corporais e do movimento, pois apresenta potencial de tornar-se um espaço de formação humana integral e de mobilização cognitiva, local onde o aluno pode assumir o papel de protagonista de sua aprendizagem, enquanto o docente agiria como mediador desse processo.

As autoras continuam a reflexão sobre essa produção de conhecimentos ser produtiva quando os jovens se envolvem com as metodologias ativas apresentadas, e conferem sentido/significado quando a disciplina oportuniza que estes raciocinem sobre suas atitudes e os objetivos de estarem ali. Elas ainda acrescentam que os alunos correlacionam as atividades com seus valores pessoais, linguagens e, emoções e sentimentos vivenciados.

Entretanto, como afirmaram Xenusa Pereira Nunes, Gáudia Maria Costa Leite Pereira e Julianeli Tolentino de Lima (2017), existem professoras² que diversas vezes, apresentam de forma explícita nas suas aulas de Educação Física o que esperam de cada gênero, o que pode acarretar uma configuração social de poder com níveis de hierarquia, estereótipos, distanciamento de uma equidade e respeito pela pluralidade.

Desse modo, reafirmando que concepções sobre “corpo feminino” fundamentadas em ideias biologistas, foram repassadas século após século, de uma sociedade para outra como “verdades absolutas”, de modo a reforçar a produção de corpos generificados dentro de contextos esportivos (GOELLNER, 2006).

Este constructo também é apresentado por Wagner Xavier de Camargo (2014), por ainda ser visto a divisão de provas em eventos esportivos que diferenciam as provas por critérios de gênero, pelo binarismo de ser “masculino” ou “feminino”, onde cada um tende a se encaixar ao que já está posto e não àquilo que se identifica.

Além disso, há casos de suposição acerca da sexualidade³ de atletas por causa dessa comparação do que seria ou não adequado para cada gênero.

¹ De acordo com Serge Moscovici (2013; p. 208) *apud* Cristina Barcelos da Silva; Gerson Tavares Carmo; Alessandra Maria Custódio da Silva (2015, p.64), as representações sociais são “aqueles modos de pensamentos que a vida cotidiana sustenta e que são historicamente mantidos por mais ou menos longos períodos; modos de pensamentos aplicados a objetos diretamente socializados, mas que, de maneira cognitiva e discursiva, as coletividades são continuamente orientadas a reconstruir nas relações de sentido aplicado à realidade e a si mesmo”.

² Usaremos a linguagem inclusiva no feminino para contemplar ao mesmo tempo o gênero masculino e feminino, especialmente porque essa dissertação aborda sobre as performatividades de gênero.

³ Silvana Vilodre Goellner, Sebastião Josué Votre, Ludmila Mourão e Márcia Luiza Machado Figueira (2009) conceituam sexualidade como sendo uma construção sócio-histórica, pois está relacionada a uma

Nesta perspectiva, as pesquisas de Mariana Zuaneti Martins *et al.* (2018) e de Rafaela Bevilaqua; Lucas Vicentini; Renato Francisco Rodrigues Marques (2019) apontam que meninas e mulheres relataram que se sentiram receosas em entrar para os esportes considerados historicamente como masculinos- por exemplo, futsal - e isto muda por meio do incentivo dos familiares (principalmente do sexo masculino), pois elas recebem seus principais estímulos para adentrar ao esporte.

Essa motivação depositada pela família pode ser encontrada ao longo de todas as etapas da carreira. Segundo Hélio Fádel (2018), os familiares ensejam o sucesso da jogadora, e deste modo, precisam aprender também a lidar com frustrações, idealizações relativas à oportunidade de alcançar melhorias de questões sociais ou pessoais.

O lidar com essa pressão dos outros ou de si mesma para conseguir bons resultados e classificações, é o principal fator na ótica de Marco Correia e António Rosado (2019) que fragiliza a saúde mental de jovens atletas e origina o medo de fracassar em seus objetivos.

Sobre esse tipo de saúde, Alfonso Martínez-Moreno (2017) afirma que quando a saúde mental está fortalecida, a atleta percebe como pode contribuir por meio de sua participação e desempenho, e assim pode auxiliar o técnico e a equipe interdisciplinar a identificar se alguma habilidade psicológica sua ou da equipe interfere no aproveitamento ou no êxito das experiências esportivas.

Mariana Zuanetti Martins *et al.* (2021) pontuou que os estudos acerca de outros aspectos presentes na trajetória da carreira esportiva feminina, como as relações sociais de gênero. Isto posto, a dissertação redigida a seguir utilizou como objeto de pesquisa analisar as narrativas de jogadoras de futsal do time Leoas da Serra sobre como a cultura influencia na saúde mental delas.

2 JUSTIFICATIVA

Minhas primeiras experiências profissionais relacionadas ao esporte feminino ocorreram em 2018, durante a graduação com a participação no Projeto de Extensão “Psicologia do Esporte”, onde atuava em um dos polos da “Escola das Leoas”, a qual tem como público-alvo meninas e adolescentes que estudam em escolas públicas e elas demonstram que querem seguir essa profissão pela inspiração passada pelas técnicas –

série de crenças, comportamentos, relações e práticas que permitem aos seres humanos (tanto homens, quanto mulheres) vivenciarem de determinada maneira seus desejos e prazeres corporais.

que são jogadoras profissionais - e para melhorar as condições socioeconômicas da família.

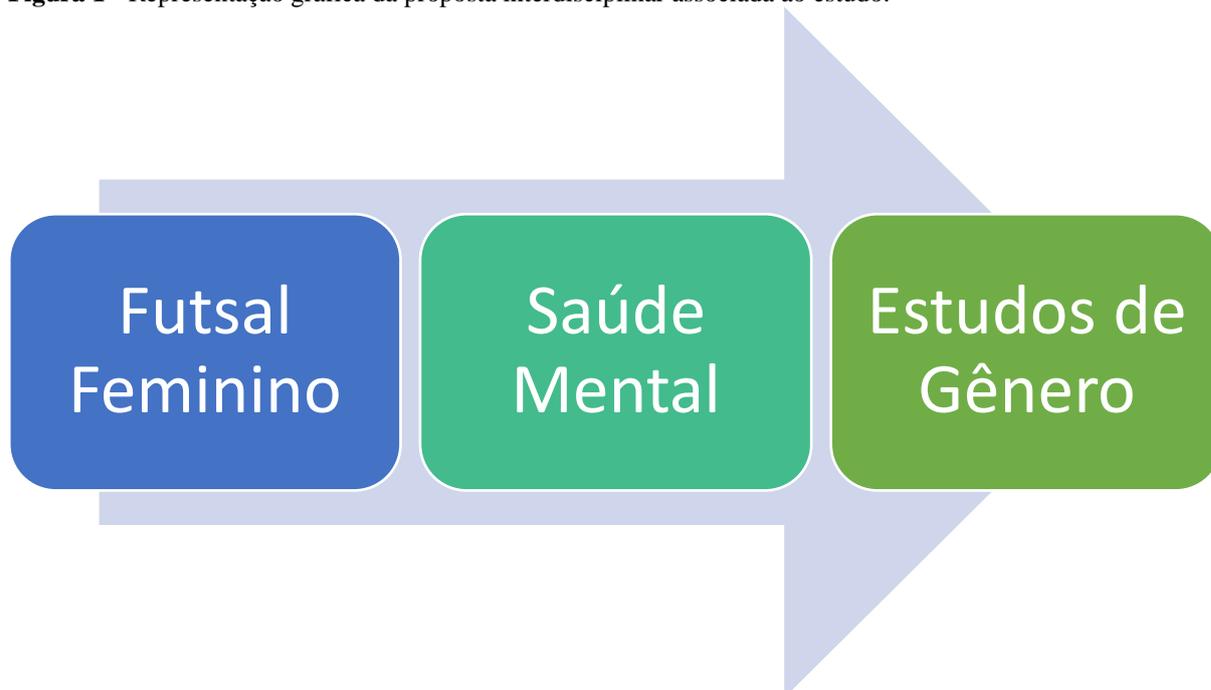
Por meio deste projeto, eram articuladas e aplicadas dinâmicas de grupo com objetivo de estimular a discussão e a reflexão de questões que podem aparecer antes, durante ou após as competições, fora ou dentro de quadra. Os assuntos mais recorrentes eram sobre o trabalho em equipe, enfrentamento da ansiedade e do estresse, autoconhecimento e técnicas para obtenção de bons resultados.

A experiência fez com que eu quisesse não só expandir minhas vivências, continuando como psicóloga-voluntária, mas também ampliar meu arcabouço teórico por meio da perspectiva interdisciplinar ofertada pelo mestrado, buscando assim me reinventar e saindo de zonas de conforto.

Para Claude Raynaut (2014), trabalhar na interdisciplinaridade é uma continuidade daquilo que foi ensinado na graduação, para que ocorra a possibilidade de abrir a mente e transpassar barreiras intelectuais, de modo a favorecer uma convergência de olhares e proporcionar a aprendizagem de práticas e instrumentos concretos.

A representação gráfica a seguir simboliza as temáticas científicas em que procurei e encontrei referências para fundamentar os trabalhos acadêmicos feitos para as disciplinas do mestrado, objetivando aprender sobre a construção desta dissertação. Parte das leituras foram realizadas em artigos de revistas relativas à Psicologia, Educação Física, Sociologia, Filosofia, História e ao Direito.

Figura 1 - Representação gráfica da proposta interdisciplinar associada ao estudo.



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O presente estudo apresenta relevância social, considerando que as jogadoras do time profissional são de diferentes estados brasileiros e evidenciam sobre a necessidade de buscar meios – como mudar de cidade/estado/país - para que os seus sonhos sejam concretizados.

Mas, ainda para que o futsal feminino seja aceito em todas as esferas da sociedade brasileira e, que as meninas e mulheres possam alcançar novas possibilidades de encontrar sua colocação profissional, precisamos enfrentar as desigualdades de gênero na carreira do futsal feminino.

Além disso, no processo de leituras orientadas e a construção de portfólios e revisões para elaboração dos temas da dissertação, foi perceptível a necessidade da expansão de estudos focados na saúde mental feminina. E em assuntos específicos como as narrativas das esportistas sobre saúde mental no futsal, bem como que abordem a intersecção dos estudos de relações de gênero⁴ com a saúde mental.

Assim, essa dissertação pretendeu ser relevante cientificamente sobre vivências das jogadoras de futsal feminino, as relações entre representações sociais e a performatividade de gênero⁵ presente no esporte, e quais suas implicações na saúde mental, a partir da apresentação da literatura científica e da análise das narrativas das esportistas.

⁴ Relações de gênero são “entendidas como construções sociais a partir dos estudos socioculturais, reforçam e legitimam os papéis dos atores sociais como instituições normativas da vida em sociedade (RUBIO; VELOSO, 2019, p. 53).

⁵ Judith Butler (2000, p. 152) afirmou que a performatividade de gênero não pode ser vista como um “ato” singular em um contexto “pois ela é sempre uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas. E na medida em que ela adquire o status de ato no presente, ela oculta ou dissimula as convenções das quais ela é uma repetição”. A seção 5.2 da dissertação redigida a seguir aprofundou sobre a teoria de Butler.

3 PROBLEMA DA PESQUISA

Em que medida a performatividade de gênero impacta na saúde mental das esportistas do time de futsal Leoas da Serra?

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

Analisar se as construções sobre a performatividade de gênero influenciam na saúde mental das atletas de futsal do time profissional das Leoas da Serra.

4.2 Objetivos Específicos

- a) Revisitar os principais referenciais teóricos sobre gênero, mulheres no esporte e saúde mental;
- b) Identificar quais são as representações sociais de gênero atreladas ao esporte;
- c) Discutir se as noções culturais de gênero têm algum impacto na saúde mental de esportistas.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 Feminismos e Gênero

A diferenciação sociopolítica imposta entre gêneros não é uma questão encontrada somente em recortes recentes. Violaine Sebillote Cuchet (2015), disse que esses registros remontam a Grécia Antiga, onde eram considerados cidadãos atenienses aqueles que participasse das discussões dos poderes deliberativos e judiciário.

Entretanto, esses locais eram ocupados por homens adultos e nos quais mulheres eram proibidas de frequentar sem a tutela do pai, marido ou outro membro masculino da família, e conseqüentemente sem possibilidade de opinar e de requerer argumentar em prol de suas próprias ideias e demandas (CUCHET, 2015).

No decorrer dos séculos as mulheres continuaram sendo entendidas como seres sociais inferiores aos homens. Céli Regina Jardim Pinto (2010), cita o período da Inquisição em que a Igreja Católica julgava implacavelmente aqueles que ela entendesse que estariam desafiando os seus princípios pregados como dogmas insofismáveis.

José Martínez Millán (2019), afirma que os registros documentais produzidos pelos Tribunais de Inquisição fundamentam que havia perseguição da Igreja e dos regimes monárquicos europeus, principalmente a quem advinha de classes mais populares sendo julgado não só a partir de questões de contexto religioso, mas também antropológico, sociais e de crenças enraizadas na população vigente.

Na idade média, a bruxaria era vista como uma característica feminina, e os pesquisadores Manuel Pérez e Paola Monreal estudaram uma série de casos e identificaram que essa era a principal acusação em processos, os quais tinham citações como: utilização de temas supersticiosos; amuletos, feitiços e ações objetivando atrair o parceiro desejado; feitiçaria erótica com uso de vegetais ou outro objeto referente aos elementos naturais (MILLÁN, 2019).

Conforme Selaelo Thias Kgatla (2020), existiram episódios em que mulheres eram castigadas e acusadas de bruxaria apenas por não desempenharem as expectativas referentes ao interesse dos homens, ou seja, por recusarem o domínio masculino em suas questões pessoais e indo contra os papéis de gênero impostos pela sociedade patriarcal.

O parágrafo anterior vai ao encontro de Millán (2019), que apresentou registros históricos que comprovam que a submissão de mulheres ao poder patriarcal era imposta pela Igreja e por classes superiores. Desse modo, o autor complementou que qualquer ato

entendido como transgressão ao que era determinado como o que aceito e o que era proibido de ser feito especificamente por mulheres, poderia ser julgado.

Dentre as mulheres que foram reprimidas por defender aquilo que acreditam podemos citar Joana d’Arc. Isabel Balza (2011), mencionou que essa personagem histórica cortou seus cabelos e transvestiu-se de homem para defender a França da invasão britânica, e mesmo tendo sucesso em sua empreitada foi queimada viva em 1431 por cometer, segundo a Igreja, o grave pecado de se vestir e comportar de modo exclusivo aos homens, com atos de insubordinação e rebelião.

O reconhecimento das mulheres enquanto detentora de direitos políticos e sociais é resultado de um longo e espinhoso caminho de luta. Carolina Bastos Siqueira e Elda Coelho Bussinguer (2020), apresentam que o movimento feminista questiona o papel atribuído às mulheres na sociedade como naturalmente inferior ao homem e limitada ao espaço privado, colocando em xeque as características ditas femininas relativas à passividade, ao cuidado e à domesticidade como um todo.

Mais do que isso, existem diferentes tipos de feminismos, cada um composto por sua própria versão de porquê aqueles eventos estão circunscritos em sua historicidade, com seu fluxo de ações, com seus pressupostos fundados com sua própria reflexão crítica e referenciais teóricos (PINTO, 2010). Assim, mesmo que tenham em comum o objetivo de reduzir a desigualdade entre os gêneros, quando eles são comparados acabam tanto se complementando, quanto se contradizendo (SIQUEIRA; BUSSINGUER, 2020).

Por isso, é difícil separar ou agrupar diferentes feminismos dentro de períodos históricos, pois cada um tem a sua própria caminhada e a evolução poderia estar acontecendo relacionada - ou não - aos eventos externos.

Nessa dissertação, seguiremos as divisões apresentadas tanto em Sonia E. Alvarez (2014), como por Alvarez (2000) e Nancy Fraser (2009) *apud* Marlise Matos (2010), fundamentadas no conjunto sócio-histórico do continente latino-americano. Elas podem ser denominadas como: Feminismo e o capitalismo estatal; Feminismo e o capitalismo Estatista ditatorial militarizado da América Latina (1960-1970); Feminismo e o “Novo Espírito da Capitalismo” (1980-1990) – Redemocratização e Crise Fiscal do Estado-Neoliberalismo; Século XXI – Feminismo e o pós-liberalismo.

Para melhor compreender esses períodos históricos – chamadas de ondas do feminismo pelas autoras citadas, com o objetivo didático de contextualizar os períodos históricos-, elencaremos seus principais marcos nas subseções a seguir.

5.1.1 Primeira Onda do Feminismo

Antes da expansão das fábricas nas grandes cidades, o cotidiano das mulheres estava diretamente relacionado a família, as necessidades domésticas e do campo (colheita e cuidado com animais), ainda que os homens deste período pudessem ser camponeses como as mulheres, seus papéis não eram os equivalentes, pois havia uma clara divisão do trabalho (SIQUEIRA; BUSSINGUER, 2020).

O homem ocupava o espaço de provedor, pois tinha liberdade de ir para outras localidades, comercializar o que a família produzia, fazer contatos profissionais com outros indivíduos e de administrar o dinheiro recebido (SIQUEIRA; BUSSINGUER, 2020).

Cristina Scheibe Wolff e Rafael Araújo Saldanha (2015), elencam que as principais lutas, mudanças e fonte de inspiração para futuros movimentos ocorreram a partir do século XIX na Europa com o Movimento Sufragista para o voto feminino. Pilar Errázuriz Vidal (2014), acrescentou que nesse período histórico eram perceptíveis que as implicações causadas pela expansão do capitalismo interlaçavam-se com as diferenças atribuídas ao papel das mulheres em relação ao papel do homem na sociedade.

Antes da intensificação do êxodo rural influenciado pela Revolução Industrial e guerras mundiais, o espaço das mulheres era unicamente ligado ao terreno do lar, pois era entendido que era função natural/biológica dela cuidar do marido (principalmente porque sem esse encargo, e oportunizava que ele pudesse trabalhar na terra e no comércio), dos filhos e da casa e, que por isso, não era digna de remuneração (SIQUEIRA; BUSSINGUER, 2020).

De acordo com Roberta Franco Massa e Bruno Meneses Lorenzetto (2019), a Europa ao findar do século XIX continuava acostumando-se aos impactos deixados após o fim da Revolução Industrial e a Revolução Francesa e

às mulheres não eram atribuídos direitos civis e políticos conforme as promessas de igualdade e liberdade, propagadas ideologicamente pela revolução burguesa. Fato é que o ideal revolucionário francês não contemplava as mulheres francesas. Entretanto, com a crescente industrialização dos grandes centros urbanos, estas mulheres, a quem não se reconhecia a titularidade de direitos, foram aquelas que passaram a ocupar as fábricas e que ofereciam mão de obra útil e barata (MASSA; LORENZETTO, 2019, p. 66).

Ainda que mulheres tivessem participação ativa nos andamentos da Revolução Francesa, foram descartadas de garantias postuladas pelos “Direitos do Homem” e a figura feminina continuava a ser ilustrada como sendo frágil, dependentes e subservientes à hegemonia masculina (VIDAL, 2014).

Por não poderem votar, as mulheres não gozavam de uma autonomia cidadã frente ao Estado e não tinham voz política para contestar as degradantes jornadas de trabalho, entretanto essa situação acabou se tornando terreno fértil para o estopim de reivindicações sociopolíticas (MASSA; LORENZETTO, 2019).

Podemos destacar, como exemplo, grupos específicos de mulheres que lutaram por seus direitos, as operárias brasileiras pertencentes a “União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas” que estão presentes nos estudos de Beatriz Luedemann Campos (2021), Simone Taieti e Ricardo Emilio Zart (2017) e Céli Regina Jardim Pinto (2003) .

O movimento sufragista surgiu a partir de mulheres pioneiras no Reino Unido almejando conquistar o direito do voto e não se amedrontaram para expor reivindicações em espaços públicos, e não se importando em serem presas ao marcharem nas ruas para protestar, fazer manifestações de greve de fome, ou sacrificando a própria vida como a sufragista Emily Davison que se pôs no caminho do cavalo do rei em um evento hípico para chamar a atenção para a causa (PINTO, 2010).

Integrantes do movimento sufragista também protestaram agressivamente em espaços menores, privados, fechados, como em instituições de artes, nas quais Julia Moura Godinho e Miriam Pillar Grossi (2020), contextualizaram que estavam sendo expostas e promovidas obras que perpetuavam ideias conservadoras sobre o que seria culturalmente uma mulher ideal.

No mesmo período no Brasil, ocorreram também atividades sufragistas. Inspirada pelos eventos vivenciados na Europa, a bióloga Bertha Lutz retornou ao Brasil em 1910 com o ensejo de replicar a onda com propósito relacionado à abertura da participação política das mulheres por meio do voto (PINTO, 2010).

Sua trajetória inclui a fundação da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, com o objetivo de organizar mulheres e sair em campanha pública pelo voto, chegando a entregar em 1927 um abaixo-assinado para reforçar a importância do Projeto de Lei - o qual foi atribuída a autoria ao Senador Juvenal Larmartine - que estava tramitando pelo Senado, e se aprovado dava o direito de voto às mulheres (PINTO, 2010).

Laila Maia Galvão (2016) relembra que a liberação do voto feminino pelo Código Eleitoral foi conquistada somente no dia 24 de fevereiro de 1932, cinco décadas após a República ser instaurada no Brasil.

Coincidentemente - ou não - no mesmo ano em que as mulheres brasileiras conquistaram o direito ao voto, Maria Lenk foi convocada para os Jogos Olímpicos de

Los Angeles, e assim foi a primeira mulher latino-americana a ser convocada na história das Olimpíadas e representou o Brasil nas provas de natação (RUBIO; VELOSO, 2019).

Os autores acrescentam que ela participou na edição seguinte, mas também participaram na mesma modalidade sua irmã Sieglind Lenk, Piedade Coutinho, Helena de Moraes Salles, e Scylla Venâncio, e nesse caso, reafirmando sobre o incentivo para que mulheres participassem de esportes entendidos culturalmente como delicados e adequados para os seus corpos.

Todavia esse pressuposto não era restrito a clubes brasileiros. Patrícia Lessa e Sebastião Josué Voter (2013), relembram que nesse período histórico era comum que mulheres atletas, após serem rotuladas como suspeitas de uma “feminilidade duvidosa”, fossem submetidas⁶ a testes e exames ginecológicos para comprovação de que não seriam homens disfarçados.

Voltando a falar sobre a Olimpíada de Berlim em 1936, houve a participação de Hilda Puttkammer na esgrima, e esta foi pioneira no esporte porque assim como Maria Lenk, também foi a primeira a representar a América Latina em seu esporte (RUBIO, 2017). Além disso, a atleta é lembrada na história feminista olímpica pois

Doze anos depois foi convidada a participar dos Jogos Olímpicos de Londres, em 1948, porém não pôde aceitar a convocação. Ciente da importância de uma presença feminina, liderou então um movimento para a realização de seletivas para que outra atleta fosse em seu lugar. Essa atitude considerada uma rebelião lhe custou o banimento do esporte olímpico, mas foi acolhida por seu clube, onde assumiu o cargo de diretora honorária da modalidade (RUBIO, 2017, s.p).

A aceitação das mulheres sportistas também pode ser identificada na narrativa de Melânia Luz, quando ela disse “Eu fiquei na história. Eu também competi. Não é que me deixaram” em entrevista a Ferreira Júnior (2021, p. 63). Essas frases são significativas pois ela foi a primeira mulher negra, brasileira nas Olimpíadas, e assim, rompendo com a presença massiva de mulheres brancas nas delegações.

⁶ Importante citarmos que a privacidade das mulheres era violada, sobretudo nas exposições dos resultados. Lessa e Voter (2013) contam que em 1930, a corredora Zend Koubrova regressou para a República Tcheca após ter seus genitais ambíguos divulgados por meio de uma foto publicada sem sua permissão, essa humilhação pública fez com que ela se mantivesse reclusa em sua casa durante anos. A contestação de gênero também foi marcante na rivalidade da corredora polonesa Stella Wash vs. a americana Helen Stephens. Pois a primeira acusou midiaticamente a segunda de ser um homem, devido ter conseguido a medalha de ouro na Olimpíada de 1936, o que, entretanto, foi negado depois do exame ginecológico (LESSA; VOTER, 2013; CAMARGO, 2017). Curiosamente, após Stella Wash ser morta em um latrocínio, sua autópsia foi divulgada e foi comprovado que ela era intersexo pois continha caracteres femininos visíveis, mas também genitália masculina atrofiada (LESSA; VOTER, 2013; CAMARGO, 2017).

Mesmo com apoio para que ela praticasse atletismo e participasse de competições nacionais e internacionais, os custos pagos pelo clube em campanha olímpica se restringiam a hospedagem e alimentação durante os dias de competição (FERREIRA JÚNIOR, 2021). Por essa razão, ela afirmou na entrevista que tinha de trabalhar de dia como técnica de laboratório e treinar no período da noite, e sua carreira esportiva findou-se quando ela completou 25 anos, devido a não conseguir conciliar as duas rotinas.

5.1.2 Segunda Onda do Feminismo

A força mundial dos movimentos feministas foi decaindo entre décadas de 1930 a 1960, porém a inquietação e as demandas requeridas pelas mulheres ainda existiam, as quais foram escritas e refletidas filosoficamente como no marco histórico “O segundo sexo” Simone de Beauvoir, publicando em 1949 (PINTO, 2010).

Outros setores da sociedade também estavam mudando, pois, esse período foi marcado pelos impactos da 2ª Guerra Mundial (1939-1945) e suas consequências⁷. Também, é importante citar os anos 1960, período em que os Estados Unidos com seu poder bélico e a Guerra do Vietnã⁸, a qual foi um importante recorte social que reverberou mundialmente.

Um dos clássicos movimentos norte-americanos dessa época, é a comunidade hippie Haight-Ashbury da Califórnia⁹, que construiu uma identidade com seu lema de “Paz e Amor”, uma nova forma de viver a vida, indo contra os valores morais e que eram pregados pelo Estado (PINTO, 2010).

Outros marcos da época foram a liberação da comercialização da pílula anticoncepcional, o crescimento de debates contrários aos requisitos das instituições matrimoniais como a obrigatoriedade da virgindade feminina até a noite de núpcias, pois o coito era visto unicamente para reprodução ao invés de ser uma fonte de prazer (GROSSI, 1998).

⁷ Waleska Vigo Francisco, Juliana Ferreira dos Santos e Katia Rubio (2022) citam o considerado maior genocídio da história humana: o Holocausto. Conceituam-no como “um dos acontecimentos mais limítrofes da ordem da violência contra seres humanos, porém as condições de subalternidade, coerção, estranhamento, repulsa e extermínio populacional - mesmo que transmutadas - permanecem aniquilando o exercício da dignidade de diversos coletivos atuais (p. 95)”.

⁸ Para conhecer a história da Guerra do Vietnã a partir da ótica de mulheres jornalistas, escritoras e/ou ativistas, recomendo o artigo de Mariana Miggiolaro Chaguri (2022).

⁹ **Haight-Ashbury** localizado na cidade de São Francisco, na Califórnia, popularmente chamado de The Haight. É conhecido como um movimento hippie na de 1960 nos Estados Unidos. Mais informações em: <https://www.saofrancisco.net/haight-ashbury>

Enquanto isso na Europa, na capital da França aconteceu o “maio de 1968” onde acadêmicos ocuparam a Sorbonne, questionaram a ordem acadêmica estabelecida há séculos, buscaram formar alianças com operários, e demonstraram a própria desilusão com os partidos burocratizados da esquerda comunista (PINTO, 2010).

Como citados nos parágrafos anteriores, os panoramas sociais norte-americano e europeu respiravam a possibilidade do surgimento e enfrentamento de movimentos libertários. Contudo, os países latino-americanos apresentavam um contexto atípico: o surgimento de Ditaduras Militares, um momento de repressão da luta política em todo o continente, obrigando os grupos de esquerda a irem para a clandestinidade e partirem para a guerrilha (PINTO, 2010).

Desse modo, as pautas feministas nesse período na América latina giravam em torno do ensejo de incorporar a justiça política dentro do capitalismo estatal, e como resistência à: militarização de governos; ao androcentrismo; a exaltação da figura masculina como figura de poder político-ditatorial (MATOS, 2010).

Neiva Furlin (2020), destaca o Brasil e o Chile como países que tiveram o crescimento e ascensão de pautas feministas junto com a luta pela democratização em contextos distintos durante a ditadura. Tal experiência foi terreno fértil para posteriormente as mulheres reivindicarem o reconhecimento de seu protagonismo e a criação de mecanismos institucionais voltados à promoção de políticas públicas em vista de melhores condições de vida e de direitos que antes eram negados para mulheres.

Assim, os movimentos feministas ressurgiram com discursos voltados a crítica enfática aos diferentes olhares ofertados em relação de poder entre homens e mulheres, reivindicando a sociedade a repensar a presença delas no campo organizacional, na vida pública, na educação, e na ressignificação de relacionamentos afetivos, onde que a mulher se sinta livre e com autonomia para decidir ¹⁰ sobre sua vida e seu corpo (PINTO, 2010).

¹⁰ Sobre isso, podemos citar as falas da amazona Lucia Simões, que também participou dos Jogos Olímpicos de 1968, ao ser perguntada por Dhênis Rosina (2017, p.184) sobre o casamento e a maternidade, relatou que havia atrasado sua vida familiar por optar em se casar aos 30 anos – ao contrário de suas amigas que estavam noivas aos 24 - e ter filhos quando era “nova ainda, tinha trinta e poucos anos”.

Aída Santos¹¹ foi uma das atletas que inspirou a luta de mulheres nos esportes na época da ditadura, principalmente por praticar provas de atletismo que eram proibidas¹² pelo Conselho Nacional de Desportos.

Nos Jogos Olímpicos de Tóquio em 1964, era a única brasileira na delegação, e por estar sozinha em um país culturalmente diferente – nem mesmo contando com a companhia de seu técnico - enfrentou diversas dificuldades como por exemplo não conseguir entender as orientações dadas apenas em japonês e/ou em inglês sobre a prova de salto em altura que iria realizar (COB, 2022; GLOBO ESPORTE, 2022).

Ao jornal O Globo – entrevistada por Thalita Pessoa (2016) - contou que não pode participar da Olimpíada de 1972 como imposição punitiva e de silenciamento, por ter cedido uma entrevista na qual ela confirmou sobre as dificuldades que ela como uma mulher negra, pobre e favelada enfrentou nos jogos de Tóquio.

De forma a acrescentar sobre atletas negras de destaque, Farias (2011), conta também a história da nadadora Eliane Pereira que desde a infância, sofria discriminações por causa de sua cor de pele e classe social, características incomuns neste esporte elitista. Mencionou que aos 11 anos, Eliane se tornou campeã carioca e brasileira, marco importante para disputar os Jogos Pan-Americanos de Winnipeg (Canadá) quando tinha 14 anos e, com 18 anos o Pan-Americano seguinte em Cáli (Colômbia).

Farias (2011), retomou uma fala que havia sido coletada por ela por meio de uma entrevista cedida pela nadadora em 2008, onde a atleta contou sobre um episódio que ocorreu em um *shopping center*¹³ em Winnipeg, onde suas colegas brancas a deixaram sozinha, sabendo que Eliane não falava inglês.

¹¹ Em entrevista a Rosina (2017), a atleta contou que o dinheiro fornecido pelo clube de atletismo era somente para as passagens, mas sua família precisava deste para a alimentação, ela não conseguia manter a frequência nos treinos. Ela relatou também que devido as situações de fome sofreu episódios de desmaios. Na mesma entrevista, contou que nas Olimpíadas de 1964, não continha seu próprio material esportivo e que se comunicava com atletas de outros países por meio de mímica e imitação, o que mesmo que tenha sido difícil garantiu a ela o quarto lugar. Ainda, na entrevista citada, relatou que nas Olimpíadas de 1968 se lesionou (o que era impossível de acontecer com mulheres segundo o seu técnico) por não ter se aquecido, e mesmo com as advertências da equipe médica, competiu na prova de pentatlo.

¹² O conselho postulava que caso as mulheres praticassem salto triplo, salto com vara, pentatlo e o decatlo, elas estariam enfrentando choques constantes com o solo, e assim causando danos irreparáveis ao aparelho reprodutor (FARIAS, 2011).

¹³ Na mesma entrevista, Farias questionou sobre a atleta não ter participado das Olimpíadas de 1972 apesar de ter consigo índice de classificação, e Eliane respondeu que os dirigentes levariam somente a equipe feminina de revezamento, excluindo as inclusas em provas individuais. Entretanto, Farias (2011) encontrou uma contradição dessa fala - talvez por não querer lembrar as exclusões e limites, nos quais foi obrigada a vivenciar - com os dados presentes que a autora da entrevista encontrou em COB (2004), que citava três atletas brancas com destaque para Christina Bassani Teixeira que era considerada internamente como adversária de Eliane. Com análise da narrativa, Farias (2011, p. 920) sugeriu que “Possivelmente, para evitar a explosão de (res)sentimentos e ódios recalçados numa nova disputa, os dirigentes militares brasileiros preferiram não a levar como representante do país numa olimpíada, ainda mais que o episódio anterior de abandono, vivido nos Jogos Pan-Americanos de 1967, já havia provocado a ‘repressão’ das

Mas também é importante citar sobre os atos de resistências que foram feitas a partir do desempenho de outra mulher negra no atletismo: Irenice Maria Rodrigues. Farias (2012), em sua análise da matéria do *Jornal dos Sports* (1967), ressalta que Irenice competia e quebrava recordes em provas do Pan-Americano de Winnipeg (Canadá) no ano de publicação dessa matéria citada e nas eliminatórias para as Olimpíadas do México, realizada no ano seguinte.

Os tempos conquistadas resultaram em elogios do médico da delegação brasileira Waldemar Areno. A autora explica que ele produzia estudos para entender os resultados de atletas olímpicos, porém, ainda por meio de um

ponto de vista machista, frisando a “resistência incomum” de uma mulher nessa prova – fato bastante contestável, já que o desempenho e o alto rendimento das atletas dependem, acima de tudo, do treinamento e desenvolvimento de suas habilidades técnicas e potencialidades físicas, como ele mesmo reconheceu – revelava como a consciência de gênero corporificada por Irenice cotidianamente era bastante desafiadora, ainda mais se consideramos a desconfiança com a qual o regime militar encarava qualquer forma de resistência e manifestação individual e coletiva (FARIAS, 2012, p. 25).

Em sua trajetória esportiva, Irenice assumiu uma postura de liderança por não concordar com as restrições, empecilhos, indiferenças masculinas, discriminações cotidianas e regras de obediência impostas por dirigentes militares, e ao utilizar seu corpo como reflexo de seu comportamento político¹⁴ transgressor, conseguiu que técnicos e médicos reavaliassem como julgavam o esporte feminino (FARIAS, 2012).

A maioria dos chamados esportes coletivos eram proibidos às mulheres pelo Decreto Lei 3.199, e por isso esses esportes não tinham representantes femininas em competições. Com a revogação deste decreto em 1979 e coincidindo com o período de enfraquecimento da ditadura, houve a multiplicação de competições regionais, nacionais e internacionais (RUBIO; VELOSO, 2019).

Dessa maneira, Rubio e Veloso (2019), explicam que houve a expansão da participação feminina na delegação brasileira nas Olimpíadas de Moscou em 1980, sobretudo nas modalidades de tiro com arco, ginástica artística e voleibol (primeira equipe

nadadoras que a deixaram sozinha no *shopping center*, dada por um brigadeiro chefe da delegação brasileira”.

¹⁴ Embora não haja registros de que a atleta participou de “movimento grevista entre atletas de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e da Guanabara contra os desmandos do COB (*Jornal dos Sports*, 2017, p. 2) *apud* Farias (2012, p. 25)”. Irenice era sim participante do grupo, e enaltecia outras mulheres negras que praticavam o atletismo e amplificava as suas vozes, e não tinha medo de expor sua indignação mediante as condições de vida e treinamentos a que eram submetidas (FARIAS, 2012).

coletiva feminina na competição) e na de Los Angeles em 1984, no tênis, nado sincronizado, ginástica rítmica e, tiro esportivo.

5.1.3 Terceira Onda do Feminismo

Com o fim da ditadura brasileira, segundo André Pizetta Altoé e Marinete dos Santos Silva (2017), houve mudanças nas questões norteadoras das lutas feministas e no perfil das pessoas que participavam dos movimentos.

De acordo com Lucas Moraes e Maria do Socorro Osterne (2017), alguns segmentos que eram invisibilizados - como mulheres (principalmente negras e indígenas) e indivíduos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais) - puderam alcançar espaços de ação e de diálogos dentro de uma democracia participativa a partir dos anos 80, resultando na criação e planejamento de políticas públicas.

Thaiga Danielle Momberg e Marcos Roberto Vieira Garcia (2019), complementam que as bandeiras feministas da época eram principalmente relacionadas a discriminações e estigmatizações refletidas – enraizadas desde o período colonial - em representações sociais relativas a supostamente trabalhar com atividades domésticos é destino natural de mulheres negras e pobres, além da sexualização de seu corpo por ser entendido como se fosse um objeto sexual.

Feministas criaram grupos e coletivos que eram com frequência vinculados a movimentos populares que lutavam pelo acesso à educação, saneamento, habitação e saúde, além de reclamarem direitos a partir de sua subjetividade, da camada social a qual pertencem e dos resultados de suas vivências, podendo ser relativo à “violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo, opções sexuais” (PINTO, 2010, p. 3).

As mobilizações resultaram na criação de órgãos e políticas públicas voltados a mulheres. Em 1983, foi criado o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM), primeiramente em São Paulo, e depois seguindo para outros estados, no mesmo ano foi criado o Conselho Estadual da Condição Feminina e em 1985, a Delegacia Especializada de Defesa da Mulher (ALTOÉ; SILVA, 2017).

No fim da primeira metade da década de 1980, um importante marco foi conquistado: a implementação Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM). Órgão fundamental na batalha para a promoção de políticas relacionadas a mulheres no combate à discriminação e para conquistar a da inclusão e participação em atividades políticas, econômicas e culturais (ALTOÉ; SILVA, 2017; PINTO, 2010).

A principal façanha alcançada foi a inclusão dos direitos das mulheres - e outras minorias - no remodelamento da Constituição promulgada em 1988, caminhando para oportunizar um Brasil mais igualitário (PINTO, 2010).

Ao serem criadas redes que discutiam e vivenciavam as lutas almejadas foi entendido que a opressão sobre as mulheres pode ser abarcada não só no parâmetro individual, mas sim como questões coletivas, sobretudo envolvendo pautas acerca da sexualidade, corporeidade, violência contra a mulher e relações de trabalho (RIBEIRO *et al.*, 2018).

Furlin (2021), aponta a importância de eventos como as Conferências Mundiais da ONU sobre os Direitos Humanos das Mulheres para a discussão da inclusão das políticas de gênero como pauta transversal na agenda pública, pois essas políticas objetivam não só a garantia de todos os tipos de direitos para as mulheres, mas também para minorias que enfrentam desigualdades socioculturais como a comunidade LGBT.

A autora cita principalmente a quarta edição do evento ocorrido em Pequim no ano de 1995 que construiu a Plataforma de Ação de Pequim e “é considerada histórica por duas razões: primeiro por introduzir a perspectiva de gênero na explicação das desigualdades sociais entre mulheres e homens; segundo por impulsionar as políticas públicas para a igualdade, com a incorporação do enfoque de gênero (FURLIN, 2021, p. 470).

Sobre o foco de literaturas feministas, Jean Pablo Guimarães e Marcieli Babinski (2020), afirmaram que deixou de ser voltado para a vida privada de mulheres, e são acrescentados questionamentos sobre a vida pública da mulher e criam-se modos de repensar termos linguísticos que eram empregados. Os autores trazem como exemplo de tema discutido a partir da década de 70, as diferenças entre os conceitos de gênero e sexo.

As discussões dentro das universidades ganharam força, pois as mulheres que foram à luta por meio dos movimentos libertários em favor das relações afetivas gays e/ou de ações feministas, constituíram o quadro docente e os bancos de estudantes (GROSSI, 1998).

Ou seja, com presença de cadeiras acadêmicas para o debate sobre relação de gênero, a práxis das lutas expandem as abordagens que antes eram restritas ao sexo biológico do nascimento, mas sim uma gama diversa de características subjetivas que não se encaixavam em padrões pré-determinados, acabando tendo que sujeitar à invisibilidade (GROSSI, 1998).

Estes estudos indicam que mulheres em todas as classes sociais, de diferentes etnias e faixas etárias, e nascidas em diferentes regiões brasileiras, sofriam algum grau de

opressão a partir da sociedade patriarcal. Neste contexto, foram atualizados termos como “condição feminina” sendo substituído por “estudos sobre mulheres”.

Valeska Zanello e Bruna Bukowitz (2011), recordaram que na mesma época, foi acrescentada aos escritos feministas a categoria “relações de gênero”, de maneira a reforçar que não há como desconstruir separadamente noções sobre “mulheres/essência feminina” e “homens/essência masculina”, pois ambas precisam ser mencionadas para melhor entender papéis de gênero e seu funcionamento social.

Esta reivindicação para que fossem incluídos novos termos a literatura e a discussão científica não se restringiu ao Brasil. A autora Teresa Lauretis (2019), mencionou que em 1990, lutou pela criação de eventos científicos para questionar a insuficiência de produções e aprofundamento em temas como feminismo, gêneros e sexualidades, nas estruturas curriculares norte-americanas e europeias.

Lauretis cunhou a nomenclatura “Teoria *Queer*”¹⁵ pois entendia ser importante que houvesse naquela época a existência de um

projeto crítico que tinha o objetivo de resistir à homogeneização cultural dos “estudos de gays e lésbicas” que estavam pela academia, tomados como um campo singular e unificado. O que não era o caso: homens gays e lésbicas tinham histórias diferentes, maneiras diferentes de se relacionar e práticas sexuais diferentes (LAURETIS, 2019, p. 398-399).

Discussões foram (re)criadas contestando a heterossexualidade compulsória e a instituição da binariedade - conforme Zanello e Bukowitz (2011) e Henrique Luiz Caproni Neto (2015) - de modo a expandir a produção de conhecimentos sobre novas terminologias de categorias de gênero, que anteriormente eram excluídas dos movimentos feministas, tais como os transexuais e as travestis.

Guacira Lopes Louro (2001), afirmou que para fomentar essas discussões alianças foram criadas por meio de redes de solidariedade onde os sujeitos não necessariamente eram pertencentes a mesma minoria, mas também de modo a apoiar parentes, familiares, profissionais de saúde e/ou conhecidos. Nesse contexto

surge o novo movimento queer refletindo a respeito da heteronormatividade, pela qual gays e lésbicas normalizados são aceitos, enquanto aqueles que fogem à norma são considerados abjetos, havendo uma crítica aos movimentos sociais que se pautam nas políticas de identidade. Dessa maneira, existe uma receptividade com aqueles deslocados do movimento homossexual, como travestis, transexuais, não brancos, que não eram considerados dignos para

¹⁵ Antes de 1970, a palavra inglesa *queer* era utilizada principalmente a partir de conotações negativas, como sinônimo de estranho, esquisito, morador de bairro pobre e insalubre, e constantemente contribuindo com estigmas relacionados a homossexuais (LAURETIS, 2019).

integrarem o movimento. Essa nova política destaca-se por chamar atenção para as normas que criam o sujeito buscando desconstruir normas e convenções culturais, em uma perspectiva foucaultiana, salientando, ainda, o binário hétero-homo como uma construção histórica que deve ser repensada e analisada (MISKOLCI, 2012 *apud* CAPRONI NETO, 2015, p. 222).

Louro (2001) e Ricardo Miskolci (2014), contextualizaram que a epidemia de HIV/AIDS - também conhecido nos anos 80 como “câncer *gay*” – escancarou a existência de discriminações/opressões direcionadas a indivíduos cujo gênero e/ou sexualidade fossem entendidos como contrários as normas sociais estabelecidas.

O termo *queer* passou então a ser adotado como uma marca de contestação antagônica as regulações sociais pautadas pela heterossexualidade compulsória, mas também contrário as lutas de movimentos homossexuais dominante, que almejavam a tolerância e integração de sujeitos LGBTs na sociedade (LAURETIS, 2019).

O *Queer* foi definido por Louro (2016) como sendo um modo de pensar e de ser, que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do 'entre-lugares', do indecidível.

Deste modo, entende-se que a terceira onda feminista configura-se como um processo em que conceitos científicos que antes eram considerados como verdades fechadas - a partir de pesquisas de cunho biológico - fossem contestadas em discussões de cunho sociológico, suscitando a construção e desconstrução sobre como as relações sociais junto com a linguagem adotada pela cultura vigente.

5.1.4 Quarta Onda do Feminismo

Embora batalhas - tais quais as citadas nos subtítulos antecedentes - tenham sido vencidas no século XX, ainda há caminho a ser trilhado e lutas diárias enfrentadas por mulheres. As primeiras décadas do século XXI configuram-se como “momento histórico em que se vislumbram novos campos discursivos de ação, contagiados por e intersectados com feminismos cada vez mais heterogêneos entre e em si mesmos” (ALVAREZ, 2014, p. 48).

Eventualmente são encontrados estudos como o de Matos (2010); o de Olivia Perez e Arlene Ricoldi (2019) e; o de Diana Ribeiro, Conceição Nogueira e Sara Isabel Magalhães (2021); que questionam se os feminismos, continuam inclusos na linha cronológica da terceira onda, entretanto algumas autoras defendem a existência já consolidada da quarta onda feminista.

Isso ocorre em decorrência de cada movimento e suas integrantes apresentarem distintas epistemologias e diferenças ontológicas, demonstrando a necessidade de uma reavaliação metodológica de como apreender, ilustrar e interrogar, a partir de “mobilizações, protestos e manifestações ‘não cívicas’, não institucionalizadas e mais fluídas” (ALVAREZ, 2014, p. 45).

Ainda que os feminismos tragam diferentes princípios e objetivos, segundo Diva do Couto Gontijo Muniz (2015, p. 318) estes compartilham convicções como retirar socialmente as conotações negativas dirigidas ao termo “feminista”, principalmente a partir da “emancipação das mulheres, de conquista de seus direitos de espaço de fala e lugar de sujeito na política, na sociedade, na ciência e na cultura”.

Portanto, como dito por Rebecca Corrêa Silva e Joana Maria Pedro (2016), as reivindicações contidas dentro dos movimentos combinavam entre si e possibilitaram na América Latina a criação do chamado “feminismo interseccional”, o qual configurou-se como um complexo mosaico que incorpora correntes horizontais, tais como o negro, masculino e os LGBTTT¹⁶ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis).

Johannes N. Vorster (2015), explicou que a interseccionalidade nasceu do reconhecimento da existência de diferenças - conscientes ou não - entre as identidades apresentadas pelos indivíduos, porém promoveu a construção de pontes de diálogo visando a construção de uma sociedade diversa e com comunidades saudáveis.

O foco dos feminismos foi redirecionado para a “superação de um feminismo branco e de classe média das ondas anteriores, conjugando elementos identitários como raça, gênero, classe, sexualidade, deficiência, etc.” (PEREZ; RICOLDI, 2019, p. 11).

Com a propagação do acesso à *internet* e a popularização de plataformas sociais nela contida, novos palcos de discussão foram construídos como apontado por Carlos D’Andréa, Leonardo Melgaço e Roberta Firmino (2017); Perez e Ricoldi (2019) e; Maria Simone Vione *et al.* (2020). Os quais falaram que ao entrar em uma rede social, é possível pesquisar sobre o assunto que desejar e encontrar ideias contrárias às suas, mas também ir ao encontro de ideias semelhantes postadas por pessoas que podem ser de diferentes cidades/países em uma atuação transnacional.

Por meio das tecnologias e algoritmos do sistema, é entendido que quando se “curte” um comentário, o usuário está atribuindo ao autor, uma espécie de apoio

¹⁶ Esse foi o termo utilizado pelas autoras para se referir ao feminismo, mas que em 2022 poderia ser substituído pelo termo LGBT+, ou pode ser atualizado com a adição de outras pautas por meio da sigla LGBTQIAP+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, *Queer*, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, e outras orientações e identidades sexuais).

temporário e papel de porta-voz no assunto debatido (D'ANDREA; MELGAÇO; FIRMINO, 2017). Citam também que quando são encontradas pessoas com interesses e reivindicações em comum, é comum articular grupos de discussão, expondo oposições e a formação de alianças.

O ciberativismo tornou possível a ressignificação de pautas feministas em concordância com a contemporaneidade e abrangendo tanto campo teórico, quanto âmbito prático atuando em intervenções de natureza política, social e cultural (SCHWENGBER *et. al*, 2020).

Os ciberfeminismos podem ser a porta de entrada para a realização de intervenções contra a discriminação de gênero e as violências contra as mulheres, pois são ações que podem ser realizadas em casa, com a utilização das mídias digitais. Assim, as mídias podem possibilitar uma ruptura com o silêncio das mulheres contra as violências que sofrem (SCHWENGBER *et. al*, 2020, p. 312).

Letícia Cardoso Barreto, Claudia Mayorga e Miriam Pillar Grossi (2017), citam a “Marcha das Vadias” como exemplo de movimentos que são construídos virtualmente e executados nas ruas, sem necessariamente uma organização formal, e consequentemente buscando em acordo abordar vieses diferentes nas temáticas propostas.

Além disso, Mariana Passos Dutra e Tiago de García Nunes (2015), mencionam que o movimento oportunizara visível abertura para que todas sem exclusão – podendo ser mulher/homem, cis/trans/travestis, hetero/homo - que quisessem protestar em sinal de resistência contra algum tipo de opressão, possam marchar em conjunto.

A primeira *SlutWalk* surgiu em 2011 em Toronto (Canadá) como manifestação de repúdio as falas de um policial que ao fazer uma palestra, afirmou que para cessar a incidência de estupros na cidade era preciso que as mulheres parecessem de se vestir como “vagabundas” (DUTRA; NUNES, 2015; BARRETO; MAYORGA; GROSSI, 2017).

Foi organizada por um grupo de universitárias e levou às ruas cerca de três mil pessoas com liberdade para vestir como se sentissem confortáveis, mas as que foram filmadas e destacadas nas mídias foram especificamente as que trajavam “roupas de vadias”, popularizando o nome do evento (BARRETO; MAYORGA; GROSSI, 2017).

Mesmo com tentativas de censuras e boicotes que foram impostas a marcha, ela foi reproduzida em mais de duzentas cidades no mundo e Morgani Guzzo e Cristina Scheibe Wolff (2020), elencaram que nos eventos foram aprofundadas pautas como

opressões estruturais à corpos feminilizados, sexualidade e a prostituição como atividade laboral.

Na *internet* campanhas são criadas para estimular que vítimas compartilhem suas histórias a fim de incentivar mulheres a denunciar assédios e abusos sexuais vinculados a família/trabalho. Kelley Moulton (2018) e Heloisa Buarque de Almeida (2019), apontam como exemplos: Chega de Fiu Fiu; #PrimeiroAssédio; #NiUnaMenos; #MeToo.

Quanto a isso, a ONG feminista “Think Olga” firmou-se como referência na articular campanhas feministas *online*. Conforme Almeida (2019); Érica Anita Baptista, Maiara Garcia Orlandini e Gabriela Carraro (2020); Lucimara Fabiana Fornari *et al.* (2018); Cynthia Mara Miranda e Marina Parreira Barros Bitar (2019); esta foi criada em 2013 com o desígnio de empoderar mulheres com ferramentas *online* que poderiam inspirá-las em transformações sociais *offline*, a partir do acesso a informações por meio de seu blog, redes sociais, documentários, *ebooks*, entre outros recursos.

Logo em sua fundação, como mencionado por Fabiana Martinez (2019), divulgou o movimento “Chega de Fiu Fiu” fundamentado por meio dos resultados de uma pesquisa em que dentre oito mil entrevistadas, 99,6% contaram que já foram cantadas na rua, de modo a ficaram constrangidas com a situação.

Outra campanha criada pela “Think Olga” foi a hashtag #PrimeiroAssédio de modo a problematizar e criar diálogos com seguidoras que sofreram assédios/abusos sexuais quando crianças (ALMEIDA, 2019; BAPTISTA; ORLANDINI; CARRARO, 2020; FORNARI *et al.*, 2018).

As autoras acrescentam que a campanha foi criada em 2015, após a exibição de um programa gastronômico em canal aberta brasileira, onde a presença de uma menina de doze anos no *reality show* foi alvo de comentários de telespectadores em redes sociais, sexualizando o corpo da participante.

Infelizmente, episódios parecidos ocorreram também atrás das câmeras de estúdios de cinema e de TV. De modo a contextualizar sobre essas situações, Stephanie Zacharek, Eliana Dockterman e Haley Sweetland Edwards (2017), escreveram um artigo sobre o movimento #MeToo, o qual surgiu em resultado às revelações de que o produtor Harvey Weinstein, usava de sua posição de poder na indústria Hollywoodiana para cometer assédios e/ou abusos.

Atrizes e outras profissionais da área se juntaram para escancarar situações parecidas que ocorriam nos bastidores, e a importância de procurar ajuda para superar os medos de ser desacreditada e silenciada por colegas ao denunciar o ocorrido (ZACHAREK; DOCKTERMAN; EDWARDS, 2017).

Estes e outros episódios enraizados culturalmente continuam a refletir na atualidade para suscitar a discussão que ambientes corporativos são meios de violências contra a mulher, de opressão a subordinados, de preconceito com povos de etnias minoritárias, e que necessitam de estratégias de manutenção da mulher no espaço privado (SIQUEIRA; BUSSINGUER, 2020).

Em seus estudos, Silvia Elizalde (2018); Martinez (2019); María Belén Rosales (2018) e; Florencia Laura Rovetto e Mariaángeles Camusso (2020), citam que mobilizações reunindo subjetividades distintas – e conseqüentemente feminismos diversos - em um mesmo espaço de discussão, também foram vistas em 2015 quando o coletivo *#NiUnaMenos* convocou a população argentina por meio de canais de TV e pela internet, a marchar em repúdio ao feminicídio da adolescente Chiara Paes, que estava grávida quando seu namorado a espancou até a morte.

Centenas de milhares de mulheres estiveram presentes na primeira marcha, demonstrando indignação com os índices de estupros, feminicídios, violências e discriminações às mulheres argentinas (ELIZALDE, 2018; MARTINEZ, 2019; ROSALES, 2018).

A autora Brenda Elsey (2019) e Rovetto e Camusso (2020), acrescentam que nas marchas subsequentes - ocorridas tanto na Argentina quanto em outros países da América Latina - houve expansão do rol de assuntos a serem defendidos por milhares de pessoas, presencialmente ou virtualmente.

Jogadoras de futebol foram as ruas protestar não só contra a discriminação por participarem de um esporte considerado historicamente como masculino, mas também por compreenderem que esse movimento feminista as representava enquanto pautavam questões relacionada a serem de cor, *queer*, e/ou oriundas de classes operárias (ELSEY, 2019).

Mulheres atletas, torcedoras e dirigentes não se uniam exclusivamente com pessoas que torciam para o mesmo time, mas também com mulheres de times rivais que lutavam contra violências e a naturalização de que estádios de futebol são lugares opressores para mulheres (ELSEY, 2019).

Butler (2021), citou que o movimento também atingiu a Europa, com destaque para as marchas realizadas na Espanha e na Itália, nas quais assim como na América Latina, as manifestações adentraram escolas, sindicatos e incitaram discussões contra o feminicídio, a discriminação e a violência sofrida por mulheres cis, trans e travestis.

Ou seja, com a divulgação das marchas e movimentos por meio da *internet* e outros meios de comunicação, aumentou-se o alcance das lutas feministas ao redor do mundo.

5.1.4.1 Algumas lutas e conquistas recentes da quarta onda

Reivindicações feministas, sejam a partir de qualquer lugar de fala são ajustadas a partir da reverberação do que foi posto politicamente no contexto nacional e internacional (ORLANDINI; OLIVEIRA; CARRARO, 2020).

Lutas feministas resultaram em normas criadas para que seja expandida a representatividade feminina nas esferas políticas brasileiras como a Lei 9.504/97 para que os partidos reservassem vagas para a candidatura de mulheres em cargos políticos, e garantindo pela reforma desta por meio da Lei 12.034/09 que seja obedecida a cota de 30% das candidaturas em cargos proporcionais aos que os homens estejam concorrendo (TSE, 2019).

Entretanto, essas diretrizes não alcançavam seu objetivo pois foi apurado que partidos não investiam nas campanhas femininas, tornando as campanhas femininas como acessórios para preencher as cotas (TSE, 2019).

Desse modo, foi importante que as diretrizes fossem atualizadas por meio da resolução 23.553/2017 que garante que 30% do fundo partidário das campanhas eleitorais sejam destinadas as campanhas de concorrentes femininas, e que pelo menos 5% de todo o montante seja aplicado com o intuito da criação e manutenção de programas de promoção e difusão da participação política de mulheres (TSE, 2019).

É importante mencionar que os habitantes de 658 cidades brasileiras votaram em mulheres como suas prefeitas e 885 elegeram mulheres como vice-prefeitas, as quais tomariam posse a partir de 2021 (BRASIL, 2020).

Ainda assim, a luta por reconhecimento, pela representatividade e promoção da igualdade de gênero está longe de cessar, porém ao conseguir ocupar cadeiras nas câmaras reflete em importantes mudanças de legislações, pois as vivências socioculturais das mulheres impactam nas construções, defesas e votações de projetos (BAËTA; NETO, 2016).

Duas importantes conquistas mencionadas por Beatriz de Oliveira Monteiro Marques; Regina Maria de Carvalho Erthal; Vania Reis Girianelli (2020), são as “Lei nº 11.340/06 – Maria da Penha” e a “Lei 13.104/15 do feminicídio”, as quais são referências mundiais para empoderar mulheres na quebra da rotinização, sujeição e Co dependências

a figuras masculinas que resultam em relacionamentos abusivos e em fortes modelos de violências dentro do território brasileiro.

Mesmo que os avanços já tenham sido conquistados, é necessário continuar a cobrar que os governos adotem medidas que almejem extinguir discriminações, violências, coerções e costumes pautados em conceitos sobre inferioridades/superioridade ou em estereótipos de gênero (PRINCÍPIOS DE YOGYAKARTA, 2006; MOULT, 2018).

As diretrizes internacionais de Direitos Humanos reforçam que o respeito pelos direitos sexuais, e a liberdade das escolhas individuais relativas à sexualidade, saúde sexual e reprodutiva, pois estas são partes vitais para que seja alcançada a igualdade entre homens e mulheres (PRINCÍPIOS DE YOGYAKARTA, 2006).

A Organização das Nações Unidas (ONU) incluiu como o quinto Objetivo de Desenvolvimento Saudável (ODS) a ser alcançado até 2030, a partir das adaptações adequadas a realidade sociocultural dos países que assinaram o acordo para alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas, conforme escrito por Joana Mostafa; Marcela Torres Rezende; Natália de Oliveira Fontoura (2019).

As metas delimitadas objetivam eliminar: discriminação/violência de gênero; costumes nocivos tais quais casamentos e uniões que envolvam crianças e adolescentes; desigualdades na divisão sexual de trabalhos remunerados e não-remunerados (IPEA, 2019).

Objetivaram também assegurar acesso universal e a implementação de políticas públicas relativas à (IPEA, 2019, p. 38-40):

garantir a participação plena e efetiva das mulheres e a igualdade de oportunidade para liderança em todos os níveis de tomada de decisão na esfera pública [...], promoção, proteção e garantia da saúde sexual e reprodutiva, dos direitos sexuais e reprodutivos [...], garantia da igualdade de direitos, de acesso e de controle dos recursos econômicos, da terra e de outras formas de propriedade, de serviços financeiros, de herança e de recursos naturais de forma sustentável [...], garantia da igualdade de gênero no acesso, nas habilidades de uso e na produção de tecnologias de informação e comunicação [...], igualdade de gênero no acesso e na produção do conhecimento científico em todas as áreas do conhecimento e à promoção da perspectiva de gênero [...], garantia da igualdade de gênero no acesso e na produção da informação, de conteúdos de comunicação e mídias na produção do saber.

Antes do século XX, já eram visíveis as insatisfações de mulheres acerca das maneiras que eram implicitamente e explicitamente tratadas, a partir de discriminações de gênero e o desrespeito à direitos humanos. Entretanto, as ondas do feminismo demonstraram a força e o empoderamento que poderiam ser obtidos por mulheres ao se

ao expor publicamente suas reivindicações por meio de debates públicos e/ou privados, manifestações e aprovações de leis.

5.2 Performatividade de Gênero

A subseção a seguir foi escrita a partir da leitura de obras com autoria de Judith Butler, mas também de artigos que utilizaram os termos cunhados pela autora. É importante primeiro introduzirmos a principal referência na qual ela se baseia para os conceitos atrelados a performatividade de gênero. Esta teoria é a de Michel Foucault sobre a sexualidade humana.

Em seus escritos, Foucault (1988), contextualiza que na Idade Moderna, principalmente na burguesia vitoriana, falar sobre sexo e sexualidade passa a ser considerado como impuro e indecente seguindo os preceitos da Igreja, e que a relação sexual deveria ser feita apenas dentro do matrimônio, com o fim da reprodução.

Com isso, foram impostas relações de poder fundadas por essa norma social, e refletindo em silenciamentos e censuras referentes a comportamentos e discussões, e assim sendo reproduzida nos séculos subsequentes (FOUCAULT, 1988).

Para ilustrar o que foi citado, Sara Vidal Maia (2019), acrescentou que Foucault alerta que esse período de repressão ocasionou na severa regulação da sociedade que podemos identificar ainda atualmente. São resquícios dessa norma social quando são identificadas censuras e repressões em oportunidades de discussão e de construção de conhecimento informal ou formal sobre o assunto.

Culturalmente são passados de geração em geração, espécies de “manuais sexuais”, os quais indicam como os sujeitos deveriam se comportar nas suas relações afetivas, e como não se comportar, no caso de por exemplo, a homossexualidade como desviante (MAIA, 2019).

E desta maneira a autora completa que,

ao analisar o sujeito, envolvido na teoria da sexualidade, como algo construído pelo discurso e que envolve relações de poder, o pensamento foucaultiano explica como se dá a construção da(s) identidade(s) de gênero. Quando se analisa a construção da identidade de gênero nos estudos de Foucault percebe-se que não existe uma base biológica ou uma naturalização psicanalítica que determine as diferenças de identidade entre homens e mulheres, mas sim um processo discursivo que determina o gênero e que é visto como algo que nunca está inteiramente concluído (MAIA, 2019, p. 418).

Judith Butler (2014; 2018; 2020), defende que “gênero” não pode ser visto como a diferenciação das matrizes que definem “masculino” e “feminino” como identidade cristalizada, naturalizada e imutável aos períodos temporais.

A caracterização de gênero segundo Butler (2018) e Rodrigo Graça (2016), não deveria ser restrita ao sentido biológico e caracteres sexuais, mas sim compreendida também por meio de sua performatividade a partir dos atos, de gestos, do conteúdo dos meios discursivos, repetição de ritos sociais e seus significados estabelecidos não só pelo indivíduo, mas referente à sociedade.

A ideia de distinguir sexo de gênero é comum entre autoras feministas, e correntes filosóficas como a fenomenologia, sem descartar que existem diferenças fisiológicas que contribuem para a estruturação do corpo e diferentes possibilidades de significados são atribuídas consoante ao contexto cultural onde está inserido (BUTLER, 2018).

A autora define o corpo como a materialidade renovadora nas probabilidades de significados de agentes corporizados dos anteriores ou sucessores, através da dramaticidade. No qual, o fazer gênero é condicionado tanto em como se referir linguisticamente por meio de pronomes e suas adaptações, quanto em como a pessoa performa seu estilo corporal dentro dos limites contemporâneos (BUTLER, 2018).

Simone de Beauvoir escreveu que “ser mulher” é uma facticidade sem significado, entretanto, “tornar-se mulher” é visualizar o corpo como a materialização de um signo cultural circunscrito/compelido a noção histórica vigente que define “mulher”, de modo a utilizá-lo por meio contínuo e reiterado (BUTLER, 2018).

Ao ressignificar parâmetros linguísticos e diálogos verbais, originam-se contribuições para a formação social da subjetividade e da corporeidade, que ganham novos significados quando o indivíduo através de seus signos reafirma sua existência sendo ao mesmo tempo reconhecível e reconhecido por suas ações (GRAÇA, 2016).

A construção de uma “identidade pessoal” esbarra em diferentes padrões impostos socialmente tais como inteligibilidade (BUTLER, 2020, p. 43-44):

Gêneros “inteligíveis” são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a “expressão” ou “efeito” de ambos na manifestação do desejo sexual por mesma prática sexual.

Marco Aurélio de Carvalho e Paulo Rennes Marçal Ribeiro (2020), explicaram gêneros inteligíveis por meio das seguintes associações: espera-se quem tenha um pênis se identifique como masculino, e tenha relações sexuais heterossexuais se comportando como “ativo”; já a quem tenha uma vagina, espera-se que se identifique como feminina, e tenha relações sexuais heterossexuais se comportando como “passiva”.

Ao ir contra estas atribuições inteligíveis sobre as fronteiras do corpo, o sujeito é definido como um abjeto¹⁷ encarado com repulsa por ser “antinatural” ao que é entendido dentro da sociedade hegemônica (BUTLER, 2020).

Em sua apropriação de Kristeva, Young mostra como a operação da repulsa pode consolidar "identidades" baseadas na instituição do "Outro" ou de um conjunto de Outros, por meio da exclusão e da dominação. O que constitui mediante divisão os mundos "interno" e "externo" do sujeito é uma fronteira e divisa tenuamente mantida para fins de regulação e controle sociais. A fronteira entre o interno e o externo é confundida pelas passagens excrementícias em que efetivamente o interno se torna externo, e essa função excretora se torna, por assim dizer, o modelo pelo qual outras formas de diferenciação da identidade são praticadas. Com efeito, é dessa forma que o Outro “vira merda” (BUTLER, 2020, p. 231).

Portanto, este processo pode-se configurar como um rito social que retroalimenta mais do que a discussão sobre gênero, mas também as rupturas de direitos humanos e consequentemente podendo ocasionar situações de violência e exclusão decorrente daquelas chamadas de “falas de ódio” (GRAÇA, 2016).

O entendimento sobre os atos praticados nunca será estático, pois eles são continuamente reestruturados a caso novo uso, a cada nova performance, rompendo com paradigmas anteriores e desse modo ultrapassando o sentido linguístico - que nunca poderá ser saturado- passando a ser um princípio de uma nova configuração social (BUTLER, 2018; GRAÇA, 2016).

De tal modo, os pensamentos e palavras que antes tinham determinado caráter e significado, seriam repensados a partir da ótica de quem fala e de quem o escuta, assim como as noções de o que o sujeito feminino pode ou não fazer (GRAÇA, 2016).

Quando nós Seres Humanos nascemos, somos incluídos em nosso primeiro grupo social: a família de origem. Correntes psicanalistas estudaram o falocentrismo, termo que caracteriza o enraizamento das figuras paternas – de modo real e/ou simbólicas – como

¹⁷ Carvalho e Ribeiro (2020) apresentaram dois significados para abjeto: biológico, ao ser definido como tudo que for expelido para fora do corpo (fezes, urina, suor) e que ao ser expulso delimita os contornos do sujeito e a distinção interno/externo; e social, representando ser aquilo que é temido e “alvo de recusa ao ser encarado com repugnância, uma vez que sua existência é tida como uma ameaça à visão e estabilidade do que é a comunidade (p. 583)”.

superiores, indisputáveis e inquestionáveis por meio de leis não necessariamente escritas, mas fortemente implícitas (BUTLER, 2014).

Assim, inseridos em noções culturais foram repassadas de geração em geração, tal como a reaplicação de um roteiro em que já estão definidos os papéis teatrais que cada indivíduo deverá desempenhar de acordo com o seria o seu papel social perante a esse grupo (BUTLER, 2018).

Os signos são atuados, performados, e compreendidos mediados na história em que versões de corpo refletem o ponto de vista da percepção de como se constitui sua aparição no mundo e, como se expressa de forma concreta para expandir como algo específico dentro do conjunto pretendido de possibilidades históricas (BUTLER, 2018).

Sair do personagem pré-programado e improvisar o agir frente alguma vivência, pode ser visto tanto como um ato de liberdade para construir a sua narrativa, quanto como uma rebeldia que necessitaria ser contida, antes de causar maiores problemas (BUTLER, 2020).

Afirmar o que pode ou não ser feito por uma menina ou por uma mulher é a aceitação do binarismo, e a renovação de uma espécie de contrato patriarcal que contém em seus artigos e incisos a delimitação de normas culturais relativas a sexo como indissociável a gênero, a diferenciação de feminilidade e masculinidade como um conceito fechado, e a heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2018).

A noção de que pode haver uma "verdade" do sexo, como Foucault a denomina ironicamente, é produzida precisamente pelas práticas reguladoras que geram identidades coerentes por via de uma matriz de normas de gênero coerente. A heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre "feminino" e "masculino", em que estes são compreendidos como atributos expressivos do "macho" e de "fêmea" (BUTLER, 2020, p. 44).

Teorias feministas mostram que os atos - que antes poderiam ser vistos como individuais - ao serem analisados e reproduzidos dão voz para que situações de invisibilidade sejam enfrentadas, e por conseguinte inseridos em caráter político para expandir a força para ocupar novos espaços (BUTLER, 2018).

Também como estratégia para sobrevivência dentro de diversas possibilidades de consequências ocasionadas a partir de regulações culturais, advindas da construção de parâmetros de pessoas, por meio de normas abstratas que acarretam punições, silenciamentos, alternadamente corporificadas sob coerção (BUTLER, 2014; 2018).

Ou seja, existem diferentes maneiras em que se pode arquitetar (in)conscientemente a encenação de seus atos, fazendo ou não ao que se é esperado do gênero nas sociedades patriarcais, e poderá ser regulado com censuras e críticas ao que se é pré-entendido como próprio do gênero (BUTLER, 2018).

E assim, a temporalidade que se sucede, legitima as relações de poder, e assim formando a inteligibilidade dos termos a partir tanto dos aspectos de coesão, quanto possibilita o aparecimento de sua subversão política e de reivindicação de direitos (GRAÇA, 2016).

A performatividade de gênero se encontra presente nos esportes, principalmente em esportes que são estigmatizados historicamente como masculinos, como veremos no subcapítulo a seguir.

5.3 Futsal Feminino

A versão mais aceita sobre o surgimento do futsal é a de que em 1940 os frequentadores da Associação Cristã de Moços, em São Paulo (SP), não conseguiam encontrar campos disponíveis para que pudessem jogar futebol. Então, resolveram jogar nas quadras vazias que eram destinadas para basquete e hóquei, formando times de cinco a sete jogadores, até que estipularam que cinco por time era o suficiente (CBFS, 2020).

Para jogar, utilizavam bolas construídas com serragem, crina vegetal, ou de cortiça granulada, que acabavam originando o problema de saltarem muito e volta e meia saíam da quadra de jogo, então diminuíram o seu tamanho e aumentaram o peso, por esse fato o futsal teve como seu primeiro nome oficial "Esporte da bola Pesada" (CBFS, 2020).

Na década de 1950 foram criadas as primeiras federações estaduais no Brasil e em 1971 foi construída a Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA), na cidade de São Paulo. Em 1979 foi fundada - depois de uma série de contratemplos - oficialmente a Confederação Brasileira de Futebol de Salão, e a partir do primeiro mundial de futebol de salão em 1982 os olhares estrangeiros cresceram para conhecer o "futebol de cinco" que foi criado no Brasil (CBFS, 2020).

Junto com o reconhecimento como do futsal como esporte, Jaqueline Elizabeth Costa *et al.* (2018) e Lucas Isamu Tamashiro junto com Larissa Rafaela Galatti (2018), contextualizaram que em meados da década de 1980, as mulheres deixaram de ser proibidas no Brasil de praticar esportes coletivos pelo Conselho Nacional de Desportos (CND) e o futsal feminino enquanto modalidade foi autorizada pela FIFUSA.

A proibição citada advém do decreto-lei 3.199¹⁸ que não permitia que mulheres praticassem esportes que o Conselho Nacional de Desporto julgasse como esportes incompatíveis ao seu corpo feminino (BRASIL, 1941). E complementada por meio da deliberação nº 7¹⁹ (BRASIL, 1965).

Em 1979, o decreto foi revogado permitindo que mulheres pudessem praticar esportes que, anteriormente, eram vistos como violentos ao corpo feminino, como o futebol, artes marciais, polo aquático e *handebol* (GOELLNER, 2005).

5.3.1 Implicações das representações sociais de gênero no futsal

Torcedores costumam construir uma imagem endeusada ou de heroísmo acerca dos atletas dos times/esportes que acompanham, e assim, como trazido por Luciana Tabarini Lima e Kátia Rubio (2016), essa imagem pode modificar o papel social desses atletas como consequências das conquistas surpreendentes obtidas em competições.

As autoras acrescentaram que essa pressão depositada pode resultar em uma maior autocobrança da atleta para continuar o nível profissional sem acarretar problemas físicos que impliquem em lesões ou hospitalizações, precisando assim de adaptação e recolhimento.

Já Angela Nogueira Neves *et. al* (2016), salientaram que a dedicação ao esporte acarreta diferenças simbólicas, culturais e econômicas ao seu praticante. As autoras justificam que para qualquer atleta de alto rendimento é requerido comprometimento com a obtenção de resultados favoráveis, com o treinamento e alimentação regrada de acordo com o esporte, e que em não raros casos de dedicação exclusiva.

As consequências para os atletas não são apenas o reconhecimento e visibilidade para si e para o esporte, mas também alteração na privacidade em atividades cotidianas e que podem acarretar situações de isolamento ou em receio de sair de casa e comprometer a privacidade de seus relacionamentos (LIMA; RUBIO, 2016).

Entretanto, segundo Cristina Lopes de Subijana Hernandez *et al.* (2015) e Mariana Zuanetti Martins *et al.* (2018), as atletas mulheres costumam buscar equilibrar a carreira esportiva e o trabalho formal ou a graduação, diminuindo assim a frequência de treinos semanais, mas aumentando a duração deles.

¹⁸ Decreto-Lei 3.199, de 14 abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país.

¹⁹ No artigo 2 da deliberação foi postulado que “não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo-aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball”.

Maribel Barriopedro Moro; Carlos Alberto Muniesa; Carlos Alberto Hernandez (2016), afirmaram que parte dessa escolha advém dos contratos firmados que oferecem salários inferiores em relação aos dos homens - não só no esporte, mas em variados setores de trabalho - e dos espaços reduzidos de representatividade em campeonatos.

Mesmo assim, nos primeiros anos do século XXI o futsal feminino mostrou-se em um ritmo ascendente a profissionalização dos times na América Latina, com o aumento de competições nacionais e internacionais ainda com pouco investimento financeiro às jogadoras ou as estruturas dos clubes (MARTINS *et al.*, 2018).

A profissão “Atleta de futsal” é reconhecida no mercado de trabalho brasileiro e houve 565 mulheres (3,1%) cadastradas como tal em 2021, enquanto houve 19.057 homens (96,9%) registrados na mesma profissão (CAGED, 2022 *apud* SALÁRIO, 2022).

Este site citado informou também que as mulheres apresentaram em março de 2022, a remuneração média de R\$ 3.646,18 por executarem a 42 horas semanais, enquanto os homens executando 1 hora a mais por semana, receberam em média R\$ 6.202,00. Essas informações evidenciam a desigualdade encontrada tanto em presença feminina no esporte, quanto em valor de pagamento pela mesma profissão.

A regularidade em que o futebol é praticado no mundo, confere a este o título de esporte mais praticado no mundo, pois cerca de 265 milhões praticam o esporte com frequência, resultando em 4% da população mundial, no ano de 2019. A FIFA apresentava 209 nações associadas ao seu quadro, o que é maior que a participação de associados do que a ONU (193 países membros em 2017) (FÁDEL, 2018).

Os principais motivos para a entrada de jovens nos esportes têm a ver com a iniciativa dos pais que estimulam suas filhas/seus filhos a praticar uma atividade física, e o próprio interesse das jovens, além do ensejo das meninas de enfrentar desafios, metas de aperfeiçoamento de vencer os jogos e as etapas propostas no decorrer da competição (VIGNADELLI *et al.*, 2018; FÁDEL, 2018).

Um dos desafios na dedicação ao esporte, implica em ter que se mudar para outra cidade, estado ou até de país com objetivo de buscar e aproveitar novas oportunidades de crescimento profissional, e em um novo ambiente entrará em contato com novas culturas e encarar novas perspectivas de vida (FAGGANI *et al.*, 2016).

A religião também pode ser um impeditivo para que mulheres pratiquem ou entrem para o esporte feminino. Hamidrez Mirsafian; Tamás Dóczy; Azadeh Mohamadinejad (2014), alegaram que prova disso são as afirmações negativas de mulheres muçulmanas sobre a prática de esportes, seja pelo desconhecimento sobre eles

ou por não identificarem/acostumarem com os trajes exigidos por eles que são diferentes dos que são utilizados em sua cultura.

Para que esse paradigma seja rompido, é crucial que a mídia assuma um papel de conscientização para reformar os modelos sobre esporte que são propostos culturalmente, e originar discussão sobre os aspectos positivos que a prática de esporte pode desenvolver na vida das mulheres e na sociedade em geral (MIRSAFIAN; DÓCZI; MOHAMADINEJAD, 2014).

Existem diferentes exemplos de masculinidades e feminilidades que podem ser apresentados. Infelizmente, não é difícil que ocorram situações em que as atletas sejam chamadas para responder perguntas acerca de suas identidades de gênero e orientações sexuais, que são postas em dúvida com o pretexto de terem obtido por meio do esporte, um corpo feminino robusto, que reflete em qualidades como força, agressividade e habilidade técnica, elementos culturalmente percebidos como tipicamente masculinos (SILVA; NAZARIO, 2018).

Nascimento *et al.*, (2016), apontaram que escolher como escalar atletas para compor o time, usando como base exclusivamente uma classificação tipológica de esquemas de gênero, pode se configurar um erro pois no futsal o técnico tem que averiguar como é a combinação entre capacidades individuais (drible, finta, finalização) com as capacidade coletivas (coordenação coletiva de ataque e defesa) e não em pressupostos de que o nível de masculinidade em relação a agressividade, resistência e força determina o andamento do jogo.

A cobrança de um corpo feminino ideal leva a idealização tanto nas seções esportivas impressas, quanto nas disponíveis *online*, e resulta na invisibilização do esforço da participação feminina em grandes eventos, e deste modo ocasionando que poucos veículos cedam espaço às jogadoras, diretoras e técnicas (FERRETI *et al.*, 2011; GOELLNER; SILVA; BOTELHO-GOMES, 2013; MINA; GOELLNER, 2015).

É importante destacar que no esporte feminino, ainda prevalecem homens na direção técnica. No Brasil, uma conquista recente foi a contratação da sueca Pia Sundhage como técnica da seleção feminina de futebol, em 2019, que ganhou certo destaque midiático.

Considerando as representações de gênero, estudos apresentam a frequente necessidade de jogadoras de irem contra as enraizadas reproduções socioculturais e sobre o que é entendido como corpo feminino ideal (ALTMANN; REIS, 2013; SALVINI; MARCHI JUNIOR, 2016; SOUZA; CAPRARO; SILVA, 2017).

Quando há o preconceito aliado à falta de incentivo e/ou de patrocínio no futebol feminino sul-americano, existem consequências que podem ser visualizadas como: escassez de competições; descaso da gestão dos times em relação a investimento de profissionalização e melhoria da infraestrutura das instalações; atletas se sujeitando a continuar no amadorismo (com salários baixos e/ou inexistentes, principalmente quando comparados aos times masculinos) para não desistir do futebol; iniciativa em procurar e aceitar propostas em times estrangeiros para alcançar autonomia financeira, e novas oportunidades (ALTMANN; REIS, 2013; SALVINI; MARCHI JUNIOR, 2016; SOUZA; CAPRARO; SILVA, 2017).

5.4 A saúde mental na carreira das jogadoras

A saúde mental não se apresenta somente como ausência de doenças psíquicas, mas como se configura o bem-estar biopsicossocial do indivíduo (OMS, 2019). É um campo tão amplo, polissêmico, plural e com transversalidade de saberes que não conseguiria ser abrangido por somente uma disciplina, ou obtido êxito sem uma interação e conhecimento de outras vertentes (AMARANTE, 2007).

A dificuldade mais significativa quando trabalhada é a delimitação de fronteiras, ou seja, quando começa e onde termina os limites profissionais pois a saúde mental não se restringe somente as Ciências da Saúde – como pode-se pensar por causa do nome -, mas também pode ser encontrada em discussões na comunidade, nas manifestações sócio-históricas, nos âmbitos culturais e de ideologia (AMARANTE, 2007).

A interferência na saúde mental pode ser também decorrente da infração de direitos humanos em razão de orientação sexual, identificação de gênero, raça ou etnia, classe social, ou qualquer outra forma de diferenciação, desigualdade e/ou discriminação de sujeitos (MANSO; CALDAS, 2018).

Casos em que os sinais e sintomas não eram explicados etiologicamente por meio de evidências clínicas, conseqüentemente ocasionando sofrimento psíquico ao paciente por seu quadro ser taxado como fingimento, exagero ou inabilidade de autocontrole, além de desencadear psicopatologias (ZORZANELLI, 2011).

Segundo a revisão de Silva e Garcia (2019), sobre institucionalização, era frequente que mulheres fossem desvalorizadas e enviadas para manicômios a partir do argumento de que doenças mentais são condição própria dos períodos menstruais do sexo feminino, em que se intensificaria a propensão a ter um ataque “dos nervos”, decorrente da histeria e loucura.

Sobre isso, podemos salientar que falas ou representações também podem interferir na saúde mental. Essas podem acontecer por meio das opiniões trazidas de fora sobre como nos apresentamos ao mundo, sobre quem os outros presumem que somos, ou até nosso autoquestionamento em relação a nós mesmos.

Lidar com saúde mental continua sendo um desafio enfrentado por profissionais de saúde, seja por preferirem encaminhar à outras especialidades, ou por terem dificuldades em trabalhar olhando a subjetividade humana, visando também a desestigmatização de questões enraizadas sobre relação entre patologias e etnias, classe sociais, e com gênero (ALVES; LIMA, 2017; SILVA; GARCIA, 2019). A popularização de teorias aplicadas à saúde, fora do modelo biomédico, ocorre desde a década de 1980. Antes as correntes teóricas sobre saúde continham vieses negativistas, reforçando que a saúde só seria obtida a partir da ausência total de patologias.

Posteriormente, estudiosas como Carol Ryff (2014), trazem um frescor às ciências da saúde, apresentando a possibilidade de encarar positivamente as situações vivenciadas e, assim sendo referências para a promoção de saúde mental, inspirando formulações de métodos terapêuticos conciliados com princípios sobre a psicossomática e qualidade de vida.

Ryff (1989), estabeleceu um modelo de seis dimensões de bem-estar psicológico que representa o bem-estar de modo abrangente, do ponto de vista das dimensões visadas, e traduz um desenvolvimento adequado, e é dividida em seis partes: aceitação de si; relações positivas com os outros; domínio do ambiente; crescimento pessoal, propósito de vida e, autonomia.

Wagner de Lara Machado, Josiane Pawlowsski e Denise Ruschel Bandeira (2013), traduziram e aplicaram a escala de bem-estar psicológico em uma amostra de universitários, seguindo como base os conceitos formulados no quadro a seguir:

Quadro 01 - Dimensões do Bem-estar Psicológico

Relações positivas com os outros	Ter relacionamentos acolhedores, satisfatórios e seguros com outras pessoas; ser capaz de desenvolver empatia, afeição e intimidade; entender como é o relacionamento entre as pessoas.
Autonomia	Ser autodeterminado e independente; capaz de resistir a pressões sociais para pensar e agir em determinadas direções; autorregular o comportamento; avaliar a si próprio e suas experiências segundo critérios pessoais.
Domínio sobre o ambiente	Ter senso de domínio e competência em manejar o ambiente, controlar configurações complexas de atividades externas; fazer uso efetivo das oportunidades; ser capaz de escolher e criar contextos próprios para satisfazer necessidades e valores pessoais.

Crescimento pessoal	Perceber um contínuo desenvolvimento pessoal; perceber a si mesmo em crescimento e expansão, realizando seus potenciais; ser aberto a novas experiências; identificar melhoras em si mesmo ao longo do tempo; estar em mudança rumo a um maior autoconhecimento e eficácia.
Propósito na vida	Ter objetivos e um senso de direção na vida; sentir que há um sentido em sua vida presente e passada; manter crenças em propósitos na vida; ter propósitos e objetivos pelos quais viver.
Autoaceitação	Possuir uma atitude positiva em relação a si mesmo; conhecer e aceitar múltiplos aspectos de si mesmo, incluindo boas e más qualidades; sentir-se bem em relação ao seu passado.

Fonte: Ryff (1989); Ryff e Keyes (1995) e Ryff e Singer (2008), adaptado por Machado, Pawlowski e Bandeira (2013).

A saúde mental é uma continuidade e não um estado pontual vivido pelo esportista, e os avanços em ciências da saúde trouxeram experiência no aprimoramento da performance, idealmente adequada para abordar todo o espectro de problemas ambientais enfrentados pelos atletas ao longo de sua carreira, até o causar o seu melhor desempenho profissional (FÁDEL, 2018).

Em se tratando de futsal feminino e saúde mental, que é o objeto deste estudo, foi possível identificar que a rotina de uma atleta oscila entre o prazer de fazer aquilo que gosta - principalmente quando é relacionado a atletas que vieram de famílias humildes, onde não teriam acesso a instrução qualificada - e o risco de perturbações a saúde mental (indícios de depressão, fatores ansiogênicos, crises de pânico insônia e *Burnout*) trazidas por meio de fatores estressantes, como a pressão de cumprir o calendário de eventos, e a necessidade de equilibrar com outros setores da vida como família, estudos, lazer (FÁDEL, 2018).

Nas palavras de Faggani *et al.* (2016), as mudanças ocasionadas pelo ritmo exigido pelo esporte, contribui para o autoconhecimento da atleta frente às situações, mas também poderá acarretar: dificuldades de comunicação; dificuldade de adaptação ao clube; isolamento social e; gatilhos para depressão, estresse e ansiedade.

Pois a carreira tem altos e baixos que podem influenciar na saúde mental e nas perspectivas do indivíduo, de modo a ocorrer desde uma rápida ascensão e fama não-planejada, até uma parada na carreira em razão de uma lesão, podendo assim diminuir seu espaço no time (FÁDEL, 2018).

A saúde mental pode ser afetada também em razão de mudanças institucionais - de comissão técnica e ou de dirigentes - ou time com a substituição de contratos com atletas e técnicos (FÁDEL, 2018).

Portanto, a jogadora e aqueles que a cercam precisam aprender a manejar a sua entrada em um possível impacto cultural e de exposição, pois quanto maior a projeção mais suscetíveis a enfrentar assédios, crítica dos fãs e da mídia, falta de privacidade,

gerenciamento de finanças, ansiedade, prestações, com a necessidade de criar vínculos sociais positivos e consistentes (FÁDEL, 2018).

6 METODOLOGIA

6.1 Caracterização do estudo

A configuração desta metodologia como estudo descritivo-bibliográfico, pois ocorreu com a finalidade de coletar informações que delimitem o fenômeno e quando analisadas possam resultar na construção de hipóteses para elucidar o problema de pesquisa. Assim também, de forma que sejam congruentes com os objetivos propostos.

Quanto a abordagem da metodologia este estudo caracteriza-se como pesquisa qualitativa. Dito isso, Pope e Mays (2009), ressaltam que a pesquisa qualitativa geralmente lida com falas ou palavras ao invés de números e isso não significa que seja destituída de mensuração ou que não possa ser usado para explicar fenômenos sociais, como interações, comportamentos, experiências sociais e de como o mundo as ressignificam, entre outros.

Isto posto, a dissertação também se enquadra nas modalidades descritiva e bibliográfica. A primeira, pois a finalidade não se resume a coletar informações que delimitem o fenômeno para analisá-lo. Mas sim tem a perspectiva analítica a partir de pesquisa de um contexto social específico, e como esse grupo social se assemelha ou difere a partir de seus comportamentos e reações frente a diferentes fenômenos (OLIVEIRA, 2016).

Na segunda modalidade de estudo, a pesquisadora amplia seu contato direto no campo de leituras científicas que apresentam o tema de estudo (OLIVEIRA, 2016). O que é de suma importância pois na construção de um estudo qualitativo é preciso escolher com cuidado os instrumentos e as teorias que irão fundamentar o estudo, visando o âmbito das perspectivas e reflexões do/a pesquisador/a como parte integrante da construção de conhecimento (FLICK, 2009b).

6.2 Local do estudo

O estudo foi realizado com as atletas de futsal do time Leoad da Serra (2021), o qual foi fundado em 2013 em Lages/SC por meio da união de duas equipes até então

rivais: Mecânica Brasil Futsal Feminino e Marka Sports Futsal Feminino. O site oficial²⁰ do time também traz que essa reestruturação teve como objetivo a construção de um time mais sólido para disputar campeonatos municipais e estaduais, como os Jogos Abertos de Santa Catarina (JASC).

Em decorrência do bom desempenho do time - mesmo que recém-formado - a Associação ganhou projeção por meio dos veículos de mídia regionais e obteve a atenção de novas torcedoras.

A consolidação da identidade social das Leoas advém do projeto social “Escola de Leoas”²¹ ofertado gratuitamente para meninas que tenham interesse no futsal feminino, e que são treinadas por jogadoras do time adulto, que realizam o trabalho de modo voluntário, ou podendo ser bolsistas da UNIPLAC ou do Colégio Santa Rosa (ORION PARQUE, 2020).

A figuras das jogadoras caracterizou-se como modelo de inspiração para crianças e adolescentes, na valorização do esporte feminino como podem ser vistas em situações como rodas de conversas (CORREIO LAGEANO, 2019), dinâmicas compartilhadas com as participantes do projeto social (CNU, 2019), e ações de divulgação dos jogos (BLOG DAS LEOAS, 2018)

Além disso, as indicações e premiações conquistadas desde 2015 também são fontes de inspiração para as mulheres no campo do futsal feminino. Principalmente as com a repercussão mundial sobre o desempenho de jogadoras e equipe técnica como por exemplo: ex-Leoas como Amanda “Amandinha” Lyssa de Oliveira Crisóstomo, Lediane “Tampa” Marcola, Vanessa Cristina Pereira (que foi recontratada pelo time em 2022) e o ex-técnico Anderson “Esquerda” Menezes.

6.3 Participantes da pesquisa

A amostra da pesquisa constituiu-se por cinco mulheres atletas profissionais do futsal feminino selecionadas de acordo com critérios do estudo. Os critérios de inclusão

²⁰ <https://leoasdaserra.com.br/>

²¹ Vigente desde 2015 e atingindo mais de 400 participantes ao longo de sua execução, o projeto tem por objetivo multiplicar as possibilidades de transformar a realidade social de meninas interessadas em jogar futebol, a partir da coletividade dentro do time (ORION PARQUE, 2020). Com a pandemia do COVID-19, o número reduziu significativamente e o Instagram da Escola de Leoas (2022) informou que o número de meninas beneficiadas no começo do referido ano era superior a 200. A iniciação esportiva é ofertada por meio de escolinhas em cinco polos, ministradas por jogadoras do time profissional, as quais repassam não só conhecimentos técnicos acerca do esporte, mas também ensinamentos aprendidos ao longo da carreira (LEOAS DA SERRA, 2022; ORION PARQUE, 2020).

utilizados foram: a) mulheres atletas da Associação Leoas da Serra que tenham mais de um ano de experiência como jogadoras profissionais; b) mulheres atletas da Associação Leoas da Serra que são maiores de dezoito anos; c) mulheres atletas da Associação Leoas da Serra que após a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) concordem voluntariamente em participar do estudo.

6.4 Questões éticas

Após o projeto ser qualificado pela banca examinadora e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), a pesquisadora entrou em contato com as profissionais da diretoria do time para apresentar a pesquisa às/aos possíveis participantes. As participantes foram informadas sobre o escopo da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE 1) feito nos moldes da Resolução CNS 510/2016 e no Ofício Circular nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS (2021).

Por meio da ferramenta, *Google Meet*, a entrevista foi gravada e depois arquivada em uma pasta com senha no computador da pesquisadora, onde só a mesma obteve acesso.

Na publicação dos resultados, quando houve citações das narrativas relatadas pelas pesquisadas, seus nomes foram modificados para nomes de deusas gregas, para preservar o sigilo.

No que se refere à análise dos riscos e benefícios enfatizamos que a pesquisa envolveu entrevista sobre as mulheres jogadoras de futsal, objetivando explicar sobre como as construções sociais e a performatividade de gênero estão relacionadas com a saúde mental dessas jogadoras. Assim sendo, o risco será mínimo das participantes se sentirem constrangidas ou sensibilizadas ao relembrar memórias de situações anteriormente vivenciadas.

Além disso, como o nome do time está sendo utilizado ao longo da pesquisa e este está vinculado as participantes, pode-se aumentar o julgamento quanto ao time e consequentemente aos nomes das atletas que nele treinam, mesmo que ocultados por meio da garantia do sigilo pelo TCLE.

Foi esclarecido que caso ocorresse algum tipo de desconforto emocional relacionado aos questionamentos, o que poderia gerar abalo emocional, e se estes ocorressem seriam solucionados/minimizados por meio do agendamento de atendimento psicológico gratuito com a pesquisadora, ou via encaminhamento a Clínica-escola de Psicologia, UNIPLAC, o qual também é gratuito.

Ao fazer parte da pesquisa as participantes colaboraram com a expansão de estudos relacionados ao futsal brasileiro, ao empoderamento das mulheres por meio do esporte e relacionado com a saúde mental. Mais do que isso, uma publicação nacional poderá divulgar o time e atrair novos olhares de quem tem interesse no assunto.

6.5 Procedimento de coleta e registro de dados

6.5.1. Instrumentos de coleta de dados

Após a aprovação do projeto de pesquisa pelo CEP (ANEXO 1) na data de 04 de abril de 2022, com o número 5. 239.727, a pesquisadora voltou a entrar em contato com a vice-presidente do time para que pudessem ser repassados os contatos telefônicos das possíveis participantes e agendadas datas e horários de cada entrevista com as respectivas participantes. Esta solicitou que fosse conversado com a supervisora técnica do time que estaria mais a par dos horários das jogadoras.

Para aumentar a possibilidade de abrangência nas respostas, foram realizados também o contato virtual com duas jogadoras que não estavam mais no time, mas que se encaixavam nos critérios de inclusão. Uma delas aceitou.

Todas as que aceitaram fazer parte da amostra, preferiram que a entrevista fosse feita via internet pelo *Google Meet*, onde espera-se que as entrevistadas estando em um lugar confortável e seguro, poderia contribuir para a realização da entrevista.

O primeiro contato, e assim como os posteriores, foram documentados por meio de diário de campo (APÊNDICE 2), o qual segundo Torres *et. al.* (2010), constitui-se como registro delineado o que foi observado no campo de pesquisa, trazendo a descrição do ambiente, quais as reflexões e descobertas do pesquisador no local, também podendo ter observações pessoais, especulações, sentimentos, entre outros itens.

O instrumento aplicado foi a “**Entrevista semiestruturada**” que conforme Flick (2009a), consiste em um método que antes de ir a campo é construído um roteiro a partir de pontos-chave delimitando o tema proposto, mas que pode ter a sequência modificada conforme o andamento da entrevista. O roteiro de perguntas está presente no Apêndice 3.

O objetivo principal é que as perguntas possam abrir espaço para que os pontos de vista dos participantes entrevistados sejam expressos livremente, de forma em que seja deixado claro que não existe resposta certa para cada pergunta (FLICK, 2009a).

Por meio da ferramenta *Google Meet*, a sala²² para a entrevista foi criada e o link foi compartilhado no *WhatsApp* das participantes que ainda estão vinculadas com a Associação pesquisada, e enviado via *Instagram* para a jogadora que não faz mais parte da Associação.

As entrevistas foram realizadas nos dias indicados pelas participantes durante o primeiro semestre de 2022, e gravadas por meio da captura de tela pelo aplicativo OBS Studio, pois a função de gravação de reunião não estava mais disponível para os e-mails institucionais da universidade. Depois, arquivadas em uma pasta com senha no computador da pesquisadora, onde só a mesma teria acesso. As entrevistas tiveram média de 30 minutos e foram transcritas e arquivadas na pasta citada.

6.6 Análise de dados

Com as entrevistas transcritas, foi realizada a análise dos dados obtidos a partir da entrevista. Gomes (2007) relembra que a análise da pesquisa qualitativa objetiva explorar o conjunto de singularidades, opiniões e representações sociais que podem surgir a partir do contexto biográfico de cada interlocutora, o que gera diferentes pontos de vistas frente as mesmas perguntas.

Para analisar os dados, foi utilizado o método de “Análise Temática”, fundamentado por Virginia Braun e Victoria Clarke (2006), autoras as quais foram apresentadas por Luciane Karine de Souza (2019).

Neste método, a construção da pesquisa almeja a busca por padrões e aspectos em comum dentro dos resultados obtidos, sendo flexível em utilizar grades de categorias para direcionar a pesquisa, ou de forma mais livre para que a pesquisadora aborde de forma indutiva os temas propostos e correlaciona com a base da literatura estudada (SOUZA, 2019). A forma escolhida para a presente dissertação foi a indutiva.

Souza (2019) a partir de Braun e Clarke (2006; 2013; 2014) e de Clarke e Braun (2013) descreveu a construção da análise temática em seis fases:

- 1) Familiarização de dados: A pesquisadora faz o contato direto e imersivo com os dados ao fazer a leitura e releituras completas do material obtido por meio da coleta, transcrição e a revisão de dados. No decorrer desse processo, é importante fazer rascunhos e anotações das ideias para que a análise tome

²² <https://meet.google.com/yhx-rzor-heh>

forma, e assim, identificar por meio de rascunhos como os padrões podem ser aplicados nas fases seguintes;

- 2) Gerando códigos iniciais: São criados códigos para todos os temas/padrões em potencial, de forma a não excluir dados mesmo que eles não pareçam relevantes naquele momento, pois assim inclui tudo o que foi revisto sem perder o contexto. Isso porque uma diversidade de código auxilia a pesquisadora a identificar, mais cedo ou mais tarde, que alguns dados podem estar em uma ou mais categorias e que podem ser utilizados de diferentes maneiras de interpretação, tanto indutiva do entendimento da pesquisadora, ou seguindo o que foi padronizado por meio da literatura teórica prévia.
- 3) Buscando temas: Nessa fase, desenha-se a estrutura da pesquisa por meio de tabelas, mapas conceituais ou pequenos resumos sobre o código. Ao representar visualmente os códigos, a pesquisa ganha os temas e subtemas provisórios.
- 4) Revisando os temas: A partir do refinamento de temas, a pesquisadora pode fazer um mapa temático de forma a identificar quais são os temas que serão incluídos, quais serão aglutinados por terem coerência e homogeneidade, quais podem ser divididos e quais são descartados da análise. Quando o pesquisador sente que não há mais nada de substancial a ser codificado como tema, e se sente satisfeito com o que foi obtido, a fase cessa.
- 5) Definindo e nomeando os temas: Nesta etapa, os detalhes de cada tema são apurados e começa a se contar a história que a análise dos temas e subtemas apresentam. E, de que forma se encaixam em uma história maior, por meio de nomes e com definições objetivas e claras para elucidar uma ideia clara ao leitor do que está sendo apresentado.
- 6) Produzindo o relatório: O relatório é um instrumento de argumentação entre os dados e a pergunta de pesquisa. No decorrer da escrita, a pesquisa tem que oferecer exemplos vividos da história e análise tem de ser feita a partir da descrição concisa, lógica, coerente, sem que haja repetições, e que mostre os aspectos interessantes sobre a história que os dados propõem dentro e por meio dos temas.

A escrita do relatório científico fica completa somente quando a revisão de literatura que fundamentou o caminho da pesquisa, é incluída na análise das falas para que sejam construídas discussões pertinentes sobre os temas obtidos.

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO DE DADOS

Esta seção foi construída a partir das narrativas coletadas por meio da entrevista semiestruturada. Estão presentes detalhes em relação ao perfil da amostra e, após a análise das falas, foi redigida a discussão dos resultados apresentados, considerando o referencial teórico citado na subseção de Análise de Dados.

Os dados da pesquisa foram agrupados em duas categorias: a) A influência das representações sociais no bem-estar psicossocial das atletas e b) performatividade de gênero e aspectos socioculturais em contraste com o futsal feminino.

7.1 Perfil das participantes

As participantes do estudo apresentaram idade média de ± 28 anos, a maioria definiu seu estado civil como solteira e com o ensino superior completo. A média de tempo como jogadora de futsal profissional é de ± 14 anos, e a média de anos que participaram das Leões da Serra é de ± 3 anos.

Quadro 02 - Síntese do Perfil das participantes

Nome	Idade	Nº de irmãs/os	Estado civil	Escolaridade	Estado em nasceu	Anos que formalmente o futebol/futsal ?	Período de participação no Leões da Serra
Ártemis	38 anos	02 M	Solteira	Pós-graduação completa	São Paulo	23 anos	2 anos
Atena	29 anos	02 M 01 H	Divorciada	Pós-graduação completa	Rio Grande do Sul	14 anos	4 anos
Hebe	22 anos	01 H	Solteira	Cursando o ensino superior	Minas Gerais	8 anos	4 anos
Hecate	22 anos	02M 01H	Solteira	Superior Completo	Paraná	7 anos	5 anos
Íris	31 anos	02 M	Casada	Superior Completo	São Paulo	18 anos	2 anos

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados das entrevistas (2022).

A família foi considerada por elas como o principal grupo social que apoiou e continua a apoiar sua carreira profissional, mesmo que esteja vivendo em uma unidade

federativa diferente da que nasceu e foi criada. A média foi de dois parentes fraternais, sendo a maioria irmãs, e nenhuma delas é filha única. Três eram solteiras, uma casada e uma divorciada. Nenhuma tem filhos.

A educação é uma área importante para as jogadoras, pois todas elas equilibraram a carreira com a profissionalização por meio do ensino superior, sendo que das quatro que possuem o ensino superior completo, duas também fizeram pós-graduação.

7.2. A influência das representações sociais no bem-estar psicossocial das atletas

A subseção a seguir foi redigida com o objetivo de discutir os principais pontos percebidos nas narrativas das entrevistadas, como sendo pertinentes de serem correlacionados a teoria de Bem-estar Psicológico de Carol Ryff.

7.2.1 Hécate

Essa jogadora relatou abaixo sobre o início da sua atividade enquanto jogadora:

Então eu comecei a atuar com os meninos e jogava futebol de campo, e joguei várias competições com eles. Sempre me respeitaram muito (ser uma menina no meio do grupo de menino) [...], às vezes eu ficava desconfortável[...], às vezes com papo dos meninos, né? [...] é natural assim como o homem se, se ficaria desconfortável com papo de mulheres (HECÁTE, 2022).

O que são assuntos de meninos? O que é papo de meninas? Existem intersecções entre ambos? Nos anos finais da infância e no período da adolescência, o indivíduo busca afirmar quem é e o que lhe representa, e o contexto das relações de grupos com pessoas da mesma idade é um terreno fértil para tais identificações. Entretanto, ser aceito em um grupo nem sempre é fácil pois podemos não concordar com tudo o que é dito ou imposto.

Luis M. Almeida, Helena P. Pereira e Helder M. Fernandes (2018) afirmaram que as atividades esportivas refletem o que é procurado por jovens: a possibilidade de aceitação social. Os autores complementam que quando os jovens vivenciam situações de vitórias e derrotas, isso resulta com sua aprendizagem e autoconhecimento, e consequentemente com a melhoria do bem-estar psicológico.

Então, a fala indicou que quando iniciou no esporte Hécate sentia um misto entre momentos desconfortáveis e confortáveis pelo fato de estar presente em um grupo composto pela maioria de meninos.

As situações confortáveis, segundo a narrativa da jogadora, foram associadas ao sentimento de inclusão no grupo e com possibilidade de reconhecimento do seu potencial, do respeito dos meninos pelas suas habilidades enquanto jogadora. Entretanto, Hécate se sentia mal pelo fato de não ter os mesmos assuntos e isso poderia lhe causar sensações negativas.

Ao ser perguntada se sofria discriminação de gênero²³ nos dias atuais, seja por parte das/os torcedoras/es ou da mídia, Hécate (2022) respondeu que ela e as jogadoras acabaram “se calejando muito psicologicamente em várias coisas”, e que não identificava mais falas machistas ou LGBTfóbicas sendo proferidas a ela, e que se houvesse isso não a afetaria tanto quanto acontecia quando iniciou no esporte.

Essas falas podem indicar que as jogadoras demonstram uma autoaceitação enquanto uma mulher jogadora, e ao contar sobre as dificuldades vivenciadas “calejadas” pela discriminação de gênero, pode indicar uma certa naturalização dessas violências.

Sobre experiências futuras, conta que tem interesse em jogar no exterior e que já foi chamada para tal desafio, mas que não sentiu ser o momento certo, pois está comprometida com o time, o que indica que esse é o seu propósito de vida no momento. E que isso possivelmente irá mudar pois tem interesse na “experiência de conhecer países novos, mas eu não vou deixar de ser atleta” (HÉCATE,2022).

7.2.1.2 Iris

A atleta contou diversas situações comparando como era ser uma menina no esporte em contraste de como é ser uma mulher no esporte. Ela foi uma das que demonstrou sentir o peso de ser um exemplo para jovens jogadoras, e que tomou para si o papel de liderança desde os primeiros anos no esporte.

Para ilustrar isso, podemos rever a seguinte fala que foi apresentada no subcapítulo anterior:

Não, todo mundo vai jogar [...] eu tomava as dores. Eu falei: Não, é nosso time também, a gente vai jogar por mais que a gente perdesse. Não tinha problema (IRIS, 2022).

²³ Patrícia Abel Balestrin e Rosângela de Fátima Rodrigues Soares (2015, p. 56) explicaram que existem diferentes discriminações vivenciadas por mulheres: “em relação ao sexo, há o sexismo (que encontra no machismo sua mais forte expressão); em relação ao gênero, o que fica mais evidente é a misoginia (que pode ser definida como manifestação de ódio e aversão ao que é considerado feminino) e, relacionada à sexualidade, há a homofobia (talvez a mais exacerbada e banalizada em nossa cultura). Todas as formas de preconceito e discriminação estão inter-relacionadas e, associadas a outros marcadores sociais, como classe, geração e etnia, podem se tornar ainda mais cruéis e arbitrarias”.

Além de mostrar ter autonomia para se impor, Iris expressou segurança ao falar de seus pensamentos e defender seus ideais, pois foi ouvida pelos meninos que compunham o time e conquistou o direito de suas iguais participarem do esporte e, não apenas as meninas que jogavam melhor.

Segundo Butler (2019), quando é identificado os limites do “mundo exterior” a si, e luta contra a força de exclusão imposta, o sujeito está assumindo o domínio sobre a situação e reivindicando sua autonomia sobre as questões ligadas à sua vida, e o que o define em seu “mundo interior”. Com isso, é formada parte de sua “identidade pessoal” com o que pode ou não ser dito, o que pode ou não ser ouvido com naturalidade, e assim agregando a sua subjetividade da pessoa, o que pode ter resultado na autoaceitação de quem é e o que faz.

7.2.1.3 Hebe

Comparando com as demais entrevistadas, Hebe foi a que trouxe respostas mais sucintas em relação ao roteiro de perguntas da entrevista semiestruturada em relação a saúde mental e gênero.

Seguindo as características do estudo de Ryff (1989), na fala a seguir, podemos verificar que Hebe (2022) apresenta dificuldades na autoaceitação de sua imagem, enquanto jogadora quando o jogo é televisionado.

Não, eu não gosto de me ver jogar, mas [...], mas só de saber que tá transmitindo ali, que o pessoal está conhecendo, que o pessoal tá vendo a gente jogar [...] é muito bom pra nós, para nós individualmente e para o futsal feminino. [...] eu vejo umas coisas e falo: Que burrice, por que eu fiz isso? (risos).

Entretanto, ao enfatizar ter ciência sobre a importância de se assistir para verificar questões técnicas, Hebe mostra saber como se profissionalizar e aumentar seu domínio do ambiente em questão, e se sente feliz ao ter boa relação com as colegas e seu técnico.

Ao ser perguntada sobre qual o seu propósito de vida em relação ao futsal, o rosto de Hebe pareceu irradiar alegria. Disse que sua trajetória nas Leas a proporciona o crescimento pessoal e que tem como objetivo: “vestir a camisa da seleção” (HEBE, 2022).

7.2.1.4 Ártemis

Na entrevista com essa atleta, foi perceptível o quanto que o crescimento pessoal e o crescimento profissional foram se fundindo no decorrer de sua vida.

Ártemis relatou que iniciou sua carreira aos 14 anos quando teve que se mudar sozinha para outra cidade para seguir seu sonho de ser jogadora profissional, o que indica que desde jovem ela tem indícios de autonomia em suas tomadas de decisões, e na ciência para encarar as consequências de seus atos, como por exemplo não ter a família por perto.

Mesmo com todas as dificuldades, eu consegui vencer na vida, ser alguém. Sempre foi uma pessoa superresponsável, então eles nunca precisaram se preocupar comigo [...]. Então eu tenho bastante orgulho do que eu me tornei, eu sei que eles também têm bastante orgulho.

Este trecho da entrevista denotou também que Ártemis tem um alto nível de autoaceitação perante a sua trajetória de vida, e ao falar sobre as semelhanças e diferenças nas suas vivências esportivas como uma jogadora atuante no Brasil e em outros países, Ártemis contou o seu progresso e que sempre apresentava um propósito de vida intrínseco ao esporte como, por exemplo finalizar a graduação, e depois a sua pós-graduação com temas relacionadas ao futebol/futsal.

O grupo social familiar é considerado o primeiro em que sentimos e assumimos responsabilidades tanto por nós, quanto pelos nossos pares. Suélen de Souza Andres e Silvana Vilodre Goellner (2022), indicaram em seu estudo que por meio do estímulo e apoio familiar, as jovens atletas são incentivadas a aproveitar as oportunidades de mudanças e incremento de responsabilidades.

Assim, o futebol deixou de ser visto por Artémis como *hobby* e passou a ser entendido como um trabalho com remuneração, que possibilita uma transformação social na sua vida pessoal. Ela também, apresentou preocupação ao falar que as jogadoras mais novas do time não enxergam o potencial social que o futsal contém, e que não se preocupam com o futuro fora das quadras. Ela justificou que tem esse entendimento pois o esporte

de certa forma também é incerto por causa das lesões. Você pode estar ali de boas daí você por uma, não só uma besteira, mas por um pisão errado [...] você fica de molho e a tua vida, que que vai ser? Elas precisam entender a dessa desse benefício²⁴ que elas têm, né? De tá formada, porque uma lesão grave você não joga mais e não tem nenhuma formação, vai trabalhar no que? Nossa experiência não conta pra outras profissões, né?

²⁴ Referindo-se a bolsa de estudo ofertada pela UNIPLAC.

Ao detalhar como os prós e contras de ser uma jogadora profissional, Artémis demonstrou o domínio do ambiente como sendo uma área de trabalho, e ao mostrar o zelo com as jogadoras, demonstrou ser uma figura de autoridade, mas ainda cultivando uma relação positiva com elas.

7.2.1.5 Atena

Bem como a entrevistada anterior, Atena fala de como a sua autonomia de morar sozinha aos quinze anos se correlaciona com o seu crescimento pessoal para que assim pudesse alcançar seus objetivos e seu propósito de vida. Então se referindo ao seu primeiro time

a gente viajava, jogava e tal. Sempre tive essa, Essa independência, essa liberdade [...]E só que depois que mora fora, tu perdes assim a tua mãe, digamos, tua família que está ali, tu tens que se virar sozinha. Ou tu acabas amadurecendo rápido, tu sabe? Tu aprendes muito mais rápido o que é certo, o que não é. [...] aprende a lidar com as situações (ATENA, no ano de 2022).

Em diversos assuntos, Atena voltava a falar da família e o quanto o desenvolvimento de sua carreira está relacionada a relação afetiva com seus familiares.

Um assunto que merece ser apresentado é que a aceitação da homossexualidade da entrevista por parte de sua mãe, auxiliou em sua saúde mental e na autoaceitação de sua subjetividade, pois sua mãe

sempre foi muito parceira, muito amiga a gente sempre conversou abertamente sobre essas coisas. Com certeza isso me fez ficar muito mais forte pra enfrentar, né? Os preconceitos, enfrentar esse tipo de situações que poderiam acontecer fora. [...] óbvio que a gente ficava chateada de escutar certas coisas, né? Mas nunca deixei essas coisas me afetarem no que eu tinha que fazer, nos meus sonhos, no que eu queria pra mim.

A narrativa da Atena indica que ela sofreu discriminação de gênero em função da sua orientação sexual, mas que conseguiu reagir com o apoio da família, especialmente da sua mãe e de suas irmãs.

Este apoio demonstrou que eram contrárias as pelas representações normatizadas, aos processos regulatórios e às estratégias de poder que estavam subjacentes ao entorno do esporte, e ajudaram no fortalecimento da identidade (GOELLNER, 2021).

7.3 Performatividade de gênero e aspectos socioculturais em contraste com o futsal feminino

7.3.1 As primeiras experiências das atletas no futebol e no futsal

Nas entrevistas que Altmann e Reis (2013), realizaram foi destacado que mulheres atletas de futsal creem que ao jogar com meninos puderam desenvolver diferentes aptidões ao jogar com indivíduos experientes, fortes e com um repertório de habilidades.

Quando as jogadoras foram questionadas sobre como começaram a praticar futebol, a resposta unânime era de que aconteceu ainda na infância, e que as primeiras experiências aconteceram junto aos grupos de garotos.

Olha, eu comecei bem novinha, tinha uns nove anos assim, eu comecei a jogar bola com os meninos [...], nessa época [...], muito difícil encontrar meninas jogando no futebol na rua né? E eu comecei jogando no campinho perto de casa.... assim....com os meninos, e me apaixonei desde a primeira vez que eu comecei a jogar. Era algo que daí eu já comecei a fazer todos os dias (ARTEMIS, 2022)

Porque tipo era a única menina no meio dos meninos [...]. Aí depois que a gente começa a conviver junto que né? [...], depois que...tipo... eles me conheceram que deu pra eu ver que eu realmente sabia jogar que eu poderia estar [...] no mesmo nível que eles. Depois disso eles me aceitaram (ATENA, 2022).

Nos fragmentos apresentados, podemos ver que não era fácil para as entrevistadas encontrarem meninas no esporte e que conquistaram seus espaços. Ainda que algumas entrevistadas algumas relataram que não foram acolhidas no começo, elas acreditam que ganharam o seu espaço.

tinha uns ou outros que não queria aceitar, que escolhia o time e não queria me escolher...sempre tem essa situação, mas aí tinha alguns também que eram os meus colegas e me faziam jogar ali no meio deles. (HEBE, 2022)

Ainda que o signo seja “um constructo ideal forçosamente materializado ao longo do tempo (BUTLER, 2019, p. 20)”, não se caracteriza como estático porque este sempre buscará a reiteração, com o objetivo de tornar a materialização completa. Ou seja, quem detêm o poder sobre o espaço, determina quem é bem-vindo e quando vai ser incluído no grupo.

Eu lembro que a gente ia jogar e os meninos deixavam tipo eu e minha irmã jogar porque ah a gente já jogava com os meninos desde mais nova, então a gente “aguentava mais”, era o que eles falavam. As outras eles não deixavam.

Aí a gente falava: **Não, todo mundo vai jogar** [...] eu tomava as dores. Eu falei: Não, é nosso time também, a gente vai jogar por mais que a gente perdesse. Não tinha problema (IRIS, 2022).

Assim, com base na teoria de Butler podemos considerar que as instabilidades enfrentadas continuam a deixar a rematerialização de meninas no futebol como uma possibilidade distante, pois nesse caminho, ela esbarra em rearticulações com as quais a força da lei regulatória volta-se contra si mesma.

Talvez esse momento de colocar-se em posição de oposição a exclusão das outras meninas pode ter sido um “ato” singular na história de vida de Íris, mas com a repetição de situações vivenciadas em outros dias e contextos objetivando o espaço delas dentro do futsal – e retirando estas meninas da posição de abjetas e invisíveis no esporte- a circunstância encaixa-se na performatividade de gênero se forem “como uma prática reiterativa e citacional por meio da qual o discurso produz os efeitos daquilo que nomeia” (BUTLER, 2019, p. 22) .

Ana Paula de Queiroz Bambace, Anna Beatriz Vargas Panfili e Juliana Aparecida de Oliveira Camilo (2020), explicam que as atividades esportivas não existem por si só - assim como outros fenômenos sociais – estão vinculadas a instituições externas e submetidas a regras e relações de poder, podendo isso ser de modo sutil ou escancarado.

Como mencionado por Butler (2017), a performatividade de gênero almeja o exercício da liberdade de ser quem é em público, com risco de esbarrar em condições que podem levar a precariedade. O que pode ser visto quando Temis (2022), narrou sobre ter se mudar para a casa de um parente homem que morava em uma cidade com mais oportunidades para o futebol feminino, mas que ele, no início, não aceitara que ela praticasse tal esporte e precisava “jogar escondida e tinha que colocar amigas minhas pra ficar na rua olhando” para evitar de “apanhar em casa”.

Com essa fala, foi possível observar que Ártemis estava seguindo o contrato hetonormativo imposto por meio do medo pelo familiar, mas que isso não a impediu de dar seus primeiros passos no esporte. E que sua vida mudou na adolescência ao receber “uma proposta pra jogar num time profissional (ÁRTEMIS, 2022), em uma cidade maior e com a oportunidade de desfrutar de uma bolsa de estudos. Disse que sua mãe foi sua maior incentivadora e que a apoiava nas suas decisões, pois a filha iria “ganhar uma ajuda de custo e é o sonho dela, o que ela quer fazer”. Em suas falas, foi possível observar uma certa gratidão por parte de Ártemis sobre o que sua mãe fazia por ela.

Todavia, a jogadora também relatou sobre as dificuldades enfrentadas por estar sozinha em uma cidade nova e por ser a caçula do grupo pois lá “não existia categoria de

base, [...] eu era mais nova e a segunda menina atleta mais nova tinha dezenove”. Ao ter se sujeitar a isso, e querer continuar neste time, ela aceitou as condições da própria subordinação o que pode ser entendido quando visto por meio da ótica de Butler (2017), necessário para persistir nesta empreitada.

As condições impostas para que ela ascendesse no esporte são partes determinantes do que a levou a ser quem é hoje, pois elas se fazem presentes tanto nos atos dessa formação como sujeito, quanto nos atos decorrentes dela como sujeito (BUTLER, 2017).

Por isso, como podemos ver na fala a seguir Ártemis (2022), demonstrou ser uma entusiasta de haver categorias de base para meninas:

É a igualdade de gênero, é o empoderamento feminino principalmente e as nossas ações sociais, né? Que a gente se preocupa com o projeto social, Escola de Leoas, sabemos o que essa representatividade é que nos faz sermos ferramenta de transformação pra essas atletas, pra essas meninas de cinco a dezessete anos que fazem ali as escolinhas, né? Então elas, eu sei que elas nos enxergam como um exemplo a ser seguido.

A entrevistada demonstrou reconhecer o poder de sua influência frente a novas jogadoras, principalmente em enxergar que o seu começo no futebol pode ser semelhante ao que está sendo vivenciado por elas e seus familiares, mesmo com duas décadas de distância temporal. Ao se utilizar como exemplo de perseverança e dedicação, mesmo com situações adversas neste esporte, tornou-se uma história a ser seguida.

Se não houvesse ocasiões de resistências, é provável que não existem times profissionais de futsal feminino no Brasil e no mundo. Mas, infelizmente, ainda hoje é difícil para as mulheres essa saída das categorias amadoras do esporte para tornar-se uma profissional de futsal feminino com salário digno. Não é viável permanecer no futebol apenas pelo amor ao esporte, portanto é importante um reconhecimento no que se refere à remuneração para que as atletas possam se manter com o que ganham com o esporte e valorizar o futsal como uma profissão.

7.3.2 Indicativos relacionados a preconceitos e discriminação em vivências esportivas

Grande parte das perguntas do roteiro da entrevista semiestruturada foram pensadas para suscitar a apresentação de narrativas sobre como as vivências de preconceitos, discriminações e violências relacionadas aos papéis sociais de gênero e influência destes na saúde mental.

No decorrer da análise foram observadas narrativas consideradas como

fragmentos de experiências de discriminações. Isso foi possível, pois ao interpretar as narrativas das entrevistadas à luz da teoria butleriana, encontrou-se o modo de compreender que as construções sobre gênero e sexualidade não são ontologicamente fixas, pois são abertos a revisão, e assim com a possibilidade de serem encontrados em maneiras diferentes de desfazer ou refazer as normas sociais encontradas culturalmente (BUTLER, 2017).

Luiza Klein Alonso (2003) já falava que relatar os preconceitos sofridos por mulheres no esporte, e buscar visibilidade para elas requer coragem tanto como se fosse colocar a mão em uma caixa de maribondos. A autora salienta que ao decorrer dos anos, foi ficando cada vez menos frequente ouvir sobre comportamentos abertamente machistas e autoritários.

Após relatar sobre preconceitos na sua infância no futebol, Atena (2022), falou que a partir do momento em

fui crescendo esses preconceitos (de ser uma mulher jogadora) acabaram assim, não tive mais episódios disso. Era mais... Nem sei de posso falar... Penso que sim, “assédio”²⁵ por ‘Ah você tem a perna grande’, ‘Olha o tamanho da tua bunda’ [...], mas essas coisas depois de grande que eu passei a sofrer, mas perante as redes sociais e não pessoalmente.

Segundo Goellner (2005), esses supostos elogios as características corporais fazem parte da erotização atribuída a espetacularização das práticas esportivas a partir da década de 70, ao se expandir os locais que poderiam ser praticadas ou visualizadas. A autora complementou que a imagem da atleta contemporânea retoma atributos dito como femininos como a graciosidade e a saúde, mas acrescenta marcas de beleza e sensualidade ao estar exercitada fisicamente, e dessa maneira um corpo absolutamente desejável aos olhos dos espectadores. A fala de Atena vai ao encontro do que Julia Botelho de Faria Borges, Raoni Perrucci Toledo Machado e Waleska Vigo Francisco (2021), visualizaram o futebol como um esporte que carrega o preconceito enraizado e velado da sociedade, que pode ou não acontecer por meio de comportamentos, mas também por meio de verbalizações, as quais muitas vezes podem ocorrer de forma sutil.

E por isso, é difícil para as esportistas identificarem se estão sendo alvo de um elogio ou de um ato preconceituoso, o que pode acarretar responder que nunca sofreu discriminação na carreira esportiva (BORGES; TOLEDO; FRANCISCO, 2021).

Retomado a análise das falas das entrevistadas, a presença da desigualdade de

²⁵ Essas aspas foram feitas por Atena por meio de um gesto com os dedos.

gênero foi visível em todas as entrevistas. Uma das situações que foi possível observar por Ártemis (2022), ao narrar que o time das Leoas da Serra não recebeu os mesmos incentivos da prefeitura, quando comparados ao que são fornecidos ao time local de futsal masculino. Ao se referir as Leoas como sendo “um dos dez melhores times do mundo, e aí o masculino que não ganha nada eles querem mandar de ônibus. Entendeu? Sim. Por que que é a minha briga? Porque você vê que não é pra merecimento. É a desigualdade de gênero mesmo e isso aí me afeta demais”.

Entretanto, uma frase de Ártemis (2022), contextualizou o porquê o preconceito com o futsal feminino vindo dos torcedores não existe, ou pelo menos não é escancarado: “Eles pagam para nos ver toda a semana. Por que teriam preconceito? [...] Teve jogos que tivemos público pagante de 10 mil em Lages”.

Contudo, as jogadoras identificam outro tipo de preconceito que vivenciaram fortemente antes de ingressarem no Leoas da Serra: o racismo.

Hebe e Ártemis são jogadoras negras e contaram as principais experiências em que sentiram o preconceito e a discriminação por causa da cor da pele. Ártemis (2022) narrou a história de como foi recebida pelo dono de um clube quando houve sua contratação em um time do sul do Brasil

me contrataram e aí a minha apresentação foi num salão de festa, um jantar, né? E quando eu fui, toda diretoria o presidente eu lembro até hoje [...], ele não me deu a mão e eu senti que ali foi um ato racista sabe? Ele só me cumprimentou assim com a cabeça, e eu pulei ele, cumprimentei o restante da diretoria e tudo. E aí, logo que eu desci de lá que eu fui sentar na mesa né? Com as atletas pra gente comer e a diretora [...]veio conversar comigo e pediu desculpa pela atitude dele sabe?

Vale trazer algum autor para ampliar a discussão com a análise interseccional que permite mostrar que as mulheres não sofrem somente o preconceito por ser mulher (preconceito de gênero) e mas em alguns momentos o de raça passa a predominar

Hebe (2022) disse que a situação que mais a machucou foi quando ela era adolescente e estava jogando em um time de Santa Catarina, e sofreu “preconceito por causa da cor, né? Sempre tem, sempre tem [...] uma vez ouvi na arquibancada, mas fingi que não ouvi”. Ela acrescentou que ficava indignada quando aconteciam momentos de racismo no esporte e que aquele ano por ser jovem “você não sabe o que fazer, não sabe, não sabe o que falar, argumentar, então só sente por dentro e depois tenta dissolver aquilo”. Iris (2022) relatou que nunca presenciou racismo quando estava em quadra. Entretanto que em jogos que ela estava na torcida, já ouviu relatos racistas advindo de outros torcedores e que ela teria ficado indignada com a situação, principalmente porque

quando pediu para que repetissem, os torcedores se negaram.

Goellner *et al.* (2009) salientam que essa é uma das principais dificuldades de se combater o racismo, pois esta discriminação é comumente negada e considerada como sendo algo trivial, não-agressivo e como parte de um chiste. Portanto, o racismo afeta não só as jogadoras negras, mas também as jogadoras da equipe e é um desafio atual para que seja estudado sobre seus impactos na saúde mental das jogadoras de futsal feminino.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar se as construções sobre a performatividade de gênero influenciam na saúde mental das atletas de um futsal do time profissional das Leas da Serra, e como problema de pesquisa descobrir em que medida a performatividade de gênero impacta na saúde mental das esportistas do time de futsal Leas da Serra?

No decorrer da análise das entrevistas, foi observado o contraste entre as narrativas das entrevistadas e as hipóteses da pesquisa. Era esperado que houvesse mais narrativas sobre a discriminação de gênero, por se tratar de uma cidade do interior do Estado de Santa Catarina, e por esta ser considerada por alguns/mas de seus/suas moradoras/es como uma cidade conservadora e machista.

A performatividade de gênero impactou na saúde mental das esportistas quando elas precisaram desenvolver o senso de autonomia para fazer suas próprias escolhas para ingressar no esporte, mesmo que tenham sido desacreditadas no início. Com isso, o propósito de vida de se tornar uma jogadora profissional e de divulgar o esporte, bem como ser uma referência para jogadoras mais novas, impulsionou o crescimento pessoal em consonância com o crescimento profissional.

Em síntese, a saúde mental das jogadoras era mais impactada pela performatividade de gênero e pela reprodução das práticas discursivas sobre masculinidade e feminilidade, quando elas atuavam como jogadoras amadoras. Durante a atuação como jogadoras profissionais do “Leas da Serra” - time que conquistou títulos na Copa do Brasil, Libertadores e no Mundial de Clubes - a saúde mental das jogadoras não foi tão afetada pelas performatividades de gênero, considerando que desde 2015 o time conquistou títulos estaduais, nacionais, sul-americanos e mundiais, como por exemplo os Jogos Abertos de Santa Catarina, a Copa do Brasil, a Libertadores, e o Mundial Interclubes. Estas conquistas trouxeram a elas não só o apoio dos torcedores e o reconhecimento de sua representatividade à sociedade, mas sim ao autorreconhecimento

como atletas de alto rendimento, e conseqüentemente a identificarem menos preconceitos e discriminações fundadas nas normativas culturais de gênero.

Ao atuarem como jogadoras de futsal feminino, conquistaram o domínio do ambiente esportivo e rompem com estereótipos e subvertem os papéis sociais historicamente postulados pela sociedade. Entretanto, ainda há avanços que precisam ser feitos, como a equiparação salarial entre jogadoras e jogadores de futsal, e o aumento de investimentos de órgãos públicos em comparação com o que é dedicado ao futsal masculino.

Outra temática que merece destaque é a discriminação racial no futsal feminino atrelada aos estudos de gênero, às representações sociais e à saúde mental, para que seja possível a desconstrução de preconceitos de gênero e raça, que ainda prevalecem nos campos do futsal feminino.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. From shame to visibility: Hashtag Feminism and Sexual Violence in Brazil. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 33, p. 19-41, 2019.

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de *et al.* Jogos Olímpicos Gregos: discussões históricas. **EFDeportes - Revista Digital**, v. 17, n. 169, 2012.

ALTMANN, Helena; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamento e de conquistas. **Movimento**, v. 19, n. 3, p. 211-232, 2013.

ALTOÉ, André Pizetta; SILVA, Marinete dos Santos. A Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres: a questão de gênero vista de forma bidimensional. **Caderno Espaço Feminino**, v. 30, n. 1, 2017.

ALVAREZ, Sonia E. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. **Caderno Pagu**, n. 43, p. 13-56, 2014.

ALVES, Vera Lucia Pereira; LIMA, Daniela Dantas. Percepção e Enfrentamento do Psicossomático na Relação Médico-Paciente. **Psicologia Teoria e Pesquisa**, v. 32, n. 3, 2016.

AMARANTE, Paulo. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

ANDRES, Suélen de Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre. Trajetórias esportivas de jogadoras de handebol e suas narrativas sobre ser profissional da modalidade. **Movimento**, v. 24, p. 527-538, 2022.

BAÊTA, Raiane Fidelis; NETO, João Becon de almeida. Violência de gênero: enfrentamento sob a perspectiva dos mecanismos necessários à superação de vulnerabilidades. **Saúde em Redes**, v. 2, n. 2, p. 201-210, 2016.

BALZA, Isabel. De Hechicera a Santa: la Piedad Heroica De Juana De Arco. **Tábula Rasa**, n. 14, p. 325-339, 2011.

BAMBACE, Ana Paula de Queiroz; PANFILI, Anna Beatriz Vargas; CAMILO, Juliana Aparecida de Oliveira. Sobre a violência sexual no esporte olímpico envolvendo mulheres: um estudo a partir de reportagens em diferentes sites esportivos. **Olimpianos-Journal of Olympic Studies**, v. 4, p. 122-136, 2020.

BANERJEE, Ankan; MANNA, Siya. Women participation in the Modern Olympic Games: A Study. **International Journal of Physical Education, Sports and Health**, v.7, n.6, p. 313-317, 2020.

BAPTISTA, Érica Anita; ORLANDINI, Maiara Garcia; CARRARO, Gabriela. Ativismo feminista online: análise das estratégias discursivas da hashtag #primeiroassédio. **Fronteiras-estudos midiáticos**, v. 22, n. 3, p. 106-120, 2020.

BARRETO, Letícia Cardoso; MAYORGA, Claudia; GROSSI, Miriam Pillar. Zorras, putas y feministas: Diálogos en Belo Horizonte. **Psicologia & Sociedade**, v. 29, 2017.

BORGES, Júlia Botelho de Farias; MACHADO, Raoni Perrucci Toledo; FRANCISCO, Waleska Vigo. Mulher, atleta e lésbica: assumindo riscos. **Olimpianos-Journal of Olympic Studies**, v. 5, p. 239-252, 2021.

BRASIL. **Lei nº 3.199 de 14 de abril de 1941**. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país.

BRASIL. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Diário Oficial da União.

BRASIL. Conselho Nacional de Desportos. **Deliberação nº 7-65, de 2 de agosto de 1965**. Baixa instruções às entidades desportivas do país sobre a prática de desporto pelas mulheres.

BRASIL. **Ofício Circular nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS**. Conselho Nacional de Saúde. Ministério da Saúde, 2021.

BUTLER, Judith. Alianças queer e política anti-guerra. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 11, n. 16, 2017.

BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e a teoria feminista. **Caderno de Leitura**, n. 78. Edições Chão da Feira: 2018.

BUTLER, Judith. Pós-escrito: Repensando a vulnerabilidade, a violência e a resistência. *In: A força da não violência: um vínculo ético-político*. São Paulo: Boitempo, 2021, p. 143-156.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre o limite discursivo do sexo. *In: LOURO, Guacira. Lopes (org.). 2ª ed. O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.151-166.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. 19 ed.

BUTLER, Judith. Regulações de gênero. **Cadernos Pagu**, n. 42, p. 249-274, 2014.

CAMARGO, Wagner Xavier; RIAL, Carmen Silvia de Moraes. Esporte LGBT e condição pós-moderna: notas antropológicas. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, v. 10, n. 97, p. 271-289, 2009.

CAMARGO, Wagner Xavier de. Considerações antropológicas sobre sexualidades e masculinidades no esporte. **Revista de Antropologia da UFSCar**, v. 6, p. 1, 2014.

CAMARGO, Wagner Xavier de. O dia em que conheci Stella Walsh. **Ludopédio**, v. 94, n. 2, 2017.

CAMPOS, Beatriz Luedemann. **“Avante, companheiras!”: as lutas sindicais das operárias do Rio de Janeiro na União das Costureiras a partir da trajetória de Elvira Boni (1919-1922)**. Monografia (Bacharelado em História) - Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, p.128, 2021.

CARVALHO, Marco Aurélio de; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Escola, gênero e abjeção: desdobramentos a partir da alegoria na animação X-men Evolution. **Diversidade e Educação**, v. 8, n. 1, p. 577-593, 2020.

CAPRONI NETO, Henrique Luiz. Teoria queer e as diferenças. **Cadernos de Pesquisa**, v. 45, n. 155, p. 221-225, 2015.

CHAGURI, Mariana Miggiolaro. Jornalistas, escritoras e ativistas: alianças internacionais de mulheres durante a Guerra do Vietnã (1954-1975). **Cadernos Pagu**, 2022.

CHIÉS, Paula Viviane. "Eis quem surge no estádio: é atalante!" a história das mulheres nos jogos gregos. **Movimento**, p. 99-121, 2006.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL DE SALÃO. CBFS. **O esporte da bola pesada que virou uma paixão**. 2020. Disponível em <https://www.cbfs.com.br/futsal-origem>. Acesso em 16 dez. 2020.

CORRÊA, Cahuane; SILVA, Marcelo Moraes e. Os corpos na obra de Homero: As relações de poder entre os sexos. **Record**, v. 11, n. 1, p. 1-14, 2018.

CORREIA, Marco; ROSADO, António. Anxiety in Athletes: Gender and Type of Sport Differences. **int.j.psychol.res.**, v. 12, n. 1, p. 9-17, 2019.

COSTA, Fábio Soares da; SANTOS, Andreia Mendes dos. Diferença e igualdade nas relações de gênero no esporte. **HOLOS**, v. 5, n. 1, p. 140-150, 2018.

Comitê Olímpico Brasileiro (COB). **Tóquio 1964: 10/10 a 24/10 JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO**. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/cob/time-brasil/brasil-nos-jogos/participacoes/toquio-1964/>. Acesso em: 29 maio 2022.

COSTA, Jaqueline Elizabeth *et al.* A mulher em quadra: evidências contemporâneas do

contato inicial com futsal. **RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 10, n. 41, p. 694-702, 2018.

CUCHET, Violaine Sebillotte. Cidadãos e cidadãs na cidade grega clássica. Onde atua o gênero? **Tempo**, v. 21, n. 38, p. 281-300, 2015.

D'ANDRÉA, Carlos; MELGAÇO, Leonardo; FIRMINO, Roberta. Translações no Facebook: a controvérsia 'Galo Machista'!? nas páginas de torcidas organizadas. **FuLiA/UFMG**, v. 2, n. 1, p. 103-126, 2017.

DUTRA, Mariana Passos; NUNES, Tiago de García. A Marcha das Vadias como redes de movimentos e significados. **Prolegómenos**, v. 18, n. 36, p. 153-168, 2015.

ESCOLA DE LEOAS (Lages). **Página Inicial do Instagram do Escola de Leoas**. 2022. Instagram: @escoladeleoas. Disponível em: <https://www.instagram.com/escoladeleoas/>. Acesso em: 11 fev. 2022.

ELIZALDE, Silvia. Contextos que hablan. Revisiones del vínculo género/juventud: del caso María Soledad al #niunamenos. **Última década**, v. 26, n. 50, p. 157-179, 2018.

ELSEY, Brenda. Energizadas pelo movimento de mulheres "# NiUnaMenos", as equipes de futebol feminino desafiam os patriarcas do esporte-rei da América Latina. **FuLiA/UFMG**, v. 4, n. 1, p. 39-50, 2019.

FÁDEL, Hélio. Psiquiatria do esporte para o futebol. In: DUFF, David R. McDuff; FÁDEL, Hélio. **Psiquiatria do esporte - estratégias para qualidade de vida e desempenho máximo**. Barueri: Manole, 2018.

FAGGIANI, Fernanda *et al.* O Fenômeno do Expatriado no Contexto Esportivo. **Psicologia Cênica e Profissão**, v. 36, n. 3, p. 738-747, 2016.

FARIAS, Cláudia Maria de. O atletismo feminino brasileiro sob a ditadura civil-militar: novos obstáculos e caminhos. **La manzana de la discordia**; v. 7, n. 1, p. 23-40, 2012.

FARIAS, Cláudia Maria de. Superando barreiras e preconceitos: trajetórias, narrativas e memórias de atletas negras. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 3, p. 911-930, 2011.

FERREIRA JUNIOR, Neilton. "Eu fiquei na história. Eu também competi. Não é que me deixaram": aspectos da inserção da mulher negra no esporte olímpico. In: RUBIO, Katia (org.). **Mulheres e esporte no Brasil: muitos papéis, uma única luta**. São Paulo: Laços, 2021. p. 63-88.

FERRETTI, Marco Antônio de Carvalho *et al.* O futebol feminino nos Jogos Olímpicos de Pequim. **Motriz: revista de educação física**, v. 17, n. 1, p. 117-127, 2011.

FIGUEIREDO, Eurídice. Desfazendo o gênero: a teoria queer de Judith Butler. **Revista Criação & Crítica**, n. 20, p. 40-55, 2018.

FLICK, Uwe. Entrevistas. In: FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009a. p. 143-163.

FLICK, Uwe. Pesquisa qualitativa: por que e como fazê-la. In: FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009b. p. 20-49.

FORNARI, Lucimara Fabiana *et al.* Gender and generation perspectives in the narratives of sexually abused women in childhood.. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 26, p. 1-8, 2018.

FRANCISCO, Waleska Vigo; SANTOS, Juliana Ferreira dos; RUBIO, Katia. O respeito ao não-dito nas narrativas de atletas LGBTQIA+ do esporte olímpico. **Olimpianos - Journal of Olympic Studies**, v. 6, p. 93-106, 2022.

FURLIN, Neiva. A relação entre Estado e sociedade no processo de institucionalização das políticas de gênero no Brasil e Chile. **Revista Brasileira de Ciência Política**, p. 169-206, 2020.

FURLIN, Neiva. Do Gênero À “Ideologia De Gênero” No Campo Das Políticas Educacionais: Apontamentos Teóricos, Históricos E Políticos. **Práxis Educacional**, v. 17, n. 44, p. 465- 487, 2021.

GALVÃO, Laila Maia. Os entrecruzamentos das lutas feministas pelo voto feminino e por educação na década de 1920. **Revista Direito e Práxis**, v. 7, n. 1, p. 176-203, 2016.

GODINHO, Julia Moura; GROSSI, Miriam Pillar. "Re-inventing the "F"Word-Feminism": Gênero, Museus e Museologia. In: GROSSI, Miriam Pillar; REA, Caterina Alessandra. (Org.). **Teoria Feminista e Produção de Conhecimento Situado: Ciências Humanas, Biológicas, Exatas e Engenharias**. 1ed. Florianópolis/Salvador: Tribo da Ilha/Devires, 2020, v. 1, p. 135-150.

GOELLNER, Silvana Vilodre. As práticas corporais e esportivas e a produção de corpos generificados. *In:* SOARES, Guiomar Freitas; SILVA, Meri Rosane Santos da; RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Corpo, gênero e sexualidade: problematizando práticas educativas e culturais**. Rio Grande: Editora da FURG, 2006.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. *In:* LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Corpos, Gêneros e Sexualidades. Em defesa do direito das mulheres no esporte. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, n. 13, 2021.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre *et al.* **Gênero e Raça: inclusão no esporte e lazer**. Porto Alegre: Ministério do Esporte/Gráfica da UFRGS, 2009.

GOELLNER, Silvana Vilodre; SILVA, Paula; BOTELHO-GOMES, Paula. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no jornalismo esportivo de Portugal: um estudo sobre a Algarve Women's Football Cup. **Movimento**, v. 19, n. 3, p. 171-189, 2013.

GOMES, Romeu. A análise e interpretação de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES,

Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 79-108.

GRAÇA, Rodrigo. Performatividade e política em Judith Butler: corpo, linguagem e reivindicação de direitos. **Perspect Filos**, v. 43, n. 1, p. 21-38, 2016.

GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de Gênero e sexualidade. **Antropologia em Primeira Mão**, Florianópolis, p.1-18, 1998.

GUZZO, Morgani; WOLFF, Cristina Scheibe. Afetos no engajamento político das Marchas das Vadias no Brasil (2011-2017). **Revista Estudos Feministas**, v. 28, n.2, p. 1-11, 2020.

HERNANDEZ, Cristina Lopes de Subijana *et al.* Análisis de las barreras percebidas por los deportistas de elite españoles para acceder a los estudios. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v.15, n.1, p. 265 – 274, 2015.

INDONÉSIA. Princípios de Yogyakarta. **Princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero**. Tradução de Jones de Freitas. 2007. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/gays/principios_de_yogyakarta.pdf> Acesso em 03 de março de 2021.

IPEA – Instituto de Pesquisa Aplicada. **ODS 5: alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas – o que mostra o retrato do Brasil?** Brasília: IPEA, 2019.

KGATLA, Selaelo Thias. Addicts of Gender-Based Violence: Patriarchy as the Seed-bed of Gendered Witchcraft Accusations. **Studia Historiae Ecclesiasticae**, v. 46, n. 3, p. 1-18, 2020.

LAURETIS, Teresa. Teoria queer, 20 anos depois: identidade, sexualidade e política. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

LEOAS DA SERRA (Lages). **A instituição**. Disponível em: <https://www.leoasdaserria.com.br/instituicao>. Acesso em: 13 fev. 2021.

LEOAS DA SERRA (Lages). **Escola de Leoas: o projeto social**. 2022. Disponível em: <https://www.leoasdaserria.com.br/escola-de-leoas>. Acesso em: 11 fev. 2022.

LEOAS DA SERRA SÃO INSPIRAÇÃO PARA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Lages, 04 maio 2019. Disponível em: <https://clmais.com.br/leoas-da-serra-sao-inspiracao-para-aula-de-educacao-fisica/>. Acesso em: 03 maio 2022.

LESSA, Patricia; VOTRE, Sebastião Josué. Tarjeta rosada: la tecnofabricación de los cuerpos sexuados en los testeos de feminilidad en la Olimpiada de 1968. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 35, n. 2, p. 263-279, 2013.

LIMA, Luciana Tabarini.; RUBIO, Kátia. O atleta e a Experiencia da Hospitalização. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v. 6, n. 3, p.90-101, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer - uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n.2, p. 541-553, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MACHADO, Wagner de Lara; BANDEIRA, Denise Ruschel; PAWLOWSKI, Josiane. Validação da Psychological Well-being Scale em uma amostra de estudantes universitários. **Avaliação Psicológica**, v. 12, n. 2, p. 263-272, 2013.

MANSO, Almudena García; CALDAS, José Manuel Peixoto. Lo qué pesan las categorías de diferenciación sexo/genéricas en la salud mental colectiva e individual: una aproximación exploratoria. In: BRILHANTE, Aline Veras Morais *et al* (org.). **Interfaces entre Saúde Mental, Gênero e Violência**. Fortaleza: EdUECE, 2018. p. 13-38.

MARQUES, Beatriz de Oliveira Monteiro; ERTHAL, Regina Maria de Carvalho; GIRIANELLI, Vania Reis. Lei Maria da Penha: uma análise crítica à luz da criminologia feminista. **Saúde em Debate**, v. 43, p. 140-153, 2020.

MARTINEZ, Fabiana. **Feminismos em movimento no ciberespaço***. Caderno Pagu, Campinas, n. 56, p. 1-34, 2019.

MARTÍNEZ, Natalia. ¿ Pueblo feminista? Algunas reflexiones en torno al devenir popular de los feminismos. **Latinoamérica. Revista de Estudios Latinoamericanos**, n. 67, p. 173-202, 2018.

MARTINEZ-MORENO, Alfonso. Calidad en el deporte de élite: análisis de fortalezas y debilidades psicológicas en jugadores de balonmano. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 17, n. 1, p. 19-24, 2017.

MARTINS, Mariana Zuaneti *et al*. Entre o amadorismo, a profissionalização e a carreira dupla: o futsal feminino de elite sul-americano. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 26, n. 1, p. 143-155, 2018.

MARTINS, Mariana Zuaneti *et al*. Futsal feminino: indicadores do ambiente de formação de atletas da seleção brasileira. **Motrivivência**, v. 33, n. 64, 2021.

MASCARIN, Rafaela Bevilaqua; VICENTINI, Lucas; MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. Brazilian women elite futsal players' career development: diversified experiences and late sport specialization. **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 25, n. 2, 2019.

MASSA, Roberta Franco; LORENZETTO, Bruno Meneses. O papel histórico do feminismo no reconhecimento dos direitos das mulheres. **Revista Interesse Público**, v. 21, n. 118, p. 59-79, 2019.

MATOS, Marlise. Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do sul global? **Revista de sociologia e política**, v. 18, n. 36, p. 67-92, 2010.

MILLÁN, José Martínez. Mujeres Quebradas. La Inquisición y Su Violencia. Hacia La Heterodoxia En Nueva España. **Librosdelacorte.es**, n. 18, p. 252-255, 2019.

MINA, Claudia Yaneth Martinez; GOELLNER, Silvana Vilodre. Representaciones sociales de la Selección Femenina de Fútbol de Colombia en la Copa América 2014. **Educación Física y deporte**, v. 34, n. 1, p. 39-72, 2015.

MIRANDA, Cynthia Mara; BITAR, Marina Parreira Barros. Think Olga: reflexiones sobre el protagonismo ciberfeminista en Brasil. **Hachetetepé**, v. 18, p. 25-38, 2019.

MIRSAFIAN, Hamidreza; DÓCZI, Tamás; MOHAMADINEJAD, Azadeh. Attitude of Iranian female university students to sport and exercise. **Iranian studies**, v. 47, n. 6, p. 951-966, 2014.

MISKOLCI, Richard. Estranhando as ciências sociais: notas introdutórias sobre teoria Queer. **Florestan**, p. 08-25, 2014.

MORAES, Lucas; OSTERNE, Maria do Socorro. Transgressões de Gênero: A Aplicabilidade Da Lei Maria Da Penha e as Demandas de Mulheres Travestis e Transexuais. **Revista Ambivalências**, v. 5, n. 10, p. 157-179, 2017.

MORO, Maribel Barriopedro; MUNIESA, Carlos Alberto; HERNANDEZ, Cristina Lopez de Subijana. Perspectiva de Género en la Inserción Laboral de los Deportistas Olímpicos Españoles. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 16, n. 1, p. 339-350, 2016.

MOSTAFA, Joana; REZENDE, Marcela Torres; FONTOURA, Natália de Oliveira. Introdução. In: IPEA – Instituto de Pesquisa Aplicada. **ODS 5: alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas: o que mostra o retrato do Brasil?** 2019.

MOULT, Kelley. Nicolette Naylor and Sibongile Ndashe discuss local and global developments on sexual harassment and the role of the law in responding. **SA Crime Quarterly**, n. 65, p. 58-66, 2018.

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. Feminismos, epistemologia feminista e História das Mulheres: leituras cruzadas. **OP SIS**, v. 15, n. 2, p. 316-329, 2015.

NASCIMENTO, Marcelo Guimarães Boia do *et al.* Psychological profiles of gender and personality traces of Brazilian professional athletes of futsal, and their influence on physiological parameters. **Psychology research and behavior management**, v. 9, p. 41, 2016.

NEVES, Angela Nogueira *et al.* Dissimilaridade das habilidades mentais, traços de personalidade, alexitimia e estado de humor em atletas de tiro esportivo das Forças Armadas. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v. 6, n. 3, p. 28-45, 2016.

NUNES, Xenusa Pereira; PEREIRA, Gáudia Maria Costa Leite; LIMA, Julianeli Tolentino de. Relação entre gênero, educação física e esporte. **Anais do V SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES**, 2017.

OLIVEIRA, Flavia Volta Cortes de; ALTMANN, Helena; MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. The women inclusion on rugby: perceptions of Brazilian national team players. **Motriz**, v. 25, n. 3, 2019.

OLIVEIRA, Maria Marly de. Conhecendo alguns tipos de pesquisa. In: **Como fazer**

pesquisa qualitativa. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2016. p. 64-75.

ORION PARQUE (Lages). **Escola de Leas planeja volta das atividades presenciais em 2021**. 2020. Disponível em: <https://www.orionparque.com/2020/12/10/escola-de-leoas-planeja-volta-das-atividades-presenciais-em-2021/>. Acesso em: 13 fev. 2021.

ORLANDINI, Maiara Garcia; OLIVEIRA, Bruna Silva Martins de; COSTA, Thais Borges da. De quais feminismos estamos falando? **Compólitica**, v. 9, n. 2, p. 141-158, 2019.

PEREZ, Olívia; RICOLDI, Arlene. A quarta onda feminista: interseccional, digital e coletiva. In: **Congresso Latino-Americano De Ciência Política (ALACIP)**. 2019.

PESSOA, Thalita. Aida dos Santos, a mulher que o pódio não pôde suportar: marca conseguida por ela em 1964 com o pé quebrado foi recorde brasileiro por 32 anos. **Jornal O Globo**. Niterói, 25 jan. 2016. Esportes - Rio 2016, s.p. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/rio-2016/aida-dos-santos-mulher-que-podio-nao-pode-suportar-18528315>. Acesso em: 29 maio 2022.

PINTO, Céli Regina Jardim. O Feminismo anarquista. In: PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do Feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003. p. 33-40.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista de Sociologia e Política**, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010.

POPE, Catherine; MAYS, Nicholas. **Pesquisa qualitativa na atenção à saúde**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

RAYNAUT, Claude. Os desafios contemporâneos da produção do conhecimento: o apelo para interdisciplinaridade. **INTERthesis**, v. 11, n. 1, p. 1-22, 2014.

RIBEIRO, Diana; NOGUEIRA, Conceição; MAGALHÃES, Sara Isabel. As ondas feministas. **Sul-Sul-Revista De Ciências Humanas E Sociais**, v. 1, n. 03, p. 57-76, 2021.

RIBEIRO, Jay Moreira Canongia *et al.* Círculo de leituras sobre gênero, sexualidade e ciência feminista: um trabalho em construção. **ANALECTA**-Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, v. 4, n. 4, 2018.

ROSA, Liane Serra da; MACKEDANZ, Luiz Fernando. A Análise Temática como metodologia na pesquisa qualitativa em educação em ciências. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 16, p. 8574, 2021.

ROSALLES, María Belén. Ciberactivismo: praxis feminista y visibilidad política en #NiUnaMenos. **Pléyade (Santiago)**, n. 22, p. 63-85, 2018.

ROSINA, Dhênis. As mulheres brasileiras nos Jogos Olímpicos de 1968 no México. **Olimpianos - Journal of Olympic Studies**, v. 1, n. 2, p. 172-186, 2017.

ROSSI, Jean Pablo Guimarães; BABINSKI, Marcieli. Quem pode ser Merida? Estratégias para a educação de gênero e o empoderamento feminino: um relato de experiência. **Diversidade e Educação**, v. 8, n. 1, p. 529-544, 2020.

ROVETTO, Florencia Laura; CAMUSSO, Mariaángeles. Iconografías feministas. Prácticas visuales y activismo político*. **Cadernos Pagu**, n. 58, 2020.

RUBIO, Kátia. As mulheres e o direito ao esporte. **Jornal da USP**. São Paulo, 06 mar. 2017. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/as-mulheres-e-o-direito-ao-esporte/>. Acesso em: 20 mar. 2022.

RUBIO, Kátia. Do olimpo ao pós-olimpismo: elementos para uma reflexão sobre o esporte atual. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 16, n. 2, p. 130-143, 2002.

RUBIO, Kátia. Os Jogos Olímpicos como hierofania: rito e ritual, uma tradição, mais que um campeonato. **Olimpianos - Journal of Olympic Studies**, v. 4, p. 1-15, 2020.

RUBIO, Kátia; VELOSO, Rafael Campos. As mulheres no esporte brasileiro: entre os campos de enfrentamento e a jornada heroica. **Revista Universidade de São Paulo (USP)**, n. 122, p. 49-62, 2019.

Ryff, Carol Diane. Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well being. **Journal of Personality and Social Psychology**, n. 57, p. 1069-1081, 1989.

RYFF, Carol Diane. Psychological Well-Being Revisited: Advances in the Science and Practice of Eudaimonia. **Psychotherapy and Psychosomatics**, v. 83, n. 1, p. 10-28, 2014.

SALÁRIO. **Salário e total de profissionais no cargo de Atleta de Futsal por Gênero**. 2022. Disponível em: www.salario.com.br/graficos-da-pesquisa-salarial. Acesso em: 20 fev. 2022.

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 30, n. 2, p. 303-311, 2016.

SETANI, Sergio Giglio *et al.* Desafios e percalços da inserção da mulher nos Jogos Olímpicos (1894-1965). **Recordes**, v. 11, n. 1, p. 1-21, 2018.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione *et al.* Discursos dos ciberfeminismos e vulnerabilidades das violências de gênero em tempos de COVID-19. **Revista Direito Público**, v. 17, n. 94, 309-335, 2020.

SILVA, André Luiz dos Santos; NAZARIO, Patrícia Andrioli. Mulheres atletas de futsal: estratégias de resistência e permanência no esporte. **Revista de Estudos Feministas**, v. 26, n. 1, 2018.

SILVA, Cristiana Barcelos da; CARMO, Gerson Tavares do; SILVA, Alessandra Maria Custódio da. Breves observações sobre a Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici e a Interdisciplinaridade. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 6, n. 2, p. 59-70, 2015.

SILVA, Rebecca Corrêa e; PEDRO, Joana Maria. Sufrágio á Brasileira: uma leitura Pós-Colonial do Feminismo no século XIX. **Caderno Espaço Feminino**, v. 29, n. 2, p. 184-198, 2016.

SILVA, Thaiga Danielle Momberg; GARCIA, Marcos Roberto Vieira. Mulheres e loucura: a (des)institucionalização e as (re)invenções do feminino na saúde mental. **Psicologia em pesquisa**, v. 13, n. 1, p. 42-52, 2019.

SILVA, Teresinha Chaves de Souza da; LIMA, Lucia Ceccato de; SILVA, Madalena Pereira da. O contexto pedagógico por meio da metodologia de projetos na educação física escolar. **Educação, Cultura e Comunicação**, v. 13, n. 25, 2022.

SIQUEIRA, Carolina Bastos; BUSSINGUER, Elda Coelho de Azevedo. As ondas do feminismo e seu impacto no mercado de trabalho da mulher. **Revista Thesis Juris**, v. 9, n. 1, p. 145-166, 2020.

SOUZA, Luciana Karine de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 2, p. 51-67, 2019.

SOUZA, Maria Thereza Oliveira; CAPRARO, André Mendes; SILVA, Marcelo Moraes e. Habilidosas e bonitas: as considerações de duas atletas de futebol sobre a formação de suas identidades. **Movimento**, v. 23, n. 3, p. 883-894, 2017.

TAIETI, Simone; ZART, Ricardo Emilio. Grades Que Calam: A Inobservância Das Particularidades De Gênero No Submundo Do Cárcere Feminino. **Ponto de Vista Jurídico**, v. 6, n. 1, p. 64-81, 2017.

TAMASHIRO, Lucas Isamu; GALATTI, Larissa Rafaela. Preconceito no Futsal e Futebol feminino nas revistas brasileiras: uma revisão bibliográfica. **RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 10, n. 41, p. 795-799, 2018.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Número de mulheres eleitas em 2018 cresce 52,6% em relação a 2014. **TSE**, 2019. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2019/Marco/numero-de-mulheres-eleitas-em-2018-cresce-52-6-em-relacao-a-2014>. Acesso em 13 fev. 2022.

VIDAL, Pilar Errázuriz. Mujeres Sufragistas Occidentales en el Siglo XIX: Una mirada misógina en Las Bostonianas de Henry James. **La Aljaba**, v. 18, p. 35-52, 2014.

VIGNADELLI, Lidyane Zambrin *et al.* Motives for sports practice in young soccer and volleyball athletes. **Revista Brasileira Cineantropometria e Desempenho humano**, v. 20, n. 6, p. 585-597, 2018.

VORSTER, Johannes N. Die probleem van representasionalisme en die moontlikhede van retoriek(e) van die lyf ter oorweging vir 'n gesonde gemeenskap. **Tydskr. geesteswet.**, v. 55, n. 4, p. 601-617, 2015.

Organización Mundial de la Salud (OMS). Salud Mental. **OMS**, 2019. Disponível em <https://www.who.int/es/news-room/facts-in-pictures/detail/mental-health>. Acesso em 22 nov. 2021.

WOLFF, Cristina Scheibe; SALDANHA, Rafael Araújo. Gênero, sexo, sexualidades-
Categorias do debate contemporâneo. **Retratos da Escola**, v. 9, n. 16, p. 29-46, 2015.

ZACHAREK, Stephanie; DOCKTERMAN, Eliana; EDWARDS, Haley Sweetland. The
Silence Breakers. **TIME magazine**, 2017.

ZANELLO, Valeska; BUKOWITZ, Bruna. Loucura e cultura: uma escuta das relações
de gênero nas falas de pacientes psiquiatrizados. **Revista Labrys Estudos Feministas**,
v. 20, p. 21, 2011.

ZORZANELLI, Rafaela Teixeira. Sobre os diagnósticos das doenças sem explicação
médica. **Psicologia em estudo**, v. 16, n. 1, p. 25-31, 2011.

ANEXOS

Anexo 1 – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

UNIVERSIDADE DO PLANALTO
CATARINENSE - UNIPLAC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: FUTSAL FEMININO E PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO:IMPACTOS DAS REPRESENTAÇÕES SOCIOCULTURAIS NA SAÚDE MENTAL

Pesquisador: Amabile Kirchner

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 56335622.7.0000.5368

Instituição Proponente: Universidade do Planalto Catarinense - UNIPLAC

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.329.727

Apresentação do Projeto:

FUTSAL FEMININO E PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO:IMPACTOS DAS REPRESENTAÇÕES SOCIOCULTURAIS NA SAÚDE MENTAL

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar se as construções sobre performatividade de gênero oriundas das representações socioculturais no universo do esporte influenciam na saúde mental das atletas de futsal do time profissional das Leas da Serra.

Objetivo Secundário:

Revisitar os principais referenciais teóricos sobre gênero, mulheres no esporte e saúde mental; Identificar quais são as representações sociais de gênero atreladas ao esporte; Discutir sobre as consequências que as noções culturais possam acarretar na saúde mental de sportistas;

Endereço: Av. Castelo Branco, 170 - Prédio da Reitoria - 2º andar, sala 10

Bairro: Universitário

CEP: 88.509-900

UF: SC

Município: LAGES

Telefone: (49)3251-1086

E-mail: cep@uniplaciages.edu.br

APÊNDICES

Apêndice 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (Resolução 510/2016 CNS/CONEP)

Você está sendo convidada a participar do projeto de pesquisa intitulado “FUTSAL FEMININO E PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO: IMPACTOS DAS REPRESENTAÇÕES SOCIOCULTURAIS NA SAÚDE MENTAL”. O objetivo deste trabalho é analisar se as construções sobre performatividade de gênero oriundas das representações socioculturais no universo do esporte influenciam na saúde mental das atletas de futsal do time profissional das Leas da Serra. Esta pesquisa foi adaptada para o período de isolamento social, por conta da pandemia do novo coronavírus. Nesse contexto, a pesquisa irá acontecer de forma síncrona online. Para realizar o estudo, será necessário que as participantes mulheres atletas profissionais do Leas da Serra disponibilizem-se a participar de uma entrevista semiestruturada, previamente agendada a sua conveniência. Por meio da ferramenta Google Meet a entrevista será gravada e depois arquivada em uma pasta com senha no computador da pesquisadora, onde só a mesma terá acesso. Do mesmo modo, será gravado o registro do consentimento das participantes a colaborar com a pesquisa. De acordo com a Resolução CNS nº 510/2016, art. 19, “O pesquisador deve estar sempre atento aos riscos que a pesquisa possa acarretar aos participantes em decorrência dos seus procedimentos, devendo para tanto serem adotadas medidas de precaução e proteção, a fim de evitar danos ou atenuar seus efeitos”.

A pesquisa envolverá entrevista sobre a história de vida das participantes no esporte, objetivando explicar sobre como as construções sociais e a performatividade de gênero estão relacionadas a saúde mental. Assim sendo, o risco será mínimo, mas as participantes podem se sentirem constrangidas ou sensibilizadas ao lembrar memórias de situações anteriormente vivenciadas. Além disso, como o nome do time está sendo utilizado ao longo da pesquisa e este está vinculado as participantes, pode-se aumentar o julgamento quanto ao time e conseqüentemente aos nomes das atletas que nele treinam, mesmo que ocultados por meio da garantia do sigilo pelo TCLE. Caso ocorra algum tipo de desconforto emocional relacionado aos questionamentos, o que poderá gerar abalo emocional, e se estes ocorrerem serão solucionados/minimizados por meio do agendamento de atendimento psicológico gratuito com a pesquisadora, ou via encaminhamento a Clínica-escola de Psicologia- UNIPLAC, o qual também é gratuito. Mesmo depois de assinar o participante continua com o direito de pleitear indenização por reparação de danos que apresente nexos causal com a pesquisa.

Mesmo depois de assinar o participante continua com o direito de pleitear indenização por reparação de danos que apresente nexos causal com a pesquisa. Assim como determina a Resolução CNS nº 510/2016, “O participante da pesquisa que vier a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Registro de Consentimento Livre e Esclarecido, tem direito a assistência e a buscar indenização”. Em virtude de as informações coletadas serem utilizadas unicamente com fins científicos, sendo garantidos o total sigilo e confidencialidade, através da gravação deste termo, o qual receberá uma cópia via e-mail ou WhatsApp. Os benefícios da pesquisa são colaborar com a expansão de estudos relacionados ao futsal brasileiro, ao

empoderamento das mulheres por meio do esporte e relacionado com a saúde mental.

Mais do que isso, uma publicação nacional poderá divulgar o time e atrair novos olhares de quem tem interesse no assunto. Você terá o direito e a liberdade de negar-se a participar desta pesquisa total ou parcialmente ou dela retirar-se a qualquer momento, sem que isto lhe traga qualquer prejuízo com relação ao seu atendimento nesta instituição.

Para qualquer esclarecimento no decorrer da sua participação, estarei disponível por meio dos telefones: (49) 99967-8859, ou pelo endereço Rua Coronel Vicente Gamborgi nº 59, Bairro Centro, Lages SC.

Se necessário também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Planalto Catarinense UNIPLAC, Av. Castelo Branco, 170, Reitoria – Piso Superior Lages SC, (49) 32511086, e-mail: cep@uniplaclages.edu.br. Desde já agradecemos!

Eu _____,
CPF _____, declaro que, após ter sido esclarecida pela pesquisadora, lido o presente termo, e entendido tudo o que me foi explicado, concordo em participar da Pesquisa.

(Nome e assinatura do sujeito da pesquisa e/ou responsável legal)

Lages, ____ de _____ de _____.

Responsável pelo projeto: Amabile Kirchner

Endereço para contato: Rua Coronel Vicente Gamborgi nº 59, Bairro Centro, Lages SC

Telefone para contato: (49) 99967-8859

E-mail: amabile@uniplaclages.edu.br

Apêndice 2 – Modelo Diário de Campo**DIÁRIO DE CAMPO N°**

Pesquisadora:	
Link da sala:	
Data:	Horário de Início:
	Horário de Término:

Atividade observada ou realizada:
Objetivo da Atividade:
Participante(s):

Relato:

Anexos ou Apêndices:

Referências Bibliográficas:

Assinatura:

Amabile Kirchner

CRP 12/18383

Apêndice 3 – Roteiro da Entrevista

Parte 1 – Dados Sociodemográficos

Data de Nascimento:

Estado Civil:

Cidade em que nasceu:

Escolaridade:

Há quanto tempo joga futsal:

Por quais times já jogou:

Há quantos meses/anos está no time atual:

Parte 2 – Roteiro da Entrevista:

Quais foram suas primeiras experiências no esporte?

Pensou em algum momento em praticar outro esporte?

Quem ou o que te motivou a seguir no futsal?

Tem algum ídolo no futsal ou em outro esporte?

Quais as principais diferenças culturais que você visualizou ao mudar/viver nas cidades/regiões dos times que você atuou?

Você sentiu que essas diferenças influenciaram na sua saúde mental?

O futsal é comumente chamado de “esporte masculino”, como você visualiza isso nos dias atuais?

O time confere as jogadoras o *status* de pessoa pública e com o contato com as mídias. Como é seu contato com a mídia esportiva?

E como é o contato com os torcedores?

Você já enfrentou situações relacionadas à preconceito de gênero ou de sexualidade? Se sim, poderia me contar sobre essas experiências?

E como você se sentiu nesse caso?

E em relação a colegas de times que enfrentaram essa situação de preconceito, como você reagiu?

Existe algo em que o futsal feminino precise melhorar para a entrada de novas jogadoras?

Apêndice 4²⁶– Artigo referente aos resultados da dissertação

**FUTSAL FEMININO E PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO:
(IN)EXISTÊNCIA DE INFLUÊNCIAS NA SAÚDE MENTAL?**

**WOMEN'S FUTSAL AND GENDER PERFORMANCE: (IN)EXISTENCE OF
INFLUENCES ON MENTAL HEALTH?**

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar se a performatividade de gênero influencia na saúde mental das esportistas de rendimento de um time de futsal feminino de Santa Catarina. As pessoas possuem representações sociais sobre o que é “ser mulher”, o que é “ser homem” e quais os comportamentos, as profissões que são consideradas apropriadas para cada gênero. É uma pesquisa com abordagem qualitativa, em que a coleta de dados ocorreu por meio de “entrevistas semiestruturadas”, realizadas com cinco jogadoras, nos meses de abril e maio do ano de 2022. As narrativas foram interpretadas por meio da “análise temática”. Os dados apontam que a saúde mental das jogadoras era mais impactada pela performatividade de gênero, pela reprodução das práticas discursivas sobre masculinidade e feminilidade, no período em que elas atuavam como jogadoras amadoras. Durante a atuação como jogadoras profissionais do “Leoas da Serra” - time que conquistou títulos na copa do Brasil, Libertadores e no Mundial de Clubes - a saúde mental das jogadoras não foi tão afetada pelas performatividades de gênero, considerando que desde 2015 o time conquistou títulos e as jogadoras se reconheceram como atletas de alto rendimento. Elas identificam menos discriminações fundadas nas normativas culturais de gênero.

Palavras-chave: Futsal Feminino; Performatividade de Gênero; Saúde Mental.

ABSTRACT

This article aims to analyze whether gender performance influences the mental health of high-performance athletes from a women's futsal team in Santa Catarina. People had social representations about what it means to “be a woman”, what it means to “be a man” and what behaviors and professions are considered appropriate for each gender. It is a research with a qualitative approach, in which data collection took place through “semi-structured interviews”, carried out with five players, in April and May of 2022. The narratives were interpreted through “thematic analysis”. The data indicate that the players' mental health was more impacted by gender performativity, by the reproduction of discursive practices about masculinity and femininity, in the period in which they acted as amateur players. During their performance as professional players of “Leoas da Serra” - a team that won titles in the Brazilian Cup, Libertadores and Club World Cup - the mental health of the players was not so numbed by the performativities of the genre, considering that since 2015 the team has conquered titles and how players recognized themselves as high-performance athletes. They identify less discrimination based on cultural gender norms.

KEYWORDS: Women’s Futsal, Gender performativity; Health Mental

Este artigo teve como objetivo analisar se a performatividade de gênero influencia na saúde mental das esportistas de rendimento de um time de futsal feminino de Santa Catarina.

Primeiramente, aborda-se o contexto histórico da luta das mulheres pela participação nos jogos. Na seção dois é apresentado os conceitos de performatividade de gênero e de saúde mental; a seção três é composta pela metodologia e descrição do campo

²⁶ Artigo submetido para avaliação no dia 14/12/2022 na Revista Interação em Psicologia (ISBN 1981-8076), como critério de aprovação no mestrado.

empírico da pesquisa; a seção quatro contempla a apresentação e a discussão dos dados das entrevistas; e por fim, as considerações finais são apresentadas na seção cinco.

LUTA DAS MULHERES PELA PARTICIPAÇÃO NOS JOGOS

Em 1896, os Jogos Olímpicos foram recriados, financiados e adaptados à Era Moderna por aristocratas como Pierre de Coubertin, e como afirmado por Wagner Xavier de Camargo e Carmen Silvia Rial (2009) e Rubio (2020) o evento foi adquirindo *status* de maior competição esportiva entre os países.

Sergio Giglio Setani *et al.* (2018); Goellner (2005); Ankan Banerjee e Siya Manna (2020) citam que, assim como nas Olimpíadas gregas, houve o impedimento da participação de mulheres nos jogos, baseado no entendimento cultural de que o corpo feminino seria fraco, frágil e inferior as capacidades que poderiam ser conquistadas pelos competidores masculinos.

A partir de 1900, na segunda edição do evento (Jogos Olímpicos), foi permitida a participação de mulheres, porém ainda a contragosto dos idealizadores do evento. Esse é um exemplo de uma falsa equidade, assim como a palavra “atleta” é uma palavra agênero, mas que carrega forte vinculação com a dominação masculina no esporte brasileiro, conforme mencionado por Kátia Rubio e Rafael Campos Veloso (2019).

Mesmo após quatro décadas dessa conquista mundial alcançada pelas mulheres, a exclusão delas no esporte era vigente na sociedade brasileira, como pode ser visto por meio da Lei 3.199/1941 e pela Deliberação nº 7/1965. Nas quais, instaura-se que mulheres eram proibidas de praticar esportes que o Conselho Nacional de Desporto (CND) julgasse como incompatíveis com a capacidade física do corpo feminino, tais como lutas, atletismo e o futebol de salão (BRASIL, 1941; CND, 1965).

Sobre isso, Goellner (2006) acrescenta que a prática dos esportes proibidos atraiu mulheres que eram indiferentes às convenções morais e sociais impostas, e assim elas assumiram uma posição de oposição aos discursos hegemônicos e as representações sociais vigentes na época.

Neilton Ferreira Júnior (2021, p. 63) complementa ao afirmar que “a prática esportiva é um campo de disputa política no qual se configuram e se reproduzem as mais diferentes relações de poder e hierarquias sociais em que o corpo feminino, inferiorizado e racializado, torna-se o alvo central”.

Em 1979, o decreto foi revogado permitindo que mulheres pudessem praticar esportes que eram anteriormente vistos como violentos ao corpo feminino como as modalidades de futebol, artes marciais, polo aquático e handebol (GOELLNER, 2005).

Resquícios culturais desses períodos históricos ainda podem ser visualizados desde a Iniciação Esportiva, quando crianças são separadas por gênero em aulas de Educação Física “sem perceber” e/ou quando as aulas são feitas sem treinos mistos. Com isso, a discussão sobre quais esportes que mulheres poderiam ou não praticar passaram a permear o senso comum coletivo brasileiro por meio de representações sociais.

Desse modo, reafirmando que concepções sobre “corpo feminino” fundamentadas em ideias biologistas, foram repassadas século após século, de uma sociedade para outra como “verdades absolutas”, de modo a reforçar a produção de corpos generificados dentro de contextos esportivos (GOELLNER, 2006).

Este constructo também é apresentado por Wagner Xavier de Camargo (2014), por ainda ser visto a divisão de provas em eventos esportivos que diferenciam as provas por critérios de gênero, pelo binarismo de ser “masculino” ou “feminino”, onde cada um tende a se encaixar ao que já está posto e não àquilo que se identifica. Além disso, há casos de suposição acerca da sexualidade de atletas por causa dessa comparação do que seria ou não adequado para cada gênero.

Nesta perspectiva, as pesquisas de Mariana Zuaneti Martins *et al.* (2018) e de Rafaela Bevilaqua; Lucas Vicentini; Renato Francisco Rodrigues Marques (2019) apontam que meninas e mulheres relataram que se sentiram receosas em entrar para os esportes considerados historicamente como masculinos- por exemplo, futsal - e isto muda por meio do incentivo dos familiares (principalmente do sexo masculino), pois elas recebem seus principais estímulos para adentrar ao esporte.

Essa motivação depositada pela família pode ser encontrada ao longo de todas as etapas da carreira. Segundo Hélio Fádel (2018), os familiares ensejam o sucesso da jogadora, e deste modo, precisam aprender também a lidar com frustrações, idealizações relativas à oportunidade de alcançar melhorias de questões sociais ou pessoais.

O lidar com essa pressão dos outros ou de si mesma para conseguir bons resultados e classificações, é o principal fator na ótica de Marco Correia e António Rosado (2019) que fragiliza a saúde mental de jovens atletas e origina o medo de fracassar em seus objetivos.

Sobre esse tipo de saúde, Alfonso Martínez-Moreno (2017) afirma que quando a saúde mental está fortalecida, a atleta percebe como pode contribuir por meio de sua participação e desempenho, e assim pode auxiliar o técnico e a equipe interdisciplinar a identificar se alguma habilidade psicológica sua ou da equipe interfere no aproveitamento ou no êxito das experiências esportivas.

Mariana Zuanetti Martins *et al.* (2021) pontuou que os estudos acerca de outros aspectos presentes na trajetória da carreira esportiva feminina, como as relações sociais de gênero. Isto posto, o artigo redigido a seguir utilizou como objeto de pesquisa analisar as narrativas de jogadoras de futsal do time Leoas da Serra sobre como a cultura influencia na saúde mental delas.

PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO

A seção a seguir foi produzida a partir da leitura de obras de Judith Butler, mas também de artigos que utilizaram os termos cunhados pela autora. É importante primeiro introduzirmos a principal referência na qual ela se baseia para os conceitos atrelados a performatividade de gênero - os escritos de Michel Foucault sobre a sexualidade humana.

Em seus estudos Foucault (1988) contextualiza que na Idade Moderna, principalmente na burguesia vitoriana, falar sobre sexo e sexualidade passa a ser considerado como impuro e indecente seguindo os preceitos da Igreja, e que a relação sexual deveria ser feita apenas dentro do matrimônio, com o fim da reprodução.

Com isso, foram impostas relações de poder fundadas por essa norma social, e refletindo em silenciamentos e censuras referentes a comportamentos e discussões, e assim sendo reproduzida nos séculos subsequentes (Foucault, 1988).

Para ilustrar o que foi citado, Sara Vidal Maia (2019) acrescentou que Foucault alerta que esse período de repressão ocasionou uma severa regulação da sociedade que podemos identificar ainda nos dias atuais. São resquícios dessa norma social quando são identificadas censuras e repressões em oportunidades de discussão e de construção de conhecimento informal ou formal sobre o assunto.

Culturalmente são passados de geração em geração, espécies de “manuais sexuais”, os quais indicam como os sujeitos deveriam se comportar nas suas relações afetivas, e como não se comportar, no caso de por exemplo, a homossexualidade como desviante (Maia, 2019).

E desta maneira a autora completa que quando se estuda sobre a construção da “identidade de gênero” nos escritos do autor Michel Foucault “percebe-se que não existe uma base biológica ou uma naturalização psicanalítica que determine as diferenças de

identidade entre homens e mulheres, mas sim um processo discursivo que determina o gênero e que é visto como algo que nunca está inteiramente concluído” (2019, p. 418).

Judith Butler (2014; 2018; 2020) defende que “gênero” não pode ser visto como a diferenciação das matrizes que definem “masculino” e “feminino” como identidade cristalizada, naturalizada e imutável aos períodos temporais.

A caracterização de gênero segundo Butler (2018) e Rodrigo Graça (2016) não deveria ser restrita ao sentido biológico e caracteres sexuais, mas sim compreendida também por meio de sua performatividade a partir dos atos, de gestos, do conteúdo dos meios discursivos, repetição de ritos sociais e seus significados estabelecidos não só pelo indivíduo, mas referente à sociedade.

Butler define o corpo como a materialidade renovadora nas probabilidades de significados de agentes corporizados dos anteriores ou sucessores, através da dramaticidade. No qual, o fazer gênero é condicionado tanto em como se referir linguisticamente por meio de pronomes e suas adaptações, quanto em como a pessoa performa seu estilo corporal dentro dos limites contemporâneos (BUTLER, 2018).

Ao ressignificar parâmetros linguísticos e diálogos verbais, originam-se contribuições para a formação social da subjetividade e da corporeidade, que ganham novos significados quando o indivíduo através de seus signos reafirma sua existência sendo ao mesmo tempo reconhecível e reconhecido por suas ações (GRAÇA, 2016).

A construção de uma “identidade pessoal” esbarra em diferentes padrões impostos socialmente tais como inteligibilidade (BUTLER, 2020, p. 43): “Gêneros “inteligíveis” são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo”.

Marco Aurélio de Carvalho e Paulo Rennes Marçal Ribeiro (2020) explicaram gêneros inteligíveis por meio das seguintes associações: espera-se quem tenha um pênis se identifique como masculino, e tenha relações sexuais heterossexuais se comportando como “ativo”; já a quem tenha uma vagina, espera-se que se identifique como feminina, e tenha relações sexuais heterossexuais se comportando como “passiva”.

Ao ir contra estas atribuições inteligíveis sobre as fronteiras do corpo, o sujeito é definido como um abjeto encarado com repulsa por ser “antinatural” ao que é entendido na sociedade hegemônica (BUTLER, 2020, p. 231). “Em sua apropriação de Kristeva, Young mostra como a operação da repulsa pode consolidar “identidades” baseadas na instituição do “Outro” ou de um conjunto de Outros, por meio da exclusão e da dominação. Ainda segundo a autora “O que constitui mediante divisão os mundos “interno” e “externo” do sujeito é uma fronteira e divisa tenuamente mantida para fins de regulação e controle sociais.” (2020, p. 231). A autora explica que o limite entre o interno e o externo “é confundida pelas passagens excrementícias em que efetivamente o interno se torna externo, e essa função excretora se torna, por assim dizer, o modelo pelo qual outras formas de diferenciação da identidade são praticadas. Com efeito, é dessa forma que o Outro “vira merda” (BUTLER, 2020, p. 231).

Portanto, este processo pode-se configurar como um rito social que retroalimenta mais do que a discussão sobre gênero, mas também as rupturas de direitos humanos e consequentemente podendo ocasionar situações de violência e exclusão decorrente daquelas chamadas de “falas de ódio” (GRAÇA, 2016).

O entendimento sobre os atos praticados nunca será estático, pois eles são continuamente reestruturados a caso novo uso, a cada nova performance, rompendo com paradigmas anteriores e desse modo ultrapassando o sentido linguístico - que nunca poderá ser saturado- passando a ser um princípio de uma nova configuração social (BUTLER, 2018; GRAÇA, 2016).

De tal modo, os pensamentos e palavras que antes tinham determinado caráter e significado, seriam repensados a partir da ótica de quem fala e de quem o escuta, assim como as noções de o que o sujeito feminino pode ou não fazer (GRAÇA, 2016).

Quando nós seres humanos nascemos, somos incluídos em nosso primeiro grupo social: a família de origem. Correntes psicanalistas estudaram o falocentrismo, termo que caracteriza o enraizamento das figuras paternas – de modo real e/ou simbólicas – como superiores, indisputáveis e inquestionáveis por meio de leis não necessariamente escritas, mas fortemente implícitas (BUTLER, 2014).

Assim, inseridos em noções culturais foram repassadas de geração em geração, tal como a reaplicação de um roteiro em que já estão definidos os papéis teatrais que cada indivíduo deverá desempenhar de acordo com o seria o seu papel social perante a esse grupo (BUTLER, 2018).

Os signos são atuados, performados, e compreendidos mediados na história em que versões de corpo refletem o ponto de vista da percepção de como se constitui sua aparição no mundo e, como se expressa de forma concreta para expandir como algo específico dentro do conjunto pretendido de possibilidades históricas (BUTLER, 2018).

Sair do personagem pré-programado e improvisar o agir frente alguma vivência, pode ser visto tanto como um ato de liberdade para construir a sua narrativa, quanto como uma rebeldia que necessitaria ser contida, antes de causar maiores problemas (BUTLER, 2020).

Afirmar o que pode ou não ser feito por uma menina ou por uma mulher é a aceitação do binarismo, e a renovação de uma espécie de contrato patriarcal que contem em seus artigos e incisos a delimitação de normas culturais relativas a sexo como indissociável a gênero, a diferenciação de feminilidade e masculinidade como um conceito fechado, e a heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2018).

Teorias feministas mostram que os atos - que antes poderiam ser vistos como individuais – ao serem analisados e reproduzidos dão voz para que situações de invisibilidade sejam enfrentadas, e por conseguinte inseridos em caráter político para expandir a força para ocupar novos espaços (BUTLER, 2018).

Também como estratégia para sobrevivência dentro de diversas possibilidades de consequências ocasionadas a partir de regulações culturais, advindas da construção de parâmetros de pessoas, por meio de normas abstratas que acarretam em punições, silenciamentos, alternadamente corporificadas sob coerção (BUTLER, 2014; 2018).

Ou seja, existem diferentes maneiras em que se pode arquitetar (in) conscientemente a encenação de seus atos, fazendo ou não ao que se é esperado do gênero nas sociedades patriarcais, e poderá ser regulado com censuras e críticas ao que se é pré-entendido como próprio do gênero (BUTLER, 2018).

E assim, a temporalidade que se sucede, legitima as relações de poder, e assim formando a inteligibilidade dos termos a partir tanto dos aspectos de coesão, quanto possibilita o aparecimento de sua subversão política e de reivindicam de direitos (GRAÇA, 2016).

A performatividade de gênero se encontra presente nos esportes, principalmente em esportes que são estigmatizados historicamente como masculinos, como veremos na subseção a seguir.

A SAÚDE MENTAL NA CARREIRA DAS JOGADORAS

A saúde mental não se apresenta somente como ausência de doenças psíquicas, mas como se configura o bem-estar biopsicossocial do indivíduo (OMS, 2019). É um campo tão amplo, polissêmico, plural e com transversalidade de saberes que não conseguiria ser abrangido por somente uma disciplina, ou obtido êxito sem uma interação e conhecimento de outras vertentes (AMARANTE, 2007).

A dificuldade mais significativa quando trabalhada é a delimitação de fronteiras, ou seja, quando começa e onde termina os limites profissionais pois a saúde mental não se restringe somente às Ciências da Saúde – como pode-se pensar por causa do nome -, mas também pode ser encontrada em discussões na comunidade, nas manifestações sócio históricas, nos âmbitos culturais e de ideologia (AMARANTE, 2007).

A interferência na saúde mental pode ser também decorrente da infração de direitos humanos em razão de orientação sexual, identificação de gênero, raça ou etnia, classe social, ou qualquer outra forma de diferenciação, desigualdade e/ou discriminação de sujeitos (MANSO; CALDAS, 2018).

Casos em que os sinais e sintomas não eram explicados etiologicamente por meio de evidências clínicas, conseqüentemente ocasionando sofrimento psíquico ao paciente por seu quadro ser taxado como fingimento, exagero ou inabilidade de autocontrole, além de desencadear psicopatologias (ZORZANELLI, 2011).

Segundo a revisão de Silva e Garcia (2019) sobre institucionalização, era frequente que mulheres fossem desvalorizadas e enviadas para manicômios a partir do argumento de que doenças mentais são condição própria dos períodos menstruais do sexo feminino, em que se intensificaria a propensão a ter um ataque “dos nervos”, decorrente da histeria e loucura. Sobre isso, podemos salientar que falas ou representações também podem interferir na saúde mental. Essas podem acontecer por meio das opiniões trazidas de fora sobre como nos apresentamos ao mundo, sobre quem os outros presumem que somos, ou até nosso autoquestionamento em relação a nós mesmos.

Lidar com saúde mental continua sendo um desafio enfrentado por profissionais de saúde, seja por preferirem encaminhar à outras especialidades, ou por terem dificuldades em trabalhar olhando a subjetividade humana, visando também a desestigmatização de questões enraizadas sobre relação entre patologias e etnias, classe sociais, e também com gênero (ALVES; LIMA, 2017; SILVA; GARCIA, 2019).

A popularização de teorias aplicadas à saúde, fora do modelo biomédico, ocorre desde a década de 1980. Antes as correntes teóricas sobre saúde continham vieses negativistas, reforçando que a saúde só seria obtida a partir da ausência total de patologias.

Posteriormente, estudiosas como Carol Ryff (2014) trazem um frescor às ciências da saúde, apresentando a possibilidade de encarar positivamente as situações vivenciadas e, assim sendo referências para a promoção de saúde mental, inspirando formulações de métodos terapêuticos conciliados com princípios sobre a psicossomática e qualidade de vida.

Ryff (1989) estabeleceu um modelo de seis dimensões de bem-estar psicológico que representa o bem-estar de modo abrangente, do ponto de vista das dimensões visadas, e traduz um desenvolvimento adequado, e é dividida em seis partes: aceitação de si; relações positivas com os outros; domínio do ambiente; crescimento pessoal, propósito de vida e, autonomia.

Wagner de Lara Machado, Josiane Pawlowsski e Denise Ruschel Bandeira (2013) traduziram e aplicaram a escala de bem-estar psicológico em uma amostra de universitários, seguindo como base os conceitos formulados no quadro a seguir:

Quadro 01 – Dimensões do Bem-estar Psicológico

Relações positivas com os outros	Ter relacionamentos acolhedores, satisfatórios e seguros com outras pessoas; Ser capaz de desenvolver empatia, afeição e intimidade; entender como é o relacionamento entre as pessoas.
Autonomia	Ser autodeterminado e independente; capaz de resistir a pressões sociais para pensar e agir em determinadas direções; autorregular o comportamento; avaliar a si próprio e suas experiências segundo critérios pessoais.

Domínio sobre o ambiente	Ter senso de domínio e competência em manejar o ambiente, controlar configurações complexas de atividades externas; Fazer uso efetivo das oportunidades; ser capaz de escolher e criar contextos próprios para satisfazer necessidades e valores pessoais.
Crescimento pessoal	Perceber um contínuo desenvolvimento pessoal; Perceber a si mesmo em crescimento e expansão, realizando seus potenciais; Ser aberto a novas experiências; identificar melhoras em si mesmo ao longo do tempo; estar em mudança rumo a um maior autoconhecimento e eficácia.
Propósito na vida	Ter objetivos e um senso de direção na vida; sentir que há um sentido em sua vida presente e passada; Manter crenças em propósitos na vida; ter propósitos e objetivos pelos quais viver.
Autoaceitação	Possuir uma atitude positiva em relação a si mesmo; Conhecer e aceitar múltiplos aspectos de si mesmo, incluindo boas e más qualidades; sentir-se bem em relação ao seu passado.

Fonte: Ryff (1989); Ryff e Keyes (1995) e Ryff e Singer (2008), adaptado por Machado, Pawlowski e Bandeira (2013).

A saúde mental é uma continuidade e não um estado pontual vivido pelo esportista, e os avanços em ciências da saúde trouxeram experiência no aprimoramento da performance, idealmente adequada para abordar todo o espectro de problemas ambientais enfrentados pelos atletas ao longo de sua carreira, até o causar o seu melhor desempenho profissional (FÁDEL, 2018).

Em se tratando de futsal feminino e saúde mental, que é o objeto deste estudo, foi possível identificar que a rotina de uma atleta oscila entre o prazer de fazer aquilo que gosta - principalmente quando é relacionado a atletas que vieram de famílias humildes, onde não teriam acesso a instrução qualificada - e o risco de perturbações a saúde mental (indícios de depressão, fatores ansiogênicos, crises de pânico insônia e burn-out) trazidas por meio de fatores estressantes, como a pressão de cumprir o calendário de eventos, e a necessidade de equilibrar com outros setores da vida como família, estudos, lazer (FÁDEL, 2018).

De acordo com Faggani *et al.* (2016), as mudanças ocasionadas pelo ritmo exigido pelo esporte, contribui para o autoconhecimento da atleta frente às situações, mas também poderá acarretar em: dificuldades de comunicação; dificuldade de adaptação ao clube; isolamento social e; gatilhos para depressão, estresse e ansiedade. Pois a carreira tem altos e baixos que podem influenciar na saúde mental e nas perspectivas do indivíduo, de modo a ocorrer desde uma rápida ascensão e fama não-planejada, até uma parada na carreira em razão de uma lesão, podendo assim diminuir seu espaço no time (FÁDEL, 2018).

A saúde mental pode ser afetada também em razão de mudanças institucionais - de comissão técnica e ou de dirigentes - ou time com a substituição de contratos com atletas e técnicos (FÁDEL, 2018).

Portanto, a jogadora e aqueles que a cercam precisam aprender a manejar a sua entrada em um possível impacto cultural e de exposição, pois quanto maior a projeção mais suscetíveis a enfrentar assédios, crítica dos fãs e da mídia, falta de privacidade, gerenciamento de finanças, ansiedade, prestações, com a necessidade de criar vínculos sociais positivos e consistentes (FÁDEL, 2018).

METODOLOGIA

Quanto à abordagem metodológica, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa com abordagem qualitativa (Flick, 2009).

Após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Pesquisa e Ética na data de 04 de abril de 2022, com o número 5. 239.727, foi contatada a vice-presidente do time para que pudessem ser repassados os contatos telefônicos das possíveis participantes e agendadas datas e horários de cada entrevista com as respectivas participantes. Esta solicitou que fosse conversado com a supervisora técnica do time que estaria mais a par dos horários das jogadoras.

O instrumento aplicado foi a “entrevista semiestruturada” que conforme Flick (2009) consiste em um método que antes de ir a campo é construído um roteiro a partir de pontos-chave delimitando o tema proposto, mas que pode ter a sequência modificada conforme o andamento da entrevista. O objetivo principal é que as perguntas possam abrir espaço para que os pontos de vista dos participantes entrevistados sejam expressos livremente, de forma em que seja deixado claro que não existe resposta certa para cada pergunta (FLICK, 2009).

Todas as jogadoras de futsal que aceitaram participar da pesquisa, preferiram que a entrevista fosse feita via internet pelo *Google Meet*. O primeiro contato, e assim como os posteriores, foram documentados por meio de diário de campo, o qual segundo Torres *et. al.* (2010), constitui-se como registro delineado o que foi observado no campo de pesquisa, trazendo a descrição do ambiente, quais as reflexões e descobertas do pesquisador no local, também podendo ter observações pessoais, especulações, sentimentos, entre outros itens.

Por meio da ferramenta *Google Meet*, a sala para a entrevista foi criada e o link foi compartilhado no *WhatsApp* das participantes que ainda estão vinculadas com a Associação pesquisada, e enviado via *Instagram* para a jogadora que não faz mais parte da Associação.

As entrevistas foram realizadas nos dias indicados pelas participantes durante o primeiro semestre de 2022, e gravadas por meio da captura de tela pelo aplicativo OBS Studio, pois a função de gravação de reunião não estava mais disponível para os e-mails institucionais da universidade. Depois, arquivadas em uma pasta com senha no computador da pesquisadora, onde só a mesma teria acesso. As entrevistas tiveram média de 30 minutos e foram transcritas e arquivadas na pasta citada.

Após a transcrição das entrevistas, foi realizada a análise dos dados. Para analisar os dados, foi utilizado o método de "Análise Temática", fundamentado por Virginia Braun e Victoria Clarke (2006).

Souza (2019) a partir de Braun e Clarke (2006; 2013; 2014) e de Clarke e Braun (2013) descreveu a construção da análise temática em seis fases: 1) familiarização de dados; 2) gerando códigos iniciais; 3) buscando temas; 4) revisando os temas; 5) definindo e nomeando os temas; 6) produzindo o relatório: O relatório é um instrumento de argumentação entre os dados e a pergunta de pesquisa. A escrita do relatório científico fica completa somente quando a revisão de literatura que fundamentou o caminho da pesquisa, é incluída na análise das falas para que sejam construídas discussões pertinentes sobre os temas obtidos.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE DADOS

Esta seção foi construída a partir das narrativas coletadas por meio da entrevista semiestruturada. As participantes da pesquisa serão apresentadas com nomes de deusas gregas para preservar a confidencialidade e o sigilo ético. São apresentados detalhes em relação ao perfil da amostra e, após a análise das falas, foi redigida a discussão dos resultados apresentados, considerando o referencial teórico citado na subseção de Análise de Dados.

O estudo foi realizado com as atletas de futsal do time Leoas da Serra (2021), o qual foi fundado em 2013 em Lages/SC por meio da união de duas equipes até então rivais: Mecânica Brasil Futsal Feminino e Marka Sports Futsal Feminino. O site oficial do time também traz que essa reestruturação teve como objetivo a construção de um time mais sólido para disputar campeonatos municipais e estaduais, como os Jogos Abertos de Santa Catarina (JASC).

Em decorrência do bom desempenho do time - mesmo que recém-formado - a Associação ganhou projeção por meio dos veículos de mídia regionais e obteve a atenção de novas torcedoras.

A consolidação da identidade social das Leoas advém do projeto social “Escola de Leoas” ofertado gratuitamente para meninas que tenham interesse no futsal feminino, e que são treinadas por jogadoras do time adulto, que realizam o trabalho de modo voluntário, ou podendo ser bolsistas da UNIPLAC ou do Colégio Santa Rosa (ORION PARQUE, 2020).

A figuras das jogadoras caracterizou-se como modelo de inspiração para crianças e adolescentes, na valorização do esporte feminino como podem ser vistas em situações como rodas de conversas (CORREIO LAGEANO, 2019), dinâmicas compartilhadas com as participantes do projeto social (CNU, 2019), e ações de divulgação dos jogos (BLOG DAS LEOAS, 2018)

Além disso, as indicações e premiações conquistadas desde 2015 também são fontes de inspiração para as mulheres no campo do futsal feminino. Principalmente as com a repercussão mundial sobre o desempenho de jogadoras e equipe técnica como por exemplo: ex-Leoas como Amanda “Amandinha” Lyssa de Oliveira Crisóstomo, Lediane “Tampa” Marcolan, Vanessa Cristina Pereira (que foi recontratada pelo time em 2022) e o ex-técnico Anderson “Esquerda” Menezes.

A amostra da pesquisa constituiu-se por cinco mulheres atletas profissionais do futsal feminino selecionadas de acordo com critérios do estudo. Os critérios de inclusão utilizados foram: a) mulheres atletas da Associação Leoas da Serra que tenham mais de um ano de experiência como jogadoras profissionais; b) mulheres atletas da Associação Leoas da Serra que são maiores de dezoito anos; c) mulheres atletas da Associação Leoas da Serra que após a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) concordem voluntariamente em participar do estudo.

Os dados da pesquisa foram agrupados em duas categorias: a) A influência das representações sociais no bem-estar psicossocial das atletas e b) performatividade de gênero e aspectos socioculturais em contraste com o futsal feminino.

As participantes do estudo apresentaram idade média de ± 28 anos, a maioria definiu seu estado civil como solteira e com o ensino superior completo. A média de tempo como jogadora de futsal profissional é de ± 14 anos, e a média de anos que participaram das Leoas da Serra é de ± 3 anos.

Quadro 01 - Síntese do Perfil das participantes

Nome	Idade	Nº de irmãs/os	Estado civil	Escolaridade	Estado em nasceu	Anos que formalmente o futebol/futsal?	Período de participação no Leos da Serra
Ártemis	38 anos	02 M	Solteira	Pós-graduação completa	São Paulo	23 anos	2 anos
Atena	29 anos	02 M 01 H	Divorciada	Pós-graduação completa	Rio Grande do Sul	14 anos	4 anos
Hebe	22 anos	01 H	Solteira	Cursando o ensino superior	Minas Gerais	8 anos	4 anos
Hecate	22 anos	02M 01H	Solteira	Superior Completo	Paraná	7 anos	5 anos
Íris	31 anos	02 M	Casada	Superior Completo	São Paulo	18 anos	2 anos

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados das entrevistas (2022)

A família foi considerada por elas como o principal grupo social que apoiou e continua a apoiar sua carreira profissional, mesmo que esteja vivendo em uma unidade federativa diferente da que nasceu e foi criada. A média foi de dois parentes fraternais, sendo a maioria irmãs, e nenhuma delas é filha única. Três eram solteiras, uma casada e uma divorciada. Nenhuma tem filhos.

A educação é uma área importante para as jogadoras, pois todas elas equilibraram a carreira com a profissionalização por meio do ensino superior, sendo que das quatro que possuem o ensino superior completo, duas também fizeram pós-graduação.

INFLUÊNCIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO BEM-ESTAR PSICOSSOCIAL DAS ATLETAS

A subseção a seguir foi redigida com o objetivo de discutir os principais pontos percebidos nas narrativas das entrevistadas, como sendo pertinentes de serem correlacionados a teoria de Bem-estar Psicológico de Carol Ryff.

A jogadora Hécate relatou abaixo sobre o início da sua atividade enquanto jogadora:

Então eu comecei a atuar com os meninos e jogava futebol de campo, e joguei várias competições com eles. Sempre me respeitaram muito (ser uma menina no meio do grupo de menino) [...], às vezes eu ficava desconfortável [...], às vezes com papo dos meninos, né? [...] é natural assim como o homem se, se ficaria desconfortável com papo de mulheres (HECÁTE, 2022).

O que são assuntos de meninos? O que é papo de meninas? Existem intersecções entre ambos? Nos anos finais da infância e no período da adolescência, o indivíduo busca afirmar quem é e o que lhe representa, e o contexto das relações de grupos com pessoas

da mesma idade é um terreno fértil para tais identificações. Entretanto, ser aceito em um grupo nem sempre é fácil pois podemos não concordar com tudo o que é dito ou imposto.

Luis M. Almeida, Helena P. Pereira e Helder M. Fernandes (2018) afirmaram que as atividades esportivas refletem o que é procurado por jovens: a possibilidade de aceitação social. Os autores complementam que quando os jovens vivenciam situações de vitórias e derrotas, isso resulta com sua aprendizagem e autoconhecimento, e conseqüentemente com a melhoria do bem-estar psicológico.

Então, a fala indicou que quando iniciou no esporte Hécate sentia um misto entre momentos desconfortáveis e confortáveis pelo fato de estar presente em um grupo composto pela maioria de meninos.

As situações confortáveis, segundo a narrativa da jogadora, foram associadas ao sentimento de inclusão no grupo e com possibilidade de reconhecimento do seu potencial, do respeito dos meninos pelas suas habilidades enquanto jogadora. Entretanto, Hécate se sentia mal pelo fato de não ter os mesmos assuntos e isso poderia lhe causar sensações negativas.

Ao ser perguntada se sofria discriminação de gênero nos dias atuais, seja por parte das/os torcedoras/es ou da mídia, Hécate (2022) respondeu que ela e as jogadoras acabaram “se calejando muito psicologicamente em várias coisas”, e que não identificava mais falas machistas ou LGBTfóbicas sendo proferidas a ela, e que se houvesse isso não a afetaria tanto quanto acontecia quando iniciou no esporte.

Essas falas podem indicar que as jogadoras demonstram uma autoaceitação enquanto uma mulher jogadora, e ao contar sobre as dificuldades vivenciadas “calejadas” pela discriminação de gênero, pode indicar uma certa naturalização dessas violências.

Sobre experiências futuras, conta que tem interesse em jogar no exterior e que já foi chamada para tal desafio, mas que não sentiu ser o momento certo, pois está comprometida com o time, o que indica que esse é o seu propósito de vida no momento. E que isso possivelmente irá mudar pois tem interesse na “experiência de conhecer países novos, mas eu não vou deixar de ser atleta” (HÉCATE,2022).

A atleta Iris contou diversas situações comparando como era ser uma menina no esporte em contraste de como é ser uma mulher no esporte. Ela foi uma das que demonstrou sentir o peso de ser um exemplo para jovens jogadoras, e que tomou para si o papel de liderança desde os primeiros anos no esporte.

Não, todo mundo vai jogar [...] Eu tomava as dores. Eu falei: Não, é nosso time também, a gente vai jogar por mais que a gente perdesse. Não tinha problema (IRIS, 2022).

Além de mostrar ter autonomia para se impor, Iris expressou segurança ao falar de seus pensamentos e defender seus ideais, pois foi ouvida pelos meninos que compunham o time e conquistou o direito de suas iguais participarem do esporte e, não apenas as meninas que jogavam melhor.

Segundo Butler (2019), quando é identificado os limites do “mundo exterior” a si, e luta contra a força de exclusão imposta, o sujeito está assumindo o domínio sobre a situação e reivindicando sua autonomia sobre as questões ligadas à sua vida, e o que o define em seu “mundo interior”. Com isso, é formada parte de sua “identidade pessoal” com o que pode ou não ser dito, o que pode ou não ser ouvido com naturalidade, e assim agregando a sua subjetividade da pessoa, o que pode ter resultado na autoaceitação de quem é e o que faz.

Comparando com as demais entrevistadas, Hebe foi a que trouxe respostas mais sucintas em relação ao roteiro de perguntas da entrevista semiestruturada em relação a saúde mental e gênero.

Seguindo as características do estudo de Ryff (1989) na fala a seguir, podemos verificar que Hebe (2022) apresenta dificuldades na autoaceitação de sua imagem, enquanto jogadora quando o jogo é televisionado.

Não, eu não gosto de me ver jogar, mas [...] mas só de saber que tá transmitindo ali, que o pessoal está conhecendo, que o pessoal tá vendo a gente jogar [...] é muito bom pra nós, para nós individualmente e para o futsal feminino. [...] eu vejo umas coisas e falo: Que burrice, por que eu fiz isso? (risos).

Entretanto, ao enfatizar ter ciência sobre a importância de se assistir para verificar questões técnicas, Hebe mostra saber como se profissionalizar e aumentar seu domínio do ambiente em questão, e se sente feliz ao ter boa relação com as colegas e seu técnico.

Ao ser perguntada sobre qual o seu propósito de vida em relação ao futsal, o rosto de Hebe parece irradiar alegria. Disse que sua trajetória nas Leas a proporciona o crescimento pessoal e que tem como objetivo: “vestir a camisa da seleção” (HEBE, 2022).

Na entrevista da Ártemis com essa atleta, foi perceptível o quanto que o crescimento pessoal e o crescimento profissional foram se fundindo no decorrer de sua vida. Ela relatou que iniciou sua carreira aos 14 anos quando teve que se mudar sozinha para outra cidade para seguir seu sonho de ser jogadora profissional, o que indica que desde jovem ela tem indícios de autonomia em suas tomadas de decisões, e na ciência para encarar as consequências de seus atos, como por exemplo não ter a família por perto.

Mesmo com todas as dificuldades, eu consegui vencer na vida, ser alguém. Sempre fui uma pessoa superresponsável, então eles nunca precisaram se preocupar comigo [...]. Então eu tenho bastante orgulho do que eu me tornei, eu sei que eles também têm bastante orgulho (Ártemis, 2022).

Este trecho da entrevista denota também que Ártemis tem um alto nível de autoaceitação perante a sua trajetória de vida, e ao falar sobre as semelhanças e diferenças nas suas vivências esportivas como uma jogadora atuante no Brasil e em outros países, Ártemis contou o seu progresso e que sempre apresentava um propósito de vida intrínseco ao esporte como, por exemplo finalizar a graduação, e depois a sua pós-graduação com temas relacionadas ao futebol/futsal.

O grupo social familiar é considerado o primeiro em que sentimos e assumimos responsabilidades tanto por nós, quanto pelos nossos pares. Suélen de Souza Andres e Silvana Vilodre Goellner (2022) indicaram em seu estudo que por meio do estímulo e apoio familiar, as jovens atletas são incentivadas a aproveitar as oportunidades de mudanças e incremento de responsabilidades.

Assim, o futebol deixou de ser visto por Artémis como *hobby* e passou a ser entendido como um trabalho com remuneração, que possibilita uma transformação social na sua vida pessoal. Ela também apresentou preocupação ao falar que as jogadoras mais novas do time não enxergam o potencial social que o futsal contém, e que não se preocupam com o futuro fora das quadras. Ela justificou que tem esse entendimento pois o esporte

de certa forma também é incerto por causa das lesões. Você pode estar ali de boas daí você por uma, não só uma besteira, mas por um pisão errado [...]você fica de molho e a tua vida, que que vai ser? Elas precisam entender a dessa desse benefício que elas têm, né? De tá formada, porque uma lesão grave você não joga mais e não tem nenhuma formação, vai trabalhar no que? Nossa experiência não conta pra outras profissões, né? (Ártemis, 2022).

Ao detalhar como os prós e contras de ser uma jogadora profissional, Artémis demonstrou o domínio do ambiente como sendo uma área de trabalho, e ao mostrar o zelo com as jogadoras, demonstrou ser uma figura de autoridade, mas ainda cultivando uma relação positiva com elas.

Bem como a entrevistada anterior, Atena fala de como a sua autonomia de morar sozinha aos quinze anos se correlaciona com o seu crescimento pessoal para que assim pudesse alcançar seus objetivos e seu propósito de vida. Então se referindo ao seu primeiro time

a gente viajava, jogava e tal. Sempre tive essa, Essa independência, essa liberdade [...]E só que depois que mora fora, tu perdes assim a tua mãe, digamos, tua família que está ali, tu tens que se virar sozinha. Ou tu acabas amadurecendo rápido, tu sabe? Tu aprendes muito mais rápido o que é certo, o que não é. [...] Aprende a lidar com as situações (ATENA, 2022).

Em diversos assuntos, Atena voltava a falar da família e o quanto o desenvolvimento de sua carreira está relacionada a relação afetiva com seus familiares.

Um assunto que merece ser apresentado é que a aceitação da homossexualidade da entrevista por parte de sua mãe, auxiliou em sua saúde mental e na autoaceitação de sua subjetividade, pois sua mãe

sempre foi muito parceira, muito amiga a gente sempre conversou abertamente sobre essas coisas. Com certeza isso me fez ficar muito mais forte pra enfrentar, né? Os preconceitos, enfrentar esse tipo de situações que poderiam acontecer fora. [...] óbvio que a gente ficava chateada de escutar certas coisas, né? Mas nunca deixei essas coisas me afetarem no que eu tinha que fazer, nos meus sonhos, no que eu queria pra mim.

A narrativa da Atena indica que ela sofreu discriminação de gênero em função da sua orientação sexual, mas que conseguiu reagir com o apoio da família, especialmente da sua mãe e de suas irmãs.

Este apoio demonstrou que eram contrárias as pelas representações normatizadas, aos processos regulatórios e às estratégias de poder que estavam subjacentes ao entorno do esporte, e ajudaram no fortalecimento da identidade (GOELLNER, 2021).

PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO E ASPECTOS SOCIOCULTURAIS EM CONTRASTE COM O FUTSAL FEMININO

Nas entrevistas que Altmann e Reis (2013) realizaram foi destacado que mulheres atletas de futsal creem que ao jogar com meninos puderam desenvolver diferentes aptidões ao jogar com indivíduos experientes, fortes e com um repertório de habilidades.

Quando as jogadoras foram questionadas sobre como começaram a praticar futebol, a resposta unânime era de que aconteceu ainda na infância, e que as primeiras experiências aconteceram junto aos grupos de garotos.

Olha, eu comecei bem novinha, tinha uns nove anos assim, eu comecei a jogar bola com os meninos [...], nessa época [...], muito difícil encontrar meninas jogando no futebol na rua né? E eu comecei jogando

no campinho perto de casa.... assim....com os meninos, e me apaixonei desde a primeira vez que eu comecei a jogar. Era algo que daí eu já comecei a fazer todos os dias (ARTEMIS, 2022)

Porque tipo era a única menina no meio dos meninos [...]. Aí depois que a gente começa a conviver junto que né? [...], Depois que...tipo... eles me conheceram que deu pra eu ver que eu realmente sabia jogar que eu poderia estar [...] no mesmo nível que eles. Depois disso eles me aceitaram (ATENA, 2022).

Nos fragmentos apresentados, podemos ver que não era fácil para as entrevistadas encontrarem meninas no esporte e que conquistaram seus espaços. Ainda que algumas entrevistadas algumas relataram que não foram acolhidas no começo, elas acreditam que ganharam o seu espaço.

tinha uns ou outros que não queria aceitar, que escolhia o time e não queria me escolher...sempre tem essa situação, mas aí tinha alguns também que eram os meus colegas e me faziam jogar ali no meio deles. (HEBE, 2022)

Ainda que o signo seja “um constructo ideal forçosamente materializado ao longo do tempo (BUTLER, 2019, p. 20)”, não se caracteriza como estático porque este sempre estará buscando a reiteração, com o objetivo de tornar a materialização completa. Ou seja, quem detêm o poder sobre o espaço, determina quem é bem-vindo e quando vai ser incluído no grupo.

Eu lembro que a gente ia jogar e os meninos deixavam tipo eu e minha irmã jogar porque ah a gente já jogava com os meninos desde mais nova, então a gente “aguentava mais”, era o que eles falavam. As outras eles não deixavam. Aí a gente falava: **Não, todo mundo vai jogar** [...] Eu tomava as dores. Eu falei: Não, é nosso time também, a gente vai jogar por mais que a gente perdesse. Não tinha problema (IRIS, 2022).

Assim, com base na teoria de Butler podemos considerar que as instabilidades enfrentadas continuam a deixar a rematerialização de meninas no futebol como uma possibilidade distante, pois nesse caminho, ela esbarra em rearticulações com as quais a força da lei regulatória volta-se contra si mesma.

Talvez esse momento de colocar-se em posição de oposição a exclusão das outras meninas pode ter sido um “ato” singular na história de vida de Íris, mas com a repetição de situações vivenciadas em outros dias e contextos objetivando o espaço delas dentro do futsal – e retirando estas meninas da posição de abjetas e invisíveis no esporte- a circunstância encaixa-se na performatividade de gênero se forem “como uma prática reiterativa e citacional por meio da qual o discurso produz os efeitos daquilo que nomeia” (BUTLER, 2019, p. 22).

Ana Paula de Queiroz Bambace, Anna Beatriz Vargas Panfili e Juliana Aparecida de Oliveira Camilo (2020) explicam que as atividades esportivas não existem por si só - assim como outros fenômenos sociais – estão vinculadas a instituições externas e submetidas a regras e relações de poder, podendo isso ser de modo sutil ou escancarado.

Como mencionado por Butler (2017) a performatividade de gênero almeja o exercício da liberdade de ser quem é em público, com risco de esbarrar em condições que podem levar a precariedade. O que pode ser visto quando Ártemis (2022) narrou sobre ter se mudar para a casa de um parente homem que morava em uma cidade com mais oportunidades para o futebol feminino, mas que ele, no início, não aceitara que ela praticasse tal esporte e precisava “jogar escondida e tinha que colocar amigas minhas pra ficar na rua olhando” para evitar de “apanhar em casa”.

Com essa fala, foi possível observar que Ártemis estava seguindo o contrato hetonormativo imposto por meio do medo pelo familiar, mas que isso não a impediu de dar seus primeiros passos no esporte. E que sua vida mudou na adolescência ao receber “uma proposta pra jogar num time profissional (ÁRTEMIS, 2022), em uma cidade maior e com a oportunidade de desfrutar de uma bolsa de estudos. Disse que sua mãe foi sua maior incentivadora e que a apoiava nas suas decisões, pois a filha iria “ganhar uma ajuda de custo e é o sonho dela, o que ela quer fazer”.

Em suas falas, foi possível observar uma certa gratidão por parte de Ártemis sobre o que sua mãe fazia por ela. Todavia, a jogadora também relatou sobre as dificuldades enfrentadas por estar sozinha em uma cidade nova e por ser a caçula do grupo pois lá “não existia categoria de base, [...] eu era mais nova e a segunda menina atleta mais nova tinha dezenove”. Ao ter se sujeitar a isso, e querer continuar neste time, ela aceitou as condições da própria subordinação o que pode ser entendido quando visto por meio da ótica de Butler (2017), necessário para persistir nesta empreitada.

As condições impostas para que ela ascendesse no esporte são partes determinantes do que a levou a ser quem é hoje, pois elas se fazem presentes tanto nos atos dessa formação como sujeito, quanto nos atos decorrentes dela como sujeito (BUTLER, 2017).

Por isso, como podemos ver na narrativa a seguir Ártemis (2022) demonstrou ser uma entusiasta de haverem categorias de base para meninas:

É a igualdade de gênero, é o empoderamento feminino principalmente e as nossas ações sociais, né? Que a gente se preocupa com o projeto social, Escola de Leoas, sabemos o que essa representatividade é que nos faz sermos ferramenta de transformação pra essas atletas, pra essas meninas de cinco a dezessete anos que fazem ali as escolinhas, né? Então elas, eu sei que elas nos enxergam como um exemplo a ser seguido.

A entrevistada demonstrou reconhecer o poder de sua influência frente a novas jogadoras, principalmente em enxergar que o seu começo no futebol pode ser semelhante ao que está sendo vivenciado por elas e seus familiares, mesmo com duas décadas de distância temporal. Ao se utilizar como exemplo de perseverança e dedicação, mesmo com situações adversas neste esporte, tornou-se uma história a ser seguida.

Se não houvessem ocasiões de resistências, é provável que não existem times profissionais de futsal feminino no Brasil e no mundo. Mas, infelizmente, ainda hoje é difícil para as mulheres essa saída das categorias amadoras do esporte para tornar-se uma profissional de futsal feminino com salário digno. Não é viável permanecer no futebol apenas pelo amor ao esporte, portanto é importante um reconhecimento no que se refere à remuneração para que as atletas possam se manter com o que ganham com o esporte e valorizar o futsal como uma profissão.

INDICATIVOS RELACIONADOS A PRECONCEITOS E DISCRIMINAÇÕES EM VIVÊNCIAS ESPORTIVAS

Grande parte das perguntas do roteiro da entrevista semiestruturada foram pensadas para suscitar a apresentação de narrativas sobre como a vivências de preconceitos, discriminações e violências relacionadas aos papéis sociais de gênero e influência destes na saúde mental.

No decorrer da análise foram observadas narrativas consideradas como fragmentos de experiências de discriminações. Isso foi possível, pois ao interpretar as narrativas das entrevistadas à luz da teoria butleriana, encontrou-se o modo de compreender que as construções sobre gênero e sexualidade não são ontologicamente fixos, pois são abertos a revisão, e assim com a possibilidade de serem encontrados em

maneiras diferentes de desfazer ou refazer as normas sociais encontradas culturalmente (BUTLER, 2017).

Luiza Klein Alonso (2003) já falava que relatar os preconceitos sofridos por mulheres no esporte, e buscar visibilidade para elas requer coragem tanto como se fosse colocar a mão em uma caixa de maribondos. A autora salienta que ao decorrer dos anos, foi ficando cada vez menos frequente ouvir sobre comportamentos abertamente machistas e autoritários.

Após relatar sobre preconceitos na sua infância no futebol, Atena (2022) falou que a partir do momento em

fui crescendo esses preconceitos (de ser uma mulher jogadora) acabaram assim, não tive mais episódios disso. Era mais... Nem sei de posso falar... Penso que sim, “assédio” por ‘Ah você tem a perna grande’, ‘Olha o tamanho da tua bunda’ [...] mas essa coisas depois de grande que eu passei a sofrer, mas perante as redes sociais e não pessoalmente.

Segundo Goellner (2005) esses supostos elogios as características corporais fazem parte da erotização atribuída a espetacularização das práticas esportivas a partir da década de 70, ao se expandir os locais que poderiam ser praticadas ou visualizadas. A autora complementou que a imagem da atleta contemporânea retoma atributos dito como femininos como a graciosidade e a saúde, mas acrescenta marcas de beleza e sensualidade ao estar exercitada fisicamente, e dessa maneira um corpo absolutamente desejável aos olhos dos espectadores.

A fala de Atena vai ao encontro do que Julia Botelho de Faria Borges, Raoni Perrucci Toledo Machado e Waleska Vigo Francisco (2021) visualizaram o futebol como um esporte que carrega o preconceito enraizado e velado da sociedade, que pode ou não acontecer por meio de comportamentos, mas também por meio de verbalizações, as quais muitas vezes podem ocorrer de forma sutil. E por isso, é difícil para as esportistas identificarem se estão sendo alvo de um elogio ou de um ato preconceituoso, o que pode acarretar em responder que nunca sofreu discriminação na carreira esportiva (BORGES; TOLEDO; FRANCISCO, 2021).

Retomado a análise das falas das entrevistadas, a presença da desigualdade de gênero foi visível em todas as entrevistas. Uma das situações que foi possível observar por Ártemis (2022) ao narrar que o time das Leoas da Serra não recebeu os mesmos incentivos da prefeitura, quando comparados ao que são fornecidos ao time local de futsal masculino. Ao se referir as Leoas como sendo “um dos dez melhores times do mundo, e aí o masculino que não ganha nada eles querem mandar de ônibus. Entendeu? Sim. Por que que é a minha briga? Porque você vê que não é pra merecimento. É a desigualdade de gênero mesmo e isso aí me afeta demais”.

Entretanto, uma frase de Ártemis (2022) contextualizou o porquê o preconceito com o futsal feminino vindo dos torcedores não existe, ou pelo menos não é escancarado: “Eles pagam para nos ver toda a semana. Por que teriam preconceito? [...] Teve jogos que tivemos público pagante de 10 mil em Lages”.

Contudo, as jogadoras identificam outro tipo de preconceito que vivenciaram fortemente antes de ingressarem no Leoas da Serra: o racismo.

Hebe (2022) disse que a situação que mais a machucou foi quando ela era adolescente e estava jogando em um time de Santa Catarina, e sofreu “preconceito por causa da cor, né? Sempre tem, sempre tem [...] uma vez ouvi na arquibancada, mas fingi que não ouvi”. Ela acrescentou que ficava indignada quando aconteciam momentos de racismo no esporte e que aquele ano por ser jovem “você não sabe o que fazer, não sabe, não sabe o que falar, argumentar, então só sente por dentro e depois tenta dissolver aquilo”.

Iris (2022) relatou que nunca presenciou racismo quando estava em quadra. Entretanto que em jogos que ela estava na torcida, já ouviu relatos racistas advindo de outros torcedores e que ela teria ficado indignada com a situação, principalmente porque quando pediu para que repetissem, os torcedores se negaram.

Goellner *et.al*, (2009) salientam que essa é uma das principais dificuldades de se combater o racismo, pois esta discriminação é comumente negada e considerada como sendo algo trivial, não-agressivo e como parte de um chiste.

Portanto, o racismo afeta não só as jogadoras negras, mas também as jogadoras da equipe e é um desafio atual para que seja estudado sobre seus impactos na saúde mental das jogadoras de futsal feminino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer na análise das entrevistas, foi observado o contraste entre as narrativas das entrevistadas e as expectativas da pesquisadora. Era esperado que houvessem mais narrativas sobre a discriminação de gênero, por se tratar de uma cidade do interior do Estado de Santa Catarina, e por esta ser considerada por alguns/mas de seus/suas moradoras/es como uma cidade conservadora e machista.

Ao atuarem como jogadoras de futsal feminino rompem com estereótipos e subvertem os papéis sociais historicamente postulados pela sociedade. Entretanto, ainda há avanços que precisam ser feitos, como a equiparação salarial entre jogadoras e jogadores de futsal. Outra temática que merece destaque é a discriminação racial no futsal feminino atrelada aos estudos de gênero, as representações sociais e saúde mental no futsal para que assim possamos desconstruir preconceitos e discriminações.

Apêndice 5 – Comprovante de submissão de artigo

BRASIL
(HTTPS://GOV.BR) (http://rdi.ufpr.br/)



BIBLIOTECA DIGITAL
DE PERIÓDICOS
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
(HTTP://REVISTAS.UFPR.BR/)

Capa (<https://revistas.ufpr.br/psicologia/index>) > Usuário (<https://revistas.ufpr.br/psicologia/user>) > Autor (<https://revistas.ufpr.br/psicologia/author>) > Submissões
(<https://revistas.ufpr.br/psicologia/author>) > #89077 (<https://revistas.ufpr.br/psicologia/author/submission/89077>) > Resumo (<https://revistas.ufpr.br/psicologia/author/submission/89077>)



INTERAÇÃO EM PSICOLOGIA

Departamento de Psicologia

ISSN 1981-8076

Banner SIBI / C3SL

#89077 SINOPSE

RESUMO ([HTTPS://REVISTAS.UFPR.BR/PSICOLOGIA/AUTHOR/SUBMISSION/89077](https://revistas.ufpr.br/psicologia/author/submission/89077)) AVALIAÇÃO ([HTTPS://REVISTAS.UFPR.BR/PSICOLOGIA/AUTHOR/SUBMISSIONREVIEW/89077](https://revistas.ufpr.br/psicologia/author/submission/review/89077)) EDIÇÃO
([HTTPS://REVISTAS.UFPR.BR/PSICOLOGIA/AUTHOR/SUBMISSIONEDITING/89077](https://revistas.ufpr.br/psicologia/author/submission/editing/89077))

SUBMISSÃO

Autores	Amábilie Kirchner, Mareli Eliane Graupe, Cleonice Gonçalves da Rosa		INCLUI
Título	FUTSAL FEMININO E PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO: (IN)EXISTÊNCIA DE INFLUÊNCIAS NA SAÚDE MENTAL?		
Documento original	89077-358063-3-SM.DOCX (HTTPS://REVISTAS.UFPR.BR/PSICOLOGIA/AUTHOR/DOWNLOADFILE/89077/358063/3) 14-12-2022		
Docs. sup.	89077-358064-1-SP.DOCX (HTTPS://REVISTAS.UFPR.BR/PSICOLOGIA/AUTHOR/EDITSUPFILE/89077/56242) 14-12-2022		
	89077-358065-1-SP.DOCX (HTTPS://REVISTAS.UFPR.BR/PSICOLOGIA/AUTHOR/EDITSUPFILE/89077/56243) 14-12-2022		
Submetido por	Dra Cleonice Gonçalves		
Data de submissão	December 14, 2022 - 07:29 PM		
Seção	Relatos de Pesquisa		
Editor	Nenhum(a) designado(a)		
Comentários do Autor	Prezado Editor, Apresento o manuscrito intitulado "FUTSAL FEMININO E PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO:(IN)EXISTÊNCIA DE INFLUÊNCIAS NA SAÚDE MENTAL?" para ser considerad		

SITUAÇÃO

Situação	Aguardando designação
Iniciado	14-12-2022
Última alteração	14-12-2022

